



O TEMPO

O MODO, COMO, TRANQUILO,
O TEMPO DECORRIA ERA A LUA ALTÍSSIMA PASSANDO PELO CÉU

de CLARICE LISPECTOR



Curadoria Roberto Corrêa dos Santos

ROCCOINHA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

O MODO, COMO, TRANQUILO,

O TEMPO

DECORRIA

ERA A LUA ALTÍSSIMA PASSANDO PELO CÉU

de CLARICE LISPECTOR

CURADORIA | ROBERTO CORRÊA DOS SANTOS

ROCCO 

ÍNDICE

PARTE I | Correspondência

Minhas queridas

Cartas perto do coração

PARTE II | Laços de família

PARTE III | Felicidade clandestina

PARTE IV | Clarice na cabeceira – jornalismo

PARTE V | O lustre

PARTE VI | A cidade sitiada

PARTE VII | A maçã no escuro

Pontuações

Créditos

A Autora

O Curador

PARTE I

Correspondência



MINHAS QUERIDAS

Entre as qualidades do dinheiro não está a elasticidade.

Não fique nervosa se não puder entender a letra. Conte até 10, dê uma volta pelo jardim e volte à tarefa com o espírito de sacrifício cristão.

Viva como viveria uma princesa, isto é, sem cuidados, sem preocupações. Durma ou pelo menos se deite depois do almoço. Dê um pequeno passeio de manhã. E seja feliz e descansada. Lembre-se do “tranquilismo de Lin Yutang”. “Não fazer nada” é uma das ocupações mais produtivas do homem.

Cheguei mesmo à conclusão de que escrever é a coisa que mais desejo no mundo, mesmo mais que amor.

Atravessei parte do Saara. É uma coisa de meter medo. Nunca vi tanta solidão. A areia não é branca, é creme. É maior que um mar.

Cuide-se como se você fosse de ouro, ponha-se você mesma de vez em quando numa redoma e poupe-se.

Procuro fazer e cumprir um programa de certa pureza; o que é difícil pelas contínuas interferências, mas não impossível. Procuro também fazer com que minha vida não seja cercada de excessos cômodos, o que me abafaria. Todas as vezes em que cedo e converso demais com as pessoas fico com uma penosa impressão de devassidão e entrega.

Num dentista encontrei uma mulher simpática que quis vir aqui e veio. Ó chateação! Dei-lhe chá, olhamo-nos, procuramos uma conversa, ela foi embora. Ela já telefonou para voltar, mas jamais estarei em casa. Ela é

distinta; mas e eu com isso? Não posso abrigar todas as pessoas distintas no meu pobre seio.

Sonhei que alguém dava às pessoas o sono perdido; e que a mim perguntavam: perdeu mil ou dois mil de sono? Mas antes sonhei que estava num jantar onde estava presente... Deus. E Deus era representado por um enorme bolo todo luminoso; e porque alguém estava atrasado, o bolo se afastava zangado até que eu dava uma desculpa. Que coisa doida.

O rádio está ligado para Roma, para a Academia Santa Cecilia, onde há um concerto de música moderna contemporânea, de autores italianos. Estamos ouvindo harpa. (O autor não ouvi bem.) A música é de 1939. Disse o *speaker* lendo um comentário muito inteligente, que esse compositor usou o instrumento romântico para uma peça que não é romântica; que ele tirou o elemento decorativo da música (é bom como observação, não é?) e que usa a matéria musical como um artesão, e que já não sei que chinês dizia que a arte era o aproveitamento da matéria-prima. Realmente a música que estou ouvindo não tem por assim dizer “história”. Parece um bordado de sons, um manejar puro de notas.

Não sei o que querem do Brasil: fala-se no calor e nos mosquitos de lá. A Itália cheia de civilização, fascismo, renascença, tem no verão um calor às vezes acima do carioca, e quanto a mosquitos, você vê, de todas as qualidades.

Os embaixadores me respeitam... As pessoas me acham “interessante”... Eu concordo com tudo, também, nunca discordo do que se diz, tenho muito tato e conquisto as pessoas necessárias. Como você vê, sou uma boa senhora de diplomata.

As pirâmides, que eu vi à noite e também de dia, são impressionantes, sobretudo à noite. E junto da esfinge leram minha sorte na areia do

deserto... e não disseram nada. O maometano disse que eu tinha “white heart”, coração puro... O que eu tenho na verdade é um coração pequeno onde já não cabem coisas, tão cheio de amor guardado ele é.

Eu infelizmente sou um espírito cansado e “blasé”; pouca coisa me entusiasma, eu bebi demais na literatura. Mas como deixar por exemplo de ler e escrever por um tempo? No caminho em que eu entrei eu tenho que aprofundar ao máximo até meus defeitos, quanto mais tempo passar mais enfronzada eu deverei estar no que eu faço – só assim conseguirei um arremedo de perfeição.

Não posso ver um cão na rua, nem gosto de olhar. Você não sabe que revelação foi para mim ter um cão, ver e sentir a matéria de que é feito um cão. É a coisa mais doce que eu já vi, o cão é de uma paciência para com a natureza impotente dele e para com a natureza incompreensível dos outros.

Se você quer fazer regime pelo amor de Deus cuide de não se enfraquecer. Vá a um médico para saber que espécie de coisas você deve deixar de lado, mas alimente-se bem, você não é um passarinho, é uma mulher linda.

Não ponha pó de arroz em baixo dos olhos, isso é inteiramente contra qualquer processo de maquiagem (estou rindo).

Temos ido como sempre ao cinema e saio meio tonta do cinema, de tal forma estou sempre disposta a perder a consciência das coisas e a me entregar à inconsciência.

Sou como o papagaio da anedota: não falo, mas penso muito, presto muita atenção.

Vocês nunca experimentaram o que é receber cartas quando se está fora, sobretudo fora como eu, inteiramente fora: pergunta-se sem esperança mas cheia de esperança e quase certeza: há cartas para mim? E se respondem: chegou, esta – então eu fico boba de surpresa e de reconhecimento.

Queridas, que a paz esteja convosco. Essas são palavras mágicas que dão alguma coisa. Que a paz esteja convosco, a saúde, a serenidade, a alegria. E meu amor também. Até breve, escrevam.

Mas por que afinal eu hei de observar minha natureza como se ela fosse um pecado? Por que não ver com franqueza e sem recriminações que eu tenho a pior espécie de esnobismo, que é o de não ter prazer nas “coisas do mundo”? estou rindo.

Na verdade eu tenho um temperamento pobre. Acontece que os dois gramas de força íntima que eu tenho eu gasto no meu trabalho e no meu desejo de trabalho – e não resta para mais nada. E já notei, que se eu não trabalho então, esses dois gramas eu também não sei dar. Não é engraçado?

Expandir-se é a própria alegria de viver.

Gasto muito a cabeça pensando, repensando e me preocupando e resolvendo mentalmente todos os problemas, estou sem memória. Aliás o médico disse que estou perdendo fosfato. Fomos ver ontem de tarde um filme de Carmem Miranda e de noite encontramos umas pessoas que nos falaram do filme e eu disse com a maior calma: é sim, nós vimos um dia desses esse filme. E fiquei boba quando “soube” que tinha sido nessa mesma tarde.

Eles todos são ótimos. Só que são de outra espécie absolutamente. A senhora é o tipo da boa senhora, de família, simples, boazinha. Mas eu vivo

me contendo para não abrir a boca porque tudo o que eu digo soa “original” e espanta.

Só não tenho um cachorro aqui porque nunca mais terei cachorro, para não ter que abandonar depois.

Durante um só dia tudo fica claro e tudo fica escuro e de novo tudo claro. O que é preciso é não ir demais contra a onda. A gente faz como quando toma banho de mar: procura subir e descer com a onda. Isso é uma forma de lutar: esperar, ter paciência, perdoar, amar os outros. E cada dia aperfeiçoar o dia.

Ninguém tem direito de torcer e moldar demais destinos, mesmo que sejam os dos próprios filhos, suponho.

Quem faz arte sofre como os outros só que tem um meio de expressão.

Não sou muito normal, sou desadatada, [sic] tenho uma natureza difícil e sombria. Mas eu mesma, com esse temperamento e essa anormalidade de todos os instantes – se eu não trabalhasse estaria pior. Às vezes penso que devia deixar de escrever; mas vejo também que trabalhar é a minha moralidade, a minha única moralidade.

Se eu não trabalhasse, eu seria pior porque o que me põe num caminho é a esperança de trabalhar.

E eu de novo estou junto da máquina e interrompo meu trabalho rude que é tão duro como quebrar pedras.

Você me pergunta se eu tenho trabalhado. Não sei se tenho trabalhado: meu trabalho não tem aparecido. Acho que ele consiste na maior parte do tempo em me vencer. Em vencer meu cansaço e minha impotência.

É um trabalho acima de minhas forças, eu diria, se ao mesmo tempo não visse que o que eu escolho para fazer é a única coisa que posso. Se isso se chama poder. O que me atrapalha é que vivo permanentemente cansada.

Minha tendência seria a de pensar apenas e não trabalhar nada... Mas isso não é possível. O trabalho de compor é o pior.

Gasto muito de minhas forças procurando formar uma vida severa e austera, procurando me esvaziar de pequenos prazeres – só assim se consegue o tom de vida que eu gostaria de ter. Mas é exaustivo também. Eu gostaria de ter um aparelho matemático que pudesse ir marcando com absoluta justeza o momento em que eu progredi um milímetro ou regredi outro.

Minha impressão é a de que eu trabalho no vazio, e para não cair eu me agarro num pensamento e para não cair desse novo pensamento eu me agarro em outro.

Eu mesma vivo me levantando e caindo de novo e me levantando. Não sei qual é o bem disso; sei que é dessa forma confusa de vida que eu vivo.

Meu desejo mais obscuro era dar minha cabeça para alguém dirigir; que alguém me dissesse todos os dias: hoje faça isso, hoje corte isso, hoje aperfeiçoe isso, isto está bom, isto está ruim. Uma pessoa que quisesse “tomar minha direção” seria bem-vinda.

Nunca sei se quero descansar porque estou realmente cansada, ou se quero descansar para “desistir”.

Meu amor, no meio de tudo, tua existência me abençoa.

Não tenho feito nada propriamente, senão levado uma vida exteriormente calma e interiormente ocupada, se é que se chama assim.

Estou, desde o começo da carta, procurando vestir uma roupa mais decente, ou pelo menos não contar que hoje comi bife com cenoura e salada de tomate e depois pêssego e depois café. E eis senão quando, já disse!

Ontem fui comprar flores para enfeitar, e achei um lugar maravilhoso: é um jardim enorme, com um corredorzinho sombrio que leva a ele. Chega-se lá, entra-se numa casinha de teto de vidro e se diz: quero comprar flores. Então a mocinha com avental e meias compridas de algodão, pega numa tesourona e sai com a gente, mostra o jardim enorme e diz: quais? A gente escolhe: essas amarelas. Então ela corta da planta mesmo uma dúzia de flores amarelas, enrola no papel e dá. Não é bom?

Muitas histórias ela termina assim: ah, os homens, a senhora sabe... Finjo que sei, e talvez saiba mesmo.

Amor que os outros têm pela gente cria mais deveres do que o amor que a gente tem pelos outros.

Já há uns quinze dias que estou, sem interrupção, num paraíso de bom humor e de alegria de sol, de boa vontade. A boa vontade é um fator muito mais importante do que a gente pensa. A gente não muda um pouco de ponto de vista quanto às coisas porque tem medo de sair da própria pele e do próprio sistema. Mas às vezes basta resolver estar simples, e o milagre se realiza.

Será inútil dizer alguma mentira para mim, juro que sinto quando não é verdade. Quando não é verdade, absorvo a mentira mas fico ansiosa e sem base, sinto alguma coisa que me demonstra que não é verdade.

É naturalmente preciso e louvável que se queira corrigir nos filhos as próprias incorreções; mas é preciso não ultrapassar, porque se cairia em

erro oposto.

Não somos nós que somos cruéis, a vida é que é, e nós somos os elementos vitais dessa vida, e não se chama crueldade viver a vida.

Junto de você, eu me sinto mais livre, e, de um modo largo e geral, perdoada. É sua própria pessoa que me perdoa, e não os seus atos.

As necessidades de uma vida não têm nada a ver com os deveres de uma vida. As necessidades são verdadeiras inspirações.

Você tem rido, querida, achado graça nas coisas, tido bom humor? Tem tido tempo moral de olhar um pouco ao redor, com um olhar tranquilo? Tem tido gosto em repousar vendo uma revista? Tem se dado presentes, tem feito favores a você mesma, tem tirado folgas?

Não sei nem como me perdoar a inconveniência de escrever. Mas já me baseei toda em escrever e se cortar este desejo, não ficará nada.

Por favor, querida, corte as preocupações inúteis, raciocine com clareza e veja que as coisas amolarão do mesmo modo, quer você se preocupe ou não.

O seu primeiro dever é estar bem, querida, acredite nisso, peço-lhe por tudo.

Como lhes disse, ele nasceu com grande cabeleira negra, fizeram chuca-chuca desde o primeiro momento. Os olhinhos são muito vivos, tem um choro muito forte, parece de um marreco chamando outros marrecos num rio.

Escrevi no mínimo umas 3 e rasguei-as porque pretendo “rasgar” também todo e qualquer sentimentalismo e deixar os outros em paz... Tentarei, por

todos os meios – e que Deus me ajude nisso porque preciso – tentarei por todos os meios exigir menos amor e atenção dos outros, e também exigir menos que as pessoas se deixem amar.

Farei o possível para não amar demais as pessoas, sobretudo por causa das pessoas. Às vezes o amor que se dá pesa, quase como responsabilidade na pessoa que o recebe. Eu tenho essa tendência geral para exagerar, e resolvi tentar não exigir dos outros senão o mínimo. É uma forma de paz.

Em geral se pode ajudar muito mais as pessoas quando não se está cega pelo amor.

Tudo que consegui na vida foi à custa de ousadias, embora pequenas.

Deus me livre não gostar da Inglaterra, tenho que adorá-la, mesmo que para isso precise separá-la em duas: a Inglaterra de minhas dificuldades e a Inglaterra dos escritores que mais amo.

O pior, no estrangeiro, é que não posso adivinhar o que as pessoas são ou sentem ou pensam ou fazem. Tenho que ficar com a figura física de cada um.

Uma das coisas mais maravilhosas da vida é que o aprendizado é contínuo.

Em vários sentidos, a prevenção atrapalha... e com isto estou descobrindo a pólvora.

Não adianta se preocupar pois para cada problema existem muitas soluções.

Não acho que se deva pensar que se é formidável e que não se cansa os outros; claro que isso pode acontecer, e mutuamente, e sadiamente, pois

faz parte do ser amigo ter também o direito de se irritar e de se chatear às vezes: quando isso nunca acontece é porque a pessoa não está à vontade.

Ter este sentimento, de cansar os outros, com muita frequência ou com muita intensidade, já é neurótico... E eu sei disso: sou mestra.

Um dia desses, ao comprar roupas para as crianças com Avany, esta me induziu a comprar um vestido de noite curto. Ainda sou tão pouco madura para a minha idade, que só compro coisas quando tenho a desculpa de que “fui mandada”. Mas, se Deus quiser, isso há de mudar.

Quando sou mandada, me sinto mal e revoltada..., esquecendo de que sou eu mesma quem cria a situação de ser mandada. Que complicação!

Paulinho está muito engraçado e sem-vergonha, com probleminhas de ir para a escola. Hoje, à porta da escola, começou a vomitar, e trouxe ele de volta. Filhos, hein!

Paulinho me perguntou que é que eu faria se Deus tivesse me dado, em vez *de boys, uma árvore...* Achei que seria provavelmente mais fácil.

A verdade é que não consigo me concentrar. E o dia se passa, partido em mil coisas vagas ou concretas, mas partido.

Já me parece sinceramente não pertencer mais a nenhum lugar, tenho medo disso.

Vamos deixar o futuro ao futuro.

Então, eu, que sempre evito me colocar em situação de poder ser rejeitada, fiquei mais corajosa e, sob a sugestão de minha professora de inglês (nós só conversamos, não estudo nada...), mandei um conto para outra revista. E a revista não gostou nem aceitou. *Acho que estou ligeiramente mais forte.*

CARTAS PERTO DO CORAÇÃO — FERNANDO SABINO E CLARICE LISPECTOR

Berna é linda e calma, vida cara e gente feia; com a falta de carne, com o peixe, queijo, leite, gente neutra, termino mesmo dando um grito e comendo o primeiro boi de alma doente que eu encontrar; falta demônio na cidade.

Talvez estejam me achando excessiva, não faz mal, corro o risco.

Eu quase tenho vergonha de dizer que as pirâmides são assustadoras, principalmente de noite, sem luar, e que a esfinge me impressionou. Mando a fotografia – a fotografia é muito mais nítida e mais bela que o original; com a fotografia tem-se imediatamente uma sensação que diante da esfinge é mais lenta e mais difícil.

Como é que você me pergunta o que eu faço às três horas da tarde? Ou já falamos sobre isso? às três horas da tarde sou a mulher mais exigente do mundo. Fico às vezes reduzida ao essencial, quer dizer, só meu coração bate.

Por estranho que pareça, estou estudando cálculo das probabilidades. Não só porque o abstrato cada vez mais me interessa, como porque eu posso renovar minha incompreensão e concretizar minhas dificuldades gerais.

Digo a mim mesma: não adianta desesperar, desesperar é mais fácil ainda que trabalhar.

Dei um ar de tristeza? não, dei um ar de alegria.

Tem dias que me deito às 3 da tarde e acordo às 6 para em seguida ir para o divã e fechar os olhos até as 7 que é hora de jantar. Isso tudo não é

bonito. Sei que é horrível. Caí inteiramente e não vejo um começo sequer de alguma coisa nascendo.

Não sei aprender ainda a desistir e tenho medo de desistir e me entregar porque não sei o que virá daí.

Até agora eu mesma me ergui sempre mas é um esforço muito grande e naturalmente estou bem cansada. Esta vida íntima que chega a um ponto de não ter nenhum sinal exterior, termina por me tirar a direção e o sentido das coisas. Me parece que cheguei a um ponto de onde não posso mais sair.

Não quero empregar grandes palavras, mas isso é insuportável e eu tenho suportado segundo por segundo.

Estou cheia de problemas e cada dia um deles entra em estado de crise, sem socorro. Interrompi mesmo o trabalho, minha impressão é de que é para sempre.

Ia me fazer muito bem abrir afinal meu coração e mostrar afinal a alguém que fechasse os olhos e não ouvisse, que horror se pode guardar numa pessoa.

A solidão de que sempre precisei é ao mesmo tempo inteiramente insuportável.

O que importa é que fiquei como estou agora, bem na primavera.

De repente me pareceu que eu devo continuar a trabalhar, que tudo está ruim, mas que é assim mesmo, que as coisas são desconhecidas até que rebentam numa conhecida.

A pessoa está só no mundo de modo que deve tomar certas providências urgentes de silêncio e meditação.

De vez em quando a gente pode receber este presente gratuito que é a palavra amiga de um amigo.

Mando depressa este momento de felicidade para você, e espero que ele vá incendiando papéis e ervas por onde passar.

Esse estado de graça é apenas uma alegria que não devo a ninguém, nem a mim, uma coisa que sucede como se me tivessem mostrado a outra face.

Talvez seja orgulho querer escrever, você às vezes não sente que é? A gente deveria se contentar em ver, às vezes.

Acho que sou tão seca que corto o movimento das pessoas. E só quem é assim é que pode compreender como é ruim ser assim.

Estou aqui em pleno outono, e apesar de ser outono, apenas por ser “pleno”, tem o mesmo fulgor de primavera plena, de inverno pleno – a impressão que dá é que alguma coisa está madura.

Digo adeus, que é rima pobre e nua, mas, ai de nós, absoluta.

Já dei vários nomes à fera, mas cada vez que dou um nome ela sacode os ombros de cobra e diz muito budista: que importa.

Penso, com muita estranheza aliás, que talvez a vida seja a morte e quando a gente morre, acorda e vive, com medo de morrer, quer dizer, de tornar a viver.

Cessei de me interrogar sobre se estou ou não contente de viver na Suíça. Cheguei à conclusão que não importa. Agora não sei lhe explicar se não

importa viver aqui ou ali, ou se não importa estar ou não contente.

Acho que estou dispensada de falar de Washington – felizmente vocês conhecem, e assim não preciso tentar tornar concreta essa cidade vaga e inorgânica. É bonita, segundo várias leis de beleza que não são as minhas. Falta bagunça aqui, e não compreendo cidade sem esta certa confusão. Mas enfim, a cidade não é minha.

Como você vê, estou num dia tão pacífico que poderia estar escrevendo de um curral, com perdão pela palavra implícita.

E o tempo se conta mesmo em anos. Deus me livre se fosse em dias.

Sempre quis “jogar alto”, mas parece que estou aprendendo que o jogo alto está numa vida diária pequena, em que uma pessoa se arrisca muito mais profundamente, com ameaças maiores.

Parece que estou perdendo um sentimento de grandeza que não veio nunca de livros nem de influência de pessoas, uma coisa muito minha e que desde pequena deu a tudo, aos meus olhos, uma verdade que não vejo mais com tanta frequência.

Quanto às leituras, variadas, provavelmente erradas, a mais certa é a *Imitação de Cristo*, mas é muito difícil imitá-lo, e isso é menos óbvio do que parece.

Sou tão preguiçosa que choro à ideia de estar tendo trabalho destinado à cesta.

Sinto falta de você que sabe dizer coisas tão boas que animam e põe a pessoa de novo no centro das coisas.

Não é por vaidade de rosto que não gosto que me vejam de olhos vermelhos, é por uma vaidade que, por ser menos frívola, é muito mais pecado: é por orgulho ou altivez ou seja lá o que for – enfim, vaidade mais grave.

Maury diz que eu costumo ter reações pessoais a coisas chamadas “de praxe”.

Eu seria capaz de pedir sinceramente a alguém que não apanhasse minha luva caída no chão para não amolar esse alguém, sem entender que incômodo é não apanhá-la, que incômodo é não fazer o que é “de praxe”. (O exemplo da luva é só pra exagerar, até que deixo apanharem minhas luvas, senão perderia todas.)

Não tenho nada o que dizer. Acho que é assim que pouco a pouco os velhos honestos terminam por não dizer nada.

Não tendo absolutamente nada o que dizer, dá uma vontade enorme de dizer. O quê? Quando não tenho o que dizer, fico com vontade de “passar a limpo” tudo ou então de “apagar tudo” e recomeçar, recomeçar a não ter o que dizer.

Então viro criança e minha vontade seria depender inteiramente de outra pessoa e esperar dela todos os ensinamentos. Ou então viro mãe e me preparo toda para dizer grave: as coisas são assim e assim, meu filho.

Por não ter absolutamente nada o que dizer, até livro já escrevi.

Aquele jogo que você certamente já brincou um dia: o jogo de “vamos ver quem pisca antes”, quem aguenta mais tempo ficar com os olhos bem abertos. Quem piscar é castigado. Humildemente, informo que sempre pisquei antes, tenho longo passado a piscar.

Este é um ghost chamado Clarice escrevendo para você.

Esperas que fazem mal, me atrapalham, fazem de mim uma impaciente.

Minha vontade de me livrar das coisas é quase doença.

Minha vontade seria mesmo viver em estado conceituoso, é tão mais calmo, dorme-se tão melhor.

Meditar comigo é sempre uma coisa esporádica, além do que tenho que vencer minhas próprias teimosias.

Meditação é coisa que me deixa com olheiras e com frio – e é neste estado que estou escrevendo a você agora.

Cada um de nós oferece sua vida a uma impossibilidade.

A impossibilidade está mais perto de nossos dedos que nós mesmos. Pois a realidade pertence a Deus.

Temos um corpo e uma alma e um querer e nossos filhos – e no entanto o que verdadeiramente somos é aquilo que o impossível cria em nós.

Pensamentos que mal se formam, e perdem a forma como a figura de uma nuvem. Embora essa formação e desmanchamento sejam o próprio modo tosco como avançamos.

Tão inescapável é a lentidão de nosso formar e desmanchar que o próprio prazer nisso nos dá a graça.

Tão lentos somos no avançar que só a impaciência do desejo nos deu a ilusão de que o tempo de uma vida é bastante.

A concretização de uma pessoa é muito difícil. Mas não irrealizável.

O avanço consiste em criar o que já existe. E em acrescentar ao que existe, algo a mais: a imaterial adição de si mesmo.

Sem servir há pouco a fazer. Nem sequer foi inventado gozo maior que esse. Só os tolos se furtam a se consumir.

O que não existe é inteiramente diverso da impossibilidade.

Ao sentir o agonizante arrebatamento de uma manhã que nasce ocorreu-me em agonia de amor que a impossibilidade é como se se quisesse atingir o que no entanto seria possível – se ao menos fôssemos outros. E o mais estranho – meditei olhando a enorme folha quieta no chão – é que somos os outros de nós mesmos. Só que – jamais, jamais, jamais.

Quando escrevo uma coisa, vou me desgostando dela aos poucos, mas com alguma rapidez, e se não é logo publicada, minha vontade é não publicá-la mais, ou então, quando é publicada, sinto apenas mal-estar.

Uma coisa escrita e não publicada me dá muita frustração, sinto como moça que faz enxoval de casamento e guarda num baú. Antes casar mal que não casar, é horrível ver enxoval amarelecendo.

Eu não queria que fosse tão assim, tão rolando para a salvação ou para a perdição, e tudo por questão de pendurar-se um segundo a mais ou a menos num minuto, tudo às vezes questão de mão recusada ou dada, tudo às vezes por causa de um passo a mais ou a menos.

Eu queria que você tivesse sido mais poupado, que não fosse a pessoa que atravessou a rua perigosa – mesmo que tenha chegado a salvo do outro lado.

Ainda me sinto tão longe da maturidade que nem posso falar de “adolescência”, só posso dizer que parei na infância.

Minha esperança ou é inexistente ou forte demais – esperança forte demais é “infantil”.

“Orgulho em ser humilde” é completamente diferente de “orgulho por conseguir ser humilde”. Este último orgulho é uma das alegrias a que a gente tem direito, não é?

PARTE II

Laços de família



Não me maces! não me venhas a rondar como um galo velho!

Ela amava... Estava previamente a amar o homem que um dia ela ia amar.

Na cama a pensar, a pensar, quase a rir como a uma bisbilhotice. A pensar, a pensar. O quê? ora, lá ela sabia.

As palavras que uma pessoa pronunciava quando estava embriagada era como se estivesse prenhe – palavras apenas na boca, que pouco tinham a ver com o centro secreto que era como uma gravidez.

Sua carne alva estava doce como a de uma lagosta, as pernas duma lagosta viva a se mexer devagar no ar. E aquela vontade de se sentir mal para aprofundar a doçura em bem ruim. E aquela maldadezita de quem tem um corpo.

E se quisesse podia permitir-se o luxo de se tornar ainda mais sensível, ainda podia ir mais adiante: porque era protegida por uma situação, protegida como toda a gente que atingiu uma posição na vida. Como uma pessoa a quem lhe impedem de ter a sua desgraça.

Que desprezo pelas pessoas secas do restaurante, enquanto ela estava grossa e pesada, generosa a mais não poder. E tudo no restaurante tão distante um do outro como se jamais um pudesse falar com o outro. Cada um por si, e lá Deus por toda a gente.

No seu decote redondo – em plena Praça Tiradentes!, pensou ela a abanar a cabeça incrédula – a mosca se lhe pousara na pele nua? Ai que malícia.

Dava a tudo, tranquilamente, sua mão pequena e forte, sua corrente de vida.

Certa hora da tarde era mais perigosa. Certa hora da tarde as árvores que plantara riam dela. Quando nada mais precisava de sua força, inquietava-

se.

Parecia ter descoberto que tudo era passível de aperfeiçoamento, a cada coisa se emprestaria uma aparência harmoniosa; a vida podia ser feita pela mão do homem.

Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado.

Havia aos poucos emergido para descobrir que também sem a felicidade se vivia: abolindo-a, encontrara uma legião de pessoas, antes invisíveis, que viviam como quem trabalha – com persistência, continuidade, alegria.

Na sua vida não havia lugar para que sentisse ternura pelo seu espanto – ela o abafava com a mesma habilidade que as lides em casa lhe haviam transmitido.

Quanto a ela mesma, fazia obscuramente parte das raízes negras e suaves do mundo. E alimentava anonimamente a vida. Estava bom assim. Assim ela o quisera e escolhera.

Alguma coisa intranquila estava sucedendo. Então ela viu: o cego mascava chicles... Um homem cego mascava chicles.

Olhava o cego profundamente, como se olha o que não nos vê. Ele mastigava goma na escuridão. Sem sofrimento, com os olhos abertos. O movimento da mastigação fazia-o parecer sorrir e de repente deixar de sorrir, sorrir e deixar de sorrir – como se ele a tivesse insultado.

O mundo se tornara de novo um mal-estar. Vários anos ruíam, as gemas amarelas escorriam. Expulsa de seus próprios dias, parecia-lhe que as pessoas na rua eram periclitantes, que se mantinham por um mínimo

equilíbrio à tona da escuridão – e por um momento a falta de sentido deixava-as tão livres que elas não sabiam para onde ir.

O que chamava de crise viera afinal. E sua marca era o prazer intenso com que olhava agora as coisas, sofrendo espantada.

Ela apaziguara tão bem a vida, cuidara tanto para que esta não explodisse. Mantinha tudo em serena compreensão, separava uma pessoa das outras, as roupas eram claramente feitas para serem usadas e podia-se escolher pelo jornal o filme da noite – tudo feito de modo a que um dia se seguisse ao outro. E um cego mascando goma despedaçava tudo isso.

Na fraqueza em que estava tudo a atingia com um susto.

Por um momento não conseguia orientar-se. Parecia ter saltado no meio da noite.

Nas árvores as frutas eram pretas, doces como mel. Havia no chão caroços secos cheios de circunvoluções, como pequenos cérebros apodrecidos. O banco estava manchado de sucos roxos.

Com suavidade intensa rumorejavam as águas. No tronco da árvore pregavam-se as luxuosas patas de uma aranha. A crueza do mundo era tranquila. O assassinato era profundo. E a morte não era o que pensávamos.

Era um mundo de se comer com os dentes, um mundo de volumosas dalias e tulipas. Os troncos eram percorridos por parasitas folhudos, o abraço era macio, colado. Como a repulsa que precedesse uma entrega – era fascinante, a mulher tinha nojo, e era fascinante.

As árvores estavam carregadas, o mundo era tão rico que apodrecia.

O Jardim era tão bonito que ela teve medo do Inferno.

Por um instante a vida sadia que levava até agora pareceu-lhe um modo moralmente louco de viver.

Ela amava o mundo, amava o que fora criado – amava com nojo. Do mesmo modo como sempre fora fascinada pelas ostras, com aquele vago sentimento de asco que a aproximação da verdade lhe provocava, avisando-a.

Mamãe, chamou o menino. Afastou-o, olhou aquele rosto, seu coração crispou-se. Não deixe mamãe te esquecer, disse-lhe. A criança mal sentiu o abraço se afrouxar, escapou e correu até a porta do quarto, de onde olhou-a mais segura. Era o pior olhar que jamais recebera.

Os dias que ela forjara haviam-se rompido na crosta e a água escapava. Estava diante da ostra. E não havia como não olhá-la. De que tinha vergonha? É que já não era mais piedade, não era só piedade: seu coração se enchera com a pior vontade de viver.

Com horror descobria que pertencia à parte forte do mundo – e que nome se deveria dar à sua misericórdia violenta? Seria obrigada a beijar o leproso, pois nunca seria apenas sua irmã.

Era mais fácil ser um santo que uma pessoa!

A vida do Jardim Botânico chamava-a como um lobisomem é chamado pelo luar.

Mas a vida arrepiava-a, como um frio. Ouvia o sino da escola, longe e constante. O pequeno horror da poeira ligando em fios a parte inferior do fogão, onde descobriu a pequena aranha. Carregando a jarra para mudar a água – havia o horror da flor se entregando lânguida e asquerosa às suas mãos. O mesmo trabalho secreto se fazia ali na cozinha. Perto da lata de

lixo, esmagou com o pé a formiga. O pequeno assassinato da formiga. O mínimo corpo tremia. As gotas d'água caíam na água parada do tanque. Os besouros de verão. O horror dos besouros inexpressivos. Ao redor havia uma vida silenciosa, lenta, insistente.

Com uma maldade de amante, parecia aceitar que da flor saísse o mosquito, que as vitórias-régias boiassem no escuro do lago. O cego pendia entre os frutos do Jardim Botânico.

Num gesto que não era seu, mas que pareceu natural, segurou a mão da mulher, levando-a consigo sem olhar para trás, afastando-a do perigo de viver.

Penteava-se agora diante do espelho, por um instante sem nenhum mundo no coração. Antes de se deitar, como se apagasse uma vela, soprou a pequena flama do dia.

Pouco afeita a uma luta mais selvagem pela vida, a galinha tinha que decidir por si mesma os caminhos a tomar, sem nenhum auxílio de sua raça.

Estúpida, tímida e livre. Não vitoriosa como seria um galo em fuga. Que é que havia nas suas vísceras que fazia dela um ser? A galinha é um ser. É verdade que não se poderia contar com ela para nada. Nem ela própria contava consigo, como o galo crê na sua crista. Sua única vantagem é que havia tantas galinhas que morrendo uma surgiria no mesmo instante outra tão igual como se fora a mesma.

De pura afobação a galinha pôs um ovo. Surpreendida, exausta. Talvez fosse prematuro. Mas logo depois, nascida que fora para a maternidade, parecia uma velha mãe habituada. Sentou-se sobre o ovo e assim ficou, respirando, abotoando e desabotoando os olhos. Seu coração, tão pequeno

num prato, solevava e abaixava as penas, enchendo de tepidez aquilo que nunca passaria de um ovo.

Esquentando seu filho, esta não era nem suave nem arisca, nem alegre, nem triste, não era nada, era uma galinha.

Nunca ninguém acariciou uma cabeça de galinha.

Inconsciente da vida que lhe fora entregue, a galinha passou a morar com a família. A menina, de volta do colégio, jogava a pasta longe sem interromper a corrida para a cozinha. O pai de vez em quando ainda se lembrava: “E dizer que a obriguei a correr naquele estado!” A galinha tornara-se a rainha da casa. Todos, menos ela, o sabiam.

Se fosse dado às fêmeas cantar, ela não cantaria mas ficaria muito mais contente.

Na fuga, no descanso, quando deu à luz ou bicando milho – era uma cabeça de galinha, a mesma que fora desenhada no começo dos séculos.

A paz de um homem era, esquecido de sua mulher, conversar com outro homem sobre o que saía nos jornais.

Ela mesma, enfim, voltando à insignificância com reconhecimento. Como um gato que passou a noite fora e, como se nada tivesse acontecido, encontrasse sem uma palavra um pires de leite esperando.

Olhou-se ao espelho: e ela mesma, há quanto tempo? Seu rosto tinha uma graça doméstica, os cabelos eram presos com grampos atrás das orelhas grandes e pálidas. Os olhos marrons, os cabelos marrons, a pele morena e suave, tudo dava a seu rosto já não muito moço um ar modesto de mulher. Por acaso alguém veria, naquela mínima ponta de surpresa que havia no

fundo de seus olhos, alguém veria nesse mínimo ponto ofendido a falta dos filhos que ela nunca tivera?

Quando lhe haviam dado para ler a *Imitação de Cristo*, com um ardor de burra ela lera sem entender mas, que Deus a perdoasse, ela sentira que quem imitasse Cristo estaria perdido – perdido na luz, mas perigosamente perdido.

Cristo era a pior tentação.

Se o médico dissera: “Tome leite entre as refeições, nunca fique com o estômago vazio pois isso dá ansiedade” – então, mesmo sem ameaça de ansiedade, ela tomava sem discutir gole por gole, dia após dia, não falhara nunca, obedecendo de olhos fechados, com um ligeiro ardor para que não pudesse enxergar em si a menor incredulidade.

O médico parecia contradizer-se quando, ao mesmo tempo que recomendava uma ordem precisa que ela queria seguir com o zelo de uma convertida, dissera também: “Abandone-se, tente tudo suavemente, não se esforce por conseguir – esqueça completamente o que aconteceu e tudo voltará com naturalidade.” E lhe dera uma palmada nas costas, o que a lisonjeara e a fizera corar de prazer. Mas na sua humilde opinião uma ordem parecia anular a outra, como se lhe pedissem para comer farinha e assobiar ao mesmo tempo.

Sentou-se no sofá como se fosse uma visita na sua própria casa que, tão recentemente recuperada, arrumada e fria, lembrava a tranquilidade de uma casa alheia. O que era tão satisfatório.

Tinha tal prazer em fazer de sua casa uma coisa impessoal; de certo modo perfeita por ser impessoal.

Se uma pessoa perfeita do planeta Marte descesse e soubesse que as pessoas da Terra se cansavam e envelheciam, teria pena e espanto. Sem entender jamais o que havia de bom em ser gente, em sentir-se cansada, em diariamente falir; só os iniciados compreenderiam essa nuance de vício e esse refinamento de vida.

Ela, que nunca ambicionara senão ser a mulher de um homem, reencontrava grata sua parte diariamente falível.

Não mais aquela falta alerta de fadiga. Não mais aquele ponto vazio e acordado e horrivelmente maravilhoso dentro de si. Não mais aquela terrível independência. Não mais a facilidade monstruosa e simples de não dormir – nem de dia nem de noite – que na sua discricção a fizera subitamente super-humana em relação a um marido cansado e perplexo.

Ele, com aquele hálito que tinha quando estava mudo de preocupação, o que dava a ela uma piedade pungente, sim, mesmo dentro de sua perfeição acordada, a piedade e o amor, ela super-humana e tranquila no seu isolamento brilhante, e ele, quando tímido, vinha visitá-la levando maçãs e uvas que a enfermeira com um levantar de ombros comia, ele fazendo visita de cerimônia como um namorado, com o hálito infeliz e um sorriso fixo, esforçando-se no seu heroísmo por compreender, ele que a recebera de um pai e de um padre, e que não sabia o que fazer com essa moça da Tijuca que inesperadamente, como um barco tranquilo se empluma nas águas, se tornara super-humana.

Agora todos os dias ela se cansava, todos os dias seu rosto decaía ao entardecer, e a noite então tinha a sua antiga finalidade, não era apenas a perfeita noite estrelada. E tudo se completava harmonioso. E, como para todo o mundo, cada dia a fatigava; como todo o mundo, humana e perecível. Não mais aquela perfeição, não mais aquela juventude. Não mais aquela coisa que um dia se alastrara clara, como um câncer, a sua alma.

No cansaço havia um lugar bom para ela, o lugar discreto e apagado de onde, com tanto constrangimento para si e para os outros, saíra uma vez.

Ela castanha como obscuramente achava que uma esposa devia ser. Ter cabelos pretos ou louros eram um excesso que, na sua vontade de acertar, ela nunca ambicionara. Então, em matéria de olhos verdes, parecia-lhe que se tivesse olhos verdes seria como se não dissesse tudo a seu marido.

Sempre achara lindo uma sala de espera, tão respeitosa, tão impessoal. Como era rica a vida comum, ela que enfim voltara da extravagância.

Nunca vi rosas tão bonitas, pensou com curiosidade. E como se não tivesse acabado de pensar exatamente isso, vagamente consciente de que acabara de pensar exatamente isso e passando rápida por cima do embaraço em se reconhecer um pouco cacete, pensou numa etapa mais nova de surpresa: “sinceramente, nunca vi rosas tão bonitas”. Olhou-as com atenção. Mas a atenção não podia se manter muito tempo como simples atenção, transformava-se logo em suave prazer, e ela não conseguia mais analisar as rosas, era obrigada a interromper-se com a mesma exclamação de curiosidade submissa: como são lindas.

Acontecia que a beleza extrema incomodava.

Era preciso nunca mais dar motivo para espanto, ainda mais com tudo ainda tão recente. E sobretudo poupar a todos o mínimo sofrimento da dúvida. E que não houvesse nunca mais necessidade da atenção dos outros – nunca mais essa coisa horrível de todos olharem-na mudos, e ela em frente a todos. Nada de impulsos.

Uma coisa bonita era para se dar ou para se receber, não apenas para se ter. E, sobretudo, nunca para se “ser”. Sobretudo nunca se deveria ser a coisa bonita. A uma coisa bonita faltava o gesto de dar. Nunca se devia ficar

com uma coisa bonita, assim, como que guardada dentro do silêncio perfeito do coração.

Roubar o que era seu? Pois era assim que uma pessoa que não tivesse nenhuma pena dos outros faria: roubaria o que era seu por direito!

Tira-se de uma mesa limpa um objeto e pela marca mais limpa que ficou então se vê que ao redor havia poeira.

Como se pinga limão no chá escuro e o chá escuro vai se clareando todo. Seu cansaço ia gradativamente se clareando. Sem cansaço nenhum, aliás. Assim como o vaga-lume acende. Já que não estava mais cansada, ia então se levantar e se vestir. Estava na hora de começar.

Ele sabia que ela fizera o possível para não se tornar luminosa e inalcançável. Com timidez e respeito, ele a olhava. Envelhecido, cansado, curioso. Mas não tinha uma palavra sequer a dizer. Da porta aberta via sua mulher que estava sentada no sofá sem apoiar as costas, de novo alerta e tranquila como num trem. Que já partira.

Para adiantar o expediente, vestira a aniversariante logo depois do almoço. Pusera-lhe desde então a presilha em torno do pescoço e o broche, borrifara-lhe um pouco de água-de-colônia para disfarçar aquele seu cheiro de guardado – sentara-a à mesa. E desde as duas horas a aniversariante estava sentada à cabeceira da longa mesa vazia, tesa na sala silenciosa.

Os músculos do rosto da aniversariante não a interpretavam mais, de modo que ninguém podia saber se ela estava alegre. Estava era posta à cabeceira. Tratava-se de uma velha grande, magra, imponente e morena. Parecia oca.

Na cabeceira da mesa já suja, os copos maculados, só o bolo inteiro – ela era a mãe. A aniversariante piscou os olhos.

Na cabeceira da mesa, a toalha manchada de Coca-Cola, o bolo desabado, ela era a mãe. A aniversariante piscou.

E ela era a mãe de todos. E se de repente não se ergueu, como um morto se levanta devagar e obriga mudez e terror aos vivos, a aniversariante ficou mais dura na cadeira, e mais alta. Ela era a mãe de todos. E como a presilha a sufocasse, ela era a mãe de todos e, impotente à cadeira, desprezava-os. E olhava-os piscando. Todos aqueles seus filhos e netos e bisnetos que não passavam de carne de seu joelho, pensou de repente como se cuspiisse.

Oh o desprezo pela vida que falhava. Como?! como tendo sido tão forte pudera dar à luz aqueles seres opacos, com braços moles e rostos ansiosos? Ela, a forte, que casara em hora e tempo devidos com um bom homem a quem, obediente e independente, ela respeitara; a quem respeitara e que lhe fizera filhos e lhe pagara os partos e lhe honrara os resguardos. O tronco fora bom. Mas dera aqueles azedos e infelizes frutos, sem capacidade sequer para uma boa alegria. Como pudera ela dar à luz aqueles seres risonhos, fracos, sem austeridade?

Olhou-os com sua cólera de velha. Pareciam ratos se acotovelando, a sua família. Incoercível, virou a cabeça e com força insuspeita cuspiu no chão.

Os meninos, embora crescidos – provavelmente já além dos cinquenta anos, que sei eu! – os meninos ainda conservavam os traços bonitinhos. Mas que mulheres haviam escolhido! E que mulheres os netos – ainda mais fracos e mais azedos – haviam escolhido. Todas vaidosas e de pernas finas, com aqueles colares falsificados de mulher que na hora não aguenta a mão, aquelas mulherezinhas que casavam mal os filhos, que não sabiam pôr uma

criada em seu lugar, e todas elas com as orelhas cheias de brincos – nenhum, nenhum de ouro! A raiva a sufocava.

Como máscaras isentas e inapeláveis, de súbito nenhum rosto se manifestava. A festa interrompida, os sanduíches mordidos na mão, algum pedaço que estava na boca a sobrar seco, inchando tão fora de hora a bochecha. Todos tinham ficado cegos, surdos e mudos, com croquetes na mão.

De sua cadeira reclusa, ela analisava crítica aqueles vestidos sem nenhum modelo, sem um drapeado, a mania que tinham de usar vestido preto com colar de pérolas, o que não era moda coisa nenhuma, não passava era de economia.

A aniversariante recebeu um beijo cauteloso de cada um como se sua pele tão infamiliar fosse uma armadilha. E, impassível, piscando, recebeu aquelas palavras propositadamente atropeladas que lhe diziam tentando dar um final arranco de efusão ao que não era mais senão passado: a noite já viera quase totalmente. A luz da sala parecia então mais amarela e mais rica, as pessoas envelhecidas. As crianças já estavam histéricas.

Para aqueles que junto da porta ainda a olharam uma vez, a aniversariante era apenas o que parecia ser: sentada à cabeceira da mesa imunda, com a mão fechada sobre a toalha como encerrando um cetro, e com aquela mudez que era a sua última palavra. Com um punho fechado sobre a mesa, nunca mais ela seria apenas o que ela pensasse. Sua aparência afinal a ultrapassara e, superando-a, se agigantava serena.

É preciso que se saiba. É preciso que se saiba. Que a vida é curta. Que a vida é curta.

A verdade era um relance.

Mais uma vez olhou para trás implorando à velhice ainda um sinal de que uma mulher deve, num ímpeto dilacerante, enfim agarrar a sua derradeira chance e viver.

Não era nada disso, apenas o mal-estar da despedida, nunca se sabendo ao certo o que dizer.

Amor de mãe era duro de suportar.

Adeus, até outro dia, precisamos nos ver. Apareçam disseram rapidamente. Alguns conseguiram olhar nos olhos dos outros com uma cordialidade sem receio. Alguns abotoavam os casacos das crianças, olhando o céu à procura de um sinal do tempo. Todos sentindo obscuramente que na despedida se poderia talvez, agora sem perigo de compromisso, ser bom e dizer aquela palavra a mais – que palavra? eles não sabiam propriamente, e olhavam-se sorrindo, mudos. Era um instante que pedia para ser vivo. Mas que era morto. Começaram a se separar, andando meio de costas, sem saber como se desligar dos parentes sem brusquidão.

Sobre escadas e contingências, estava a aniversariante sentada à cabeceira da mesa, erecta, definitiva, maior do que ela mesma. Será que hoje não vai ter jantar, meditava ela. A morte era o seu mistério.

No Congo Central descobriu realmente os menores pigmeus do mundo. E – como uma caixa dentro de uma caixa, dentro de uma caixa – entre os menores pigmeus do mundo estava o menor dos menores pigmeus do mundo, obedecendo talvez à necessidade que às vezes a Natureza tem de exceder a si própria.

O explorador descobriu, toda em pé e a seus pés, a coisa humana menor que existe. Seu coração bateu porque esmeralda nenhuma é tão rara. Nem os ensinamentos dos sábios da Índia são tão raros. Nem o homem mais rico

do mundo já pôs olhos sobre tanta estranha graça. Ali estava uma mulher que a gulodice do mais fino sonho jamais pudera imaginar.

Uma senhora teve tal perversa ternura pela pequenez da mulher africana que – sendo tão melhor prevenir que remediar – jamais se deveria deixar Pequena Flor sozinha com a ternura da senhora. Quem sabe a que escuridão de amor pode chegar o carinho. A senhora passou um dia perturbada, dir-se-ia tomada pela saudade. Aliás era primavera, uma bondade perigosa estava no ar.

– Mamãe, e se eu botasse essa mulherzinha africana na cama de Paulinho enquanto ele está dormindo? quando ele acordasse, que susto, hein! que berro, vendo ela sentada na cama! E a gente então brincava tanto com ela! a gente fazia ela o brinquedo da gente, hein!

Estava nesse instante enrolando os cabelos em frente ao espelho do banheiro, e lembrou-se do que uma cozinheira lhe contara do tempo de orfanato. Não tendo boneca com que brincar, e a maternidade já pulsando terrível no coração das órfãs, as meninas sabidas haviam escondido da freira a morte de uma das garotas. Guardaram o cadáver num armário até a freira sair, e brincaram com a menina morta, deram-lhe banhos e comidinhas, puseram-na de castigo somente para depois poder beijá-la, consolando-a.

Considerou a cruel necessidade de amar. Considerou a malignidade de nosso desejo de ser feliz. Considerou a ferocidade com que queremos brincar. E o número de vezes em que mataremos por amor.

Olhou para o filho esperto como se olhasse para um perigoso estranho. E teve horror da própria alma que, mais que seu corpo, havia engendrado aquele ser apto à vida e à felicidade.

Olhou ela, com muita atenção e um orgulho inconfortável, aquele menino que já estava sem os dois dentes da frente, a evolução, a evolução se fazendo, dente caindo para nascer o que melhor morde. “Vou comprar um terno novo para ele”, resolveu olhando-o absorta. Obstinadamente enfeitava o filho desdentado com roupas finas, obstinadamente queria-o bem limpo, como se limpeza desse ênfase a uma superficialidade tranquilizadora, obstinadamente aperfeiçoando o lado cortês da beleza. Obstinadamente afastando-se, e afastando-o, de alguma coisa que devia ser “escura como um macaco”.

Quem já não desejou possuir um ser humano só para si?

Há horas em que não se quer ter sentimentos.

Enquanto isso a própria coisa rara tinha no coração algo mais raro ainda, assim como o segredo do próprio segredo: um filho mínimo.

Metodicamente o explorador examinou com o olhar a barriguinha do menor ser humano maduro. Foi neste instante que o explorador, pela primeira vez desde que a conhecera, em vez de sentir curiosidade ou exaltação ou vitória ou espírito científico, o explorador sentiu mal-estar.

A própria coisa rara estava tendo a inefável sensação de ainda não ter sido comida. Não ter sido comida era algo que, em outras horas, lhe dava o ágil impulso de pular de galho em galho. Mas, neste momento de tranquilidade, entre as espessas folhas do Congo Central, ela não estava aplicando esse impulso numa ação – e o impulso se concentrara todo na própria pequenez da própria coisa rara.

E então ela estava rindo. Era um riso como somente quem não fala, ri. Esse riso, o explorador constrangido não conseguiu classificar. E ela continuou fruindo o próprio riso macio, ela que não estava sendo devorada.

Não ser devorado é o sentimento mais perfeito. Não ser devorado é o objetivo secreto de toda uma vida. Enquanto ela não estava sendo comida, seu riso bestial era tão delicado como é delicada a alegria.

A própria coisa rara sentia o peito morno do que se pode chamar de Amor. Ela amava aquele explorador amarelo. Se soubesse falar e dissesse que o amava, ele inflaria de vaidade. Vaidade que diminuiria quando ela acrescentasse que também amava muito o anel do explorador e que amava muito a bota do explorador.

Nem de longe, seu amor pelo explorador – pode-se mesmo dizer seu “profundo amor”, porque, não tendo outros recursos, ela estava reduzida à profundidade – pois nem de longe seu profundo amor pelo explorador ficaria desvalorizado pelo fato de ela também amar sua bota. Há um velho equívoco sobre a palavra amor, e, se muitos filhos nascem desse equívoco, tantos outros perderam o único instante de nascer apenas por causa de uma suscetibilidade que exige que seja de mim, de mim! que se goste, e não de meu dinheiro. Mas na umidade da floresta não há desses refinamentos cruéis, e amor é não ser comido, amor é achar bonita uma bota, amor é gostar da cor rara de um homem que não é negro, amor é rir de amor a um anel que brilha.

Respondeu-lhe que “sim”. Que era muito bom ter uma árvore para morar, sua, sua mesmo. Pois – e isso ela não disse, mas seus olhos se tornaram tão escuros que o disseram – pois é bom possuir, é bom possuir, é bom possuir.

Pois olhe – declarou de repente uma velha fechando o jornal com decisão – pois olhe, eu só lhe digo uma coisa: Deus sabe o que faz.

Podia ter uns sessenta anos, era alto, corpulento, de cabelos brancos, sobranceiras espessas e mãos potentes. Num dedo o anel de sua força.

Mas eis que o velho se imobiliza de novo como se tivesse o peito contraído e barrado. Sua violenta potência sacode-se presa. Ele espera. Até que a fome parece assaltá-lo e ele recomeça a mastigar com apetite, de sobrancelhas franzidas. Eu é que já comia devagar, um pouco nauseado sem saber por quê, participando também não sabia de quê. De repente eilo a estremecer todo, levando o guardanapo aos olhos e apertando-os numa brutalidade que me enleva... Abandono com certa decisão o garfo no prato, eu próprio com um aperto insuportável na garganta, furioso, quebrado em submissão. Mas o velho demora pouco com o guardanapo nos olhos. Desta vez, quando o tira sem pressa, as pupilas estão extremamente doces e cansadas, e antes dele enxugar-se – eu vi. Vi a lágrima.

Ele não suportava mais. As sobrancelhas grossas estavam juntas. A comida devia ter parado pouco abaixo da garganta sob a dureza da emoção, pois quando ele pôde continuar fez um gesto terrível de esforço para engolir e passou o guardanapo pela testa. Eu não podia mais, a carne no meu prato era crua, eu é que não podia mais. Porém ele – ele comia.

O garçom trouxe a garrafa dentro de uma vasilha de gelo. Eu anotava tudo, já sem discriminar: a garrafa era outra, o criado de casaca, a luz aureolava a cabeça robusta de Plutão que se movia agora com curiosidade, guloso e atento. Por um instante o garçom cobre minha visão do velho e vejo apenas as asas negras duma casaca: sobrevoando a mesa, vertia vinho vermelho na taça e aguardava de olhos quentes – porque lá estava seguramente um senhor de boas gorjetas, um desses velhos que ainda estão no centro do mundo e da força. O velho engrandecido tomou um gole com segurança, largou a taça e consultou com amargura o sabor na boca. Batia um lábio no outro, estalava a língua com desgosto como se o que era bom fosse intolerável.

Com a mão pesada e cabeluda, onde na palma as linhas eram cravadas com tal fatalidade, faz um gesto de pensamento. Diz com a mímica o mais que pode, e eu, eu não compreendo. E como se não suportasse mais – larga o garfo no prato. Desta vez foste bem agarrado, velho. Fica respirando, acabado, ruidoso. Pega então no copo de vinho e bebe de olhos fechados, em rumorosa ressurreição. Meus olhos ardem e a claridade é alta, persistente. Estou tomado pelo êxtase arfante da náusea. Tudo me parece grande e perigoso.

Sua cara se esvazia de expressão. Fecha os olhos, distende os maxilares. Procuro aproveitar este momento, em que ele não possui mais o próprio rosto, para ver afinal. Mas é inútil. A grande aparência que vejo é desconhecida, majestosa, cruel e cega. O que eu quero olhar diretamente, pela força extraordinária do ancião, não existe neste instante. Ele não quer.

Com palidez vejo-o levar o guardanapo à boca. Imagino ouvir um soluço. Ambos permanecemos em silêncio no centro do salão. Talvez ele tivesse comido depressa demais. Porque, apesar de tudo, não perdeste a fome, hein!, instigava-o eu com ironia, cólera e exaustão. Mas ele se desmoronava a olhos vistos. Os traços agora caídos e dementes, ele balançava a cabeça de um lado para outro, de um lado para outro sem se conter mais, com a boca apertada, os olhos cerrados, embalando-se – o patriarca estava chorando por dentro. A ira me asfixiava.

Quando me traíram ou assassinaram, quando alguém foi embora para sempre, ou perdi o que de melhor me restava, ou quando soube que vou morrer – eu não como. Não sou ainda esta potência, esta construção, esta ruína. Empurro o prato, rejeito a carne e seu sangue.

Dentro da magreza, a vastidão quase majestosa em que se movia como dentro de uma meditação. E dentro da nebulosidade algo precioso. Que

não se espreguiçava, não se comprometia, não se contaminava. Que era intenso como uma joia. Ela.

O ato misterioso, autoritário e perfeito era erguer o braço – e já de longe o ônibus trêmulo começava a se deformar obedecendo à arrogância de seu corpo, representante de um poder supremo, de longe o ônibus começava a tornar-se incerto e vagaroso, vagaroso e avançando, cada vez mais concreto – até estacar no seu rosto em fumaça e calor, em calor e fumaça.

O que a poupava é que os homens não a viam. Embora alguma coisa nela, à medida que dezesseis anos se aproximava em fumaça e calor, alguma coisa estivesse intensamente surpreendida – e isso surpreendesse alguns homens.

Fazia mais sombra do que existia.

Como voltar e fugir, se nascera para a dificuldade.

Como recuar, e depois nunca mais esquecer a vergonha de ter esperado em miséria atrás de uma porta?

Enquanto executasse um mundo clássico, enquanto fosse impessoal, seria filha dos deuses, e assistida pelo que tem que ser feito. Mas, tendo visto o que olhos, ao verem, diminuem, arriscara-se a ser um ela-mesma que a tradição não amparava.

Era tarde demais para recuar. Só não seria tarde demais se corresse. Mas correr seria como errar todos os passos, e perder o ritmo que ainda a sustentava, o ritmo que era o seu único talismã, o que lhe fora entregue à orla do mundo onde era para ser sozinha – à orla do mundo onde se tinham apagado todas as lembranças, e como incompreensível lembrete restara o cego talismã, ritmo que era de seu destino copiar, executando-o

para a consumação do mundo. Não a própria. Se ela corresse, a ordem se alteraria. E nunca lhe seria perdoado o pior: a pressa. E mesmo quando se foge correm atrás, são coisas que se sabem.

“Eles vão olhar para mim, eu sei!” Mas tentava, por instinto de uma vida anterior, não lhes transmitir susto. Adivinhava o que o medo desencadeia.

Foram quatro mãos difíceis, foram quatro mãos que não sabiam o que queriam, quatro mãos erradas de quem não tinha a vocação, quatro mãos que a tocaram tão inesperadamente que ela fez a coisa mais certa que poderia ter feito no mundo dos movimentos: ficou paralisada.

Eles não compreenderam a função que tinham e, com a individualidade dos que têm medo, haviam atacado. Foi menos de uma fração de segundo na rua tranquila. Numa fração de segundo a tocaram como se a eles coubessem todos os sete mistérios. Que ela conservou todos, e mais larva se tornou, e mais sete anos de atraso.

Como se houvesse várias etapas da mesma imobilidade, ficou parada. Daí a pouco suspirou. E em nova etapa, manteve-se parada. Depois mexeu a cabeça, e então ficou mais profundamente parada.

Recuou devagar até um muro, corcunda, bem devagar, como se tivesse um braço quebrado, até que se encostou toda no muro, onde ficou inscrita. E então manteve-se parada. Não se mover é o que importa, pensou de longe, não se mover. Depois de um tempo, provavelmente ter-se-ia dito assim: agora mova um pouco as pernas mas bem devagar. Porque, bem devagar, moveu as pernas.

Diante do grande silêncio dos ladrilhos, gritou aguda, supersônica: Estou sozinha no mundo! Nunca ninguém vai me ajudar, nunca ninguém vai me amar! Estou sozinha no mundo!

“Uma pessoa não é nada.” “Não”, retrucou-se em mole protesto, “não diga isso”, pensou com bondade e melancolia. “Uma pessoa é alguma coisa”, disse por gentileza.

Preciso de sapatos novos! os meus fazem muito barulho, uma mulher não pode andar com salto de madeira, chama muita atenção! Ninguém me dá nada! Ninguém me dá nada! – e estava tão frenética e estertorada que ninguém teve coragem de lhe dizer que não os ganharia.

Assim como uma pessoa engorda, ela deixou, sem saber por que processo, de ser preciosa.

Há uma obscura lei que faz com que se proteja o ovo até que nasça o pinto, pássaro de fogo.

Durante as duas semanas da visita da velha, os dois mal se haviam suportado; os bons-dias e as boas-tardes soavam a cada momento com uma delicadeza cautelosa que a fazia querer rir. Mas eis que na hora da despedida, antes de entrarem no táxi, a mãe se transformara em sogra exemplar e o marido se tornara o bom genro. “Perdoe alguma palavra mal dita”, dissera a velha senhora, e Catarina, com alguma alegria, vira Antônio não saber o que fazer das malas nas mãos, a gaguejar – perturbado em ser o bom genro. “Se eu rio, eles pensam que estou louca”, pensara Catarina franzindo as sobrancelhas. “Quem casa um filho perde um filho, quem casa uma filha ganha mais um”, acrescentara a mãe, e Antônio aproveitara sua gripe para tossir. Catarina, de pé, observava com malícia o marido, cuja segurança se desvanecera para dar lugar a um homem moreno e miúdo, forçado a ser filho daquela mulherzinha grisalha... Foi então que a vontade de rir tornou-se mais forte.

Desde pequena rira pelos olhos, desde sempre fora estrábica.

Que coisa tinham esquecido de dizer uma a outra? e agora era tarde demais. Parecia-lhe que deveriam um dia ter dito assim: sou tua mãe, Catarina. E ela deveria ter respondido: e eu sou tua filha.

Sem a companhia da mãe, recuperara o modo firme de caminhar: sozinha era mais fácil.

Em que momento é que a mãe, apertando uma criança, dava-lhe esta prisão de amor que se abateria para sempre sobre o futuro homem.

Quem saberia jamais em que momento a mãe transferia ao filho a herança. E com que sombrio prazer. Agora mãe e filho compreendendo-se dentro do mistério partilhado. Depois ninguém saberia de que negras raízes se alimenta a liberdade de um homem.

Mas tinha se habituado a torná-la feminina deste modo: humilhava-a com ternura, e já agora ela sorria – sem rancor?

Ele a olhara da janela, vira-a andar depressa de mãos dadas com o filho, e dissera-se: ela está tomando o momento de alegria – sozinha.

De manhã, ao contrário dos adultos que acordam escuros e barbados, ele despertava cada vez mais imberbe. Despenteado, mas diferente da desordem do pai, a quem parecia terem acontecido coisas durante a noite.

Em pequeno brincavam com ele, jogavam-no para o ar, enchiam-no de beijos – e de repente ficavam “individuais” – largavam-no, diziam gentilmente mas já intangíveis: “agora acabou”, e ele ficava todo vibrante de carícias, com tantas gargalhadas ainda por dar.

A vida fora de casa era completamente outra. Além da diferença de luz – como se somente saindo ele visse que tempo realmente fazia e que

disposições haviam tomado as circunstâncias durante a noite – além da diferença de luz, havia a diferença do modo de ser.

Atravessando o pequeno portão, ele se tornara visivelmente mais moço e ao mesmo tempo menos criança, mais sensível e sobretudo sem assunto. Mas com um interesse dócil. Não era uma pessoa que procurasse conversas, mas se alguém lhe perguntava como agora: “menino, de que lado fica a igreja?”, ele se animava com suavidade, inclinava o longo pescoço, pois todos eram mais baixos que ele; e informava atraído, como se nisso houvesse uma troca de cordialidades e um campo aberto à curiosidade.

Logo que alguém tem dinheiro aparecem os outros querendo aplicá-lo, explicando como se perde dinheiro.

O cão era um pouco mais alto que o buraco cavado e depois de coberto com terra seria uma excrescência apenas sensível do planalto. Era assim precisamente que ele queria. Cobriu o cão com terra e aplainou-a com as mãos, sentindo com atenção e prazer sua forma nas palmas como se o alisasse várias vezes. O cão era agora apenas uma aparência do terreno.

“Enquanto eu te fazia à minha imagem, tu me fazias à tua”, pensou então com auxílio da saudade. “Dei-te o nome de José para te dar um nome que te servisse ao mesmo tempo de alma. E tu – como saber jamais que nome me deste? Quanto me amaste mais do que te amei”.

“Nós nos compreendíamos demais, tu com o nome humano que te dei, eu com o nome que me deste e que nunca pronunciaste senão com o olhar insistente.”

“Lembro-me de ti quando eras pequeno”, pensou divertido, “tão pequeno, bonitinho e fraco, abanando o rabo, me olhando, e eu surpreendendo em ti uma nova forma de ter minha alma. Mas, desde então, já começavas a ser

todos os dias um cachorro que se podia abandonar. Enquanto isso, nossas brincadeiras tornavam-se perigosas de tanta compreensão”, lembrou-se o homem satisfeito, “tu terminavas me mordendo e rosnando, eu terminava jogando um livro sobre ti e rindo. Mas quem sabe o que já significava aquele meu riso sem vontade. Eras todos os dias um cão que se podia abandonar.”

“E como cheiravas as ruas!”, pensou o homem rindo um pouco, “na verdade não deixaste pedra por cheirar... Este era o teu lado infantil. Ou era o teu verdadeiro cumprimento de ser cão? e o resto apenas brincadeira de ser meu? Porque eras irredutível.

Abanando tranquilo o rabo, parecias rejeitar em silêncio o nome que eu te dera. Ah, sim, eras irredutível.

Não queria que comesses carne para que não ficasses feroz, mas pulaste um dia sobre a mesa e, entre os gritos felizes das crianças, agarraste a carne e, com uma ferocidade que não vem do que se come, me olhaste mudo e irredutível com a carne na boca.

Embora meu, nunca me cedeste nem um pouco de teu passado e de tua natureza. E, inquieto, eu começava a compreender que não exigias de mim que eu cedesse nada da minha para te amar.

Era no ponto de realidade resistente das duas naturezas que esperavas que nos entendêssemos.

Minha ferocidade e a tua não deveriam se trocar por doçura: era isso o que pouco a pouco me ensinavas, e era isto também que estava se tornando pesado.

Não me pedindo nada, me pedias demais. De ti mesmo, exigias que fosses um cão. De mim, exigias que eu fosse um homem. E eu, eu disfarçava como podia.

Tu me espiavas. A quem irias contar? Finge – dizia-me eu –, finge depressa que és outro, dá a falsa entrevista, faz-lhe um afago, joga-lhe um osso – mas nada te distraía: tu me espiavas.

Eu fremia de horror, quando eras tu o inocente: que eu me virasse e de repente te mostrasse meu rosto verdadeiro, e eriçado, atingido, erguer-te-ias até a porta ferido para sempre.

Eras todos os dias um cão que se podia abandonar. Podia-se escolher. Mas tu, confiante, abanavas o rabo.

Às vezes, tocado pela tua acuidade, eu conseguia ver em ti a tua própria angústia. Não a angústia de ser cão que era a tua única forma possível. Mas a angústia de existir de um modo tão perfeito que se tornava uma alegria insuportável.

Não fui eu quem teve um cão. Foste tu que tiveste uma pessoa.

Possuíste uma pessoa tão poderosa que podia escolher: e então te abandonou.

Exigias – com a incompreensão serena e simples de quem é um cão heroico – que eu fosse um homem.

Só tu e eu sabemos que te abandonei porque eras a possibilidade constante do crime que eu nunca tinha cometido.

Pequei logo para ser logo culpado.

“Há tantas formas de ser culpado e de perder-se para sempre e de se trair e de não se enfrentar. Eu escolhi a de ferir um cão.”

Eu sabia que esse seria um crime menor e que ninguém vai para o Inferno por abandonar um cão que confiou num homem. Porque eu sabia que esse crime não era punível.

Ainda não haviam inventado castigo para os grandes crimes disfarçados e para as profundas traições.

Um homem ainda conseguia ser mais esperto que o Juízo Final. Este crime ninguém o condenava. Nem a Igreja. “Todos são meus cúmplices, José. Eu teria que bater de porta em porta e mendigar que me acusassem e me punissem: todos me bateriam a porta com uma cara de repente endurecida. Este crime ninguém me condena. Nem tu, José, me condenarias. Pois bastaria, esta pessoa poderosa que sou, escolher de te chamar – e, do teu abandono nas ruas, num pulo me lamberias a face com alegria e perdão. Eu te daria a outra face a beijar.”

Alguém dá uma esmola para enfim poder comer o bolo por causa do qual o outro não comeu o pão.

Como se José, o cão abandonado, exigisse dele muito mais que a mentira; como se exigisse que ele, num último arranco, fosse um homem.

Abaixou-se então, e, solene, calmo, com movimentos simples – desenterrou o cão. O cão escuro apareceu afinal inteiro, infamiliar com a terra nos cílios, os olhos abertos e cristalizados.

“Mas isso é amor, é amor de novo”, revoltou-se a mulher tentando encontrar-se com o próprio ódio mas era primavera e dois leões se tinham amado.

A girafa era uma virgem de tranças recém-cortadas. Com a tola inocência do que é grande e leve e sem culpa.

Sem conseguir – diante da aérea girafa pousada, diante daquele silencioso pássaro sem asas – sem conseguir encontrar dentro de si o ponto pior de sua doença, o ponto mais doente, o ponto de ódio, ela que fora ao Jardim Zoológico para adoecer. Mas não diante da girafa que mais era paisagem que um ente.

O hipopótamo, o hipopótamo úmido. O rolo roliço de carne, carne redonda e muda esperando outra carne roliça e muda. Não. Pois havia tal amor humilde em se manter apenas carne, tal doce martírio em não saber pensar.

Ela mataria aqueles macacos em levitação pela jaula, macacos felizes como ervas, macacos se entrepulando suaves, a macaca com olhar resignado de amor, e a outra macaca dando de mamar. Ela os mataria com quinze secas balas: os dentes da mulher se apertaram até o maxilar doer.

A nudez dos macacos. O mundo que não via perigo em ser nu. Ela mataria a nudez dos macacos. Um macaco também a olhou segurando as grades, os braços descarnados abertos em crucifixo, o peito pelado exposto sem orgulho. Mas não era no peito que ela mataria, era entre os olhos do macaco que ela mataria, era entre aqueles olhos que a olhavam sem pestanejar.

Os olhos do macaco tinham um véu branco gelatinoso cobrindo a pupila, nos olhos a doçura da doença, era um macaco velho – a mulher desviou o rosto, trancando entre os dentes um sentimento que ela não viera buscar, apressou os passos, ainda voltou a cabeça espantada para o macaco de braços abertos: ele continuava a olhar para a frente. “Oh não, não isso”, pensou. E enquanto fugia, disse: “Deus, me ensine somente a odiar.”

“Eu te odeio”, disse ela para um homem cujo crime único era o de não amá-la.

Como cavar na terra até encontrar a água negra, como abrir passagem na terra dura e chegar jamais a si mesma?

O elefante suportava o próprio peso. Aquele elefante inteiro a quem fora dado com uma simples pata esmagar. Mas que não esmagava. Aquela potência que no entanto se deixaria docilmente conduzir a um circo, elefante de crianças. E os olhos, numa bondade de velho, presos dentro da grande carne herdada. O elefante oriental. Também a primavera oriental, e tudo nascendo, tudo escorrendo pelo riacho.

O camelo em trapos, corcunda, mastigando a si próprio, entregue ao processo de conhecer a comida.

Os grandes cílios empoeirados do camelo sobre olhos que se tinham dedicado à paciência de um artesanato interno. A paciência, a paciência, a paciência, só isso ela encontrava na primavera ao vento.

Quisesse ou não quisesse o corpo sacudia-se como o de quem ri, aquela sensação de morte às gargalhadas, morte sem aviso de quem não rasgou antes os papéis da gaveta, não a morte dos outros, a sua, sempre a sua.

Poderia ter aproveitado o grito dos outros para dar seu urro de lamento, ela se esqueceu, ela só teve espanto.

No meio de todo o mundo tudo o que tinha na bolsa caíra no chão e tudo o que tivera valor enquanto secreto na bolsa, ao ser exposto na poeira da rua, revelara a mesquinharia de uma vida íntima de precauções: pó de arroz, recibo, caneta-tinteiro, ela recolhendo do meio-fio os andaimes de sua vida.

Embora ninguém prestasse atenção, alisou de novo a saia, fazia o possível para que não percebessem que estava fraca e difamada, protegia com altivez os ossos quebrados. Mas o céu lhe rodava no estômago vazio; a terra, que subia e descia a seus olhos, ficava por momentos distante, a terra que é sempre tão difícil. Por um momento a mulher quis, num cansaço de choro mudo, estender a mão para a terra difícil: sua mão se estendeu como a de um aleijado pedindo.

Só isso? Só isto. Da violência, só isto.

De dentro da jaula o quati olhou-a. Ela o olhou. Nenhuma palavra trocada. Nunca poderia odiar o quati que no silêncio de um corpo indagante a olhava. Perturbada, desviou os olhos da ingenuidade do quati. O quati curioso lhe fazendo uma pergunta como uma criança pergunta. E ela desviando os olhos, escondendo dele a sua missão mortal. A testa estava tão encostada às grades que por um instante lhe pareceu que ela estava enjaulada e que um quati livre a examinava.

Deu um gemido que pareceu vir da sola dos pés.

Onde encontrar o animal que lhe ensinasse a ter o seu próprio ódio? o ódio que lhe pertencia por direito mas que em dor ela não alcançava? onde aprender a odiar para não morrer de amor?

O mundo das bestas que na primavera se cristianizam em patas que arranham mas não dói... oh não mais esse mundo! não mais esse perfume, não esse arfar cansado, não mais esse perdão em tudo o que um dia vai morrer como se fora para dar-se.

Se aquela mulher perdoasse mais uma vez, uma só vez que fosse, sua vida estaria perdida – deu um gemido áspero e curto, o quati sobressaltou-se – enjaulada olhou em torno de si, e como não era pessoa em quem

prestassem atenção, encolheu-se como uma velha assassina solitária, uma criança passou correndo sem vê-la.

Peito que só sabia resignar-se, que só sabia suportar, só sabia pedir perdão, só sabia perdoar, que só aprendera a ter a doçura da infelicidade, e só aprendera a amar, a amar, a amar.

Imaginar que talvez nunca experimentasse o ódio de que sempre fora feito o seu perdão, fez seu coração gemer sem pudor, ela começou a andar tão depressa que parecia ter encontrado um súbito destino.

Os sapatos a desequilibravam, e davam-lhe uma fragilidade de corpo que de novo a reduzia a fêmea de presa, os passos tomaram mecanicamente o desespero implorante dos delicados, ela que não passava de uma delicada.

Poderia evitar a alegria de andar descalça? como não amar o chão em que se pisa?

O búfalo negro estava imóvel no fundo do terreno. Depois passeou ao longe com os quadris estreitos, os quadris concentrados. O pescoço mais grosso que as ilhargas contraídas. Visto de frente, a grande cabeça mais larga que o corpo impedia a visão do resto do corpo, como uma cabeça decepada. E na cabeça os cornos. De longe ele passeava devagar com seu torso. Era um búfalo negro. Tão preto que a distância a cara não tinha traços. Sobre o negror a alvura erguida dos cornos.

O búfalo negro olhou-a um instante. No instante seguinte, a mulher de novo viu apenas o duro músculo do corpo. Talvez não a tivesse olhado. Não podia saber, porque das trevas da cabeça ela só distinguia os contornos.

O búfalo deu outra volta lenta. A poeira. A mulher apertou os dentes, o rosto todo doeu um pouco.

O búfalo com o torso preto. No entardecer luminoso era um corpo enegrecido de tranquila raiva, a mulher suspirou devagar. Uma coisa branca espalhará-se dentro dela, branca como papel, fraca como papel, intensa como uma brancura. A morte zumbia nos seus ouvidos. Novos passos do búfalo trouxeram-na a si mesma e, em novo longo suspiro, ela voltou à tona.

O búfalo de costas para ela, imóvel. O rosto esbranquiçado da mulher não sabia como chamá-lo. Ah! disse provocando-o. Ah! disse ela. Seu rosto estava coberto de mortal brancura, o rosto subitamente emagrecido era de pureza e veneração. Ah! instigou-o com os dentes apertados. Mas de costas para ela, o búfalo inteiramente imóvel.

Eu te amo, disse ela então com ódio para o homem cujo grande crime impunível era o de não querê-la. Eu te odeio, disse implorando amor ao búfalo.

Lá estavam o búfalo e a mulher, frente a frente. Ela não olhou a cara, nem a boca, nem os cornos. Olhou seus olhos.

E os olhos do búfalo, os olhos olharam seus olhos. E uma palidez tão funda foi trocada que a mulher se entorpeceu dormente. De pé, em sono profundo. Olhos pequenos e vermelhos a olhavam. Os olhos do búfalo. A mulher tonteou surpreendida, lentamente meneava a cabeça. O búfalo calmo. Lentamente a mulher meneava a cabeça, espantada com o ódio com que o búfalo, tranquilo de ódio, a olhava.

PARTE III

Felicidade clandestina



Ela me escolhera para eu sofrer, às vezes adivinho. Mas, adivinhando mesmo, às vezes aceito: como se quem quer me fazer sofrer esteja precisando danadamente que eu sofra.

Disse firme e calma para a filha: você vai emprestar o livro agora mesmo. E para mim: “E você fica com o livro por quanto tempo quiser.” Entendem? Valia mais do que me dar o livro: “pelo tempo que eu quisesse” é tudo o que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer.

Abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade.

Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo.

Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante.

Conhecemo-nos apenas no último ano da escola. Desde esse momento estávamos juntos a qualquer hora. Há tanto tempo precisávamos de um amigo que nada havia que não confiássemos um ao outro. Chegamos a um ponto de amizade que não podíamos mais guardar um pensamento: um telefonava logo ao outro, marcando encontro imediato. Depois da conversa, sentíamo-nos tão contentes como se nos tivéssemos presenteado a nós mesmos. Esse estado de comunicação contínua chegou a tal exaltação que, no dia em que nada tínhamos a nos confiar, procurávamos com alguma aflição um assunto. Só que o assunto havia de ser grave, pois em qualquer um não caberia a veemência de uma sinceridade pela primeira vez experimentada.

Nossos encontros eram cada vez mais decepcionantes. Minha sincera pobreza revelava-se aos poucos.

Nossa amizade era tão insolúvel como a soma de dois números: inútil querer desenvolver para mais de um momento a certeza de que dois e três são cinco.

A solidão de um ao lado do outro, ouvindo música ou lendo, era muito maior do que quando estávamos sozinhos.

Já tínhamos caído na facilidade de prestar favores.

Pensei compreender por que os noivos se presenteiam, por que o marido faz questão de dar conforto à esposa, e esta prepara-lhe afanada o alimento, por que a mãe exagera nos cuidados ao filho. Foi, aliás, nesse período que, com algum sacrifício, dei um pequeno broche de ouro àquela que é hoje minha mulher. Só muito depois eu ia compreender que estar também é dar.

Continuamos um ao lado do outro, sem encontrar aquela palavra que cederia a alma. Cederia a alma? mas afinal de contas quem queria ceder a alma? Ora essa.

Sabíamos que não nos veríamos mais, senão por acaso. Mais que isso: que não queríamos nos rever. E sabíamos também que éramos amigos.

Ser ou não inteligente dependia da instabilidade dos outros.

Quando era considerado inteligente, tinha ao mesmo tempo a inquieta sensação de inconsciência: alguma coisa lhe havia escapado.

Foi exatamente por intermédio desse estado de permanente incerteza e por intermédio da prematura aceitação de que a chave não está com

ninguém – foi através disso tudo que ele foi crescendo normalmente, e vivendo em serena curiosidade.

O passo que muitos não chegam a dar ele já havia dado: aceitara a incerteza.

Iria brincar de “não ser julgado”: por um dia inteiro ele não seria nada, simplesmente não seria. E abriu a porta num safanão de liberdade.

Quando ele se deu conta, era um amado.

Adaptou-se ao amor de uma mulher, amor novo que não parecia com o amor dos outros adultos: era um amor pedindo realização, pois faltava à prima a gravidez, que já é em si um amor materno realizado. Mas era um amor sem a prévia gravidez. Era um amor pedindo, *a posteriori*, a concepção. Enfim, o amor impossível.

O dia inteiro, sem uma palavra, ela exigindo dele que ele tivesse nascido no ventre dela. A prima não queria nada dele, senão isso. Ela queria do menino de óculos que ela não fosse uma mulher sem filhos. Nesse dia, pois, ele conheceu uma das raras formas de estabilidade: a estabilidade do desejo irrealizável. A estabilidade do ideal inatingível.

Pela primeira vez sentiu-se atraído pelo imoderado: atração pelo extremo impossível. Numa palavra, pelo impossível. E pela primeira vez teve então amor pela paixão.

Foi apenas como se ele tivesse tirado os óculos, e a miopia mesmo é que o fizesse enxergar.

Mesmo me agregando tão pouco à alegria, eu era de tal modo sedenta que um quase nada já me tornava uma menina feliz.

De súbito entrava no contato indispensável com o meu mundo interior, que não era feito só de duendes e príncipes encantados, mas de pessoas com o seu mistério.

O jogo de dados de um *destino* é irracional? É impiedoso.

Um menino de uns 12 anos, o que para mim significava um rapaz, esse menino muito bonito parou diante de mim e, numa mistura de carinho, grossura, brincadeira e sensualidade, cobriu meus cabelos já lisos, de confete: por um instante ficamos nos defrontando, sorrindo, sem falar. E eu então, mulherzinha de 8 anos, considerei pelo resto da noite que enfim alguém me havia reconhecido: eu era, sim, uma rosa.

O mundo parece chato mas eu sei que não é. Sabe por que parece chato? Porque, sempre que a gente olha, o céu está em cima, nunca está embaixo, nunca está de lado. Eu sei que o mundo é redondo porque disseram, mas só ia parecer redondo se a gente olhasse e às vezes o céu estivesse lá embaixo. Eu sei que é redondo, mas para mim é chato.

Pepino não parece *inreal*?

Por puro carinho, eu me senti a mãe de Deus, que era a Terra, o mundo. Por puro carinho, mesmo, sem nenhuma prepotência ou glória, sem o menor senso de superioridade ou igualdade, eu era por carinho a mãe do que existe. Soube também que se tudo isso “fosse mesmo” o que eu sentia – e não possivelmente um equívoco de sentimento – que Deus sem nenhum orgulho e nenhuma pequenez se deixaria acarinhar, e sem nenhum compromisso comigo. Ser-Lhe-ia aceitável a intimidade com que eu fazia carinho.

Sei que se ama ao que é Deus. Com amor grave, amor solene, respeito, medo, e reverência. Mas nunca tinham me falado de carinho maternal por

Ele.

Assim como meu carinho por um filho não o reduz, até o alarga, assim ser mãe do mundo era o meu amor apenas livre.

Pisei num enorme rato morto. Em menos de um segundo estava eu eriçada pelo terror de viver, em menos de um segundo estilhaçava-me toda em pânico, e controlava como podia o meu mais profundo grito. Quase correndo de medo, cega entre as pessoas, terminei no outro quarto encostada a um poste, cerrando violentamente os olhos, que não queriam mais ver. Mas a imagem colava-se às pálpebras: um grande rato ruivo, de cauda enorme, com os pés esmagados, e morto, quieto, ruivo.

Então não podia eu me entregar desprevenida ao amor? De que estava Deus querendo me lembrar? Não sou pessoa que precise ser lembrada de que dentro de tudo há o sangue.

Não só não esqueço o sangue de dentro como eu o admito e o quero, sou demais o sangue para esquecer o sangue.

A palavra espiritual não tem sentido, e nem a palavra terrena tem sentido.

Ratos já riram de mim, no passado do mundo os ratos já me devoraram com pressa e raiva.

Então era assim?, eu andando pelo mundo sem pedir nada, sem precisar de nada, amando de puro amor inocente, e Deus a me mostrar o seu rato? A grosseria de Deus me feria e insultava-me. Deus era bruto.

Que vingança poderia eu contra um Deus Todo-Poderoso, contra um Deus que até com um rato esmagado podia me esmagar?

Minha vulnerabilidade de criatura só. Na minha vontade de vingança nem ao menos eu podia encará-Lo, pois eu não sabia onde é que Ele mais estava, qual seria a coisa onde Ele mais estava e que eu, olhando com raiva essa coisa, eu O visse? no rato? naquela janela? nas pedras do chão? Em mim é que Ele não estava mais. Em mim é que eu não O via mais.

Não guardarei segredo, e vou contar. Sei que é ignóbil ter entrado na intimidade de Alguém, e depois contar os segredos, mas vou contar – não conte, só por carinho não conte, guarde para você mesma as vergonhas Dele – mas vou contar, sim, vou espalhar isso que me aconteceu, dessa vez não vai ficar por isso mesmo, vou contar o que Ele fez, vou estragar a Sua reputação.

O mundo também é rato, e eu tinha pensado que já estava pronta para o rato também.

Eu fazia do amor um cálculo matemático errado: pensava que, somando as compreensões, eu amava. Não sabia que, somando as incompreensões, é que se ama verdadeiramente.

Eu, só por ter tido carinho, pensei que amar é fácil.

Quis o amor solene, sem compreender que a solenidade ritualiza a incompreensão e a transforma em oferenda.

Sempre fui de brigar muito, meu modo é brigando. É porque sempre tento chegar pelo meu modo. É porque ainda não sei ceder. É porque no fundo eu quero amar o que eu amaria – e não o que é.

Só poderei ser mãe das coisas quando puder pegar um rato na mão.

Nunca poderei pegar num rato sem morrer de minha pior morte.

Que eu use o *magnificat* que entoa às cegas sobre o que não se sabe nem vê.

O formalismo não tem ferido a minha simplicidade, e sim o meu orgulho, pois é pelo orgulho de ter nascido que me sinto tão íntima do mundo.

O rato existe tanto quanto eu, e talvez nem eu nem o rato sejamos para ser vistos por nós mesmos, a distância nos iguala.

Talvez eu tenha que aceitar antes de mais nada esta minha natureza que quer a morte de um rato. Talvez eu me ache delicada demais apenas porque não cometi os meus crimes. Só porque contive os meus crimes, eu me acho de amor inocente. Talvez eu não possa olhar o rato enquanto não olhar sem lividez esta minha alma que é apenas contida. Talvez eu tenha que chamar de “mundo” esse meu modo de ser um pouco de tudo.

Como posso amar a grandeza do mundo se não posso amar o tamanho de minha natureza?

Enquanto eu imaginar que “Deus” é bom só porque eu sou ruim, não estarei amando a nada: será apenas o meu modo de me acusar.

Escolhi amar o meu contrário, e ao meu contrário quero chamar de Deus.

De mim só consegui foi me submeter a mim mesma, pois sou tão mais inexorável do que eu.

Enquanto eu amar a um Deus só porque não me quero, serei um dado marcado, e o jogo de minha vida maior não se fará. Enquanto eu inventar Deus, Ele não existe.

Que fazer de uma menina ruiva com soluço? Olhamo-nos sem palavras, desalento contra desalento.

Numa terra de morenos, ser ruivo era uma revolta involuntária.

Entre tantos seres que estão prontos para se tornarem donos de outro ser, lá estava a menina que viera ao mundo para ter aquele cachorro. Ele fremia suavemente, sem latir. Ela olhava-o sob os cabelos, fascinada, séria. Quanto tempo se passava? Um grande soluço sacudiu-a desafinado. Ele nem sequer tremeu. Também ela passou por cima do soluço e continuou a fitá-lo.

Que foi que se disseram? Não se sabe. Sabe-se apenas que se comunicaram rapidamente, pois não havia tempo. Sabe-se também que sem falar eles se pediam. Pediam-se, com urgência, com encabulamento, surpreendidos.

Ele foi mais forte que ela. Nem uma só vez olhou para trás.

Olho o ovo com um só olhar. Imediatamente percebo que não se pode estar vendo um ovo. Ver um ovo nunca se mantém no presente: mal vejo um ovo e já se torna ter visto um ovo há três milênios.

No próprio instante de se ver o ovo ele é a lembrança de um ovo. – Só vê o ovo quem já o tiver visto.

Ver o ovo é a promessa de um dia chegar a ver o ovo. – Olhar curto e indivisível; se é que há pensamento; não há; há o ovo. – Olhar é o necessário instrumento que, depois de usado, jogarei fora. Ficarei com o ovo. – O ovo não tem um si-mesmo. Individualmente ele não existe.

Ver o ovo é impossível: o ovo é supervisível como há sons supersônicos.

Ninguém é capaz de ver o ovo. O cão vê o ovo? Só as máquinas veem o ovo. O guindaste vê o ovo.

O amor pelo ovo é supersensível. A gente não sabe que ama o ovo.

Só quem visse o mundo veria o ovo.

O ovo é uma coisa suspensa. Nunca pousou. Quando pousa, não foi ele quem pousou. Foi uma coisa que ficou embaixo do ovo.

Entender é a prova do erro.

O que eu não sei do ovo é o que realmente importa. O que eu não sei do ovo me dá o ovo propriamente dito.

O ovo desnuda a cozinha. Faz da mesa um plano inclinado. O ovo expõe.

Quem se aprofunda num ovo, quem vê mais do que a superfície do ovo, está querendo outra coisa: está com fome.

Ovo é a alma da galinha. A galinha desajeitada. O ovo certo. A galinha assustada. O ovo certo.

A aura de meus dedos é que vê o ovo. Não toco nele.

O ovo me vê. O ovo me idealiza? O ovo me medita? Não, o ovo apenas me vê. É isento da compreensão que fere.

O ovo é basicamente um jarro? Terá sido o primeiro jarro moldado pelos etruscos? Não. O ovo é originário da Macedônia. Lá foi calculado, fruto da mais penosa espontaneidade. Nas areias da Macedônia um homem com uma vara na mão desenhou-o. E depois apagou-o com o pé nu.

O ovo é branco mesmo. Mas não pode ser chamado de branco. Não porque isso faça mal a ele, mas as pessoas que chamam ovo de branco, essas pessoas morrem para a vida.

Com o tempo, o ovo se tornou um ovo de galinha. Não o é. Mas, adotado, usa-lhe o sobrenome. – Deve-se dizer “o ovo da galinha”. Se se disser

apenas “o ovo”, esgota-se o assunto, e o mundo fica nu.

A veracidade do ovo não é verossímil. Se descobrirem, podem querer obrigá-lo a se tornar retangular. O perigo não é para o ovo, ele não se tornaria retangular. (Nossa garantia é que ele não pode: não pode é a grande força do ovo: sua grandiosidade vem da grandeza de não poder, que se irradia como um não querer.)

O corpo da galinha é a maior prova de que o ovo não existe. Basta olhar para a galinha para se tornar óbvio que o ovo é impossível de existir.

O ovo é o sonho inatingível da galinha. A galinha ama o ovo. Ela não sabe que existe o ovo.

O que a galinha faz é estar permanentemente sobrevivendo. Sobreviver chama-se manter luta contra a vida que é mortal. Ser uma galinha é isso.

Quanto a quem veio antes, foi o ovo que achou a galinha. A galinha não foi sequer chamada. A galinha é diretamente uma escolhida.

Todo o susto da galinha é porque estão sempre interrompendo o seu devaneio.

A galinha sofre de um mal desconhecido. O mal desconhecido da galinha é o ovo. – Ela não sabe se explicar: “sei que o erro está em mim mesma”, ela chama de erro a sua vida.

A galinha tem muita vida interior. Para falar a verdade a galinha só tem mesmo é vida interior. A nossa visão de sua vida interior é o que nós chamamos de “galinha”.

Fora de ser um meio de transporte para o ovo, a galinha é tonta, desocupada e míope.

Como poderia a galinha se entender se ela é a contradição de um ovo?

A galinha é sempre a tragédia mais moderna. Está sempre inutilmente a par.

Para a galinha não há jeito: está na sua condição não servir a si própria. Sendo, porém, o seu destino mais importante que ela, e sendo o seu destino o ovo, a sua vida pessoal não nos interessa.

De repente olho o ovo na cozinha e só vejo nele a comida.

Fora de cada ovo particular, fora de cada ovo que se come, o ovo não existe.

Olhei demais um ovo e ele foi me adormecendo.

A galinha que não queria sacrificar a sua vida. A que optou por querer ser “feliz”. A que não percebia que, se passasse a vida desenhando dentro de si como numa iluminura o ovo, ela estaria servindo. A que não sabia perder a si mesma. A que pensou que tinha penas de galinha para se cobrir por possuir pele preciosa, sem entender que as penas eram exclusivamente para suavizar a travessia ao carregar o ovo, porque o sofrimento intenso poderia prejudicar o ovo. A que pensou que o prazer lhe era um dom, sem perceber que era para que ela se distraísse totalmente enquanto o ovo se faria. A que não sabia que “eu” é apenas uma das palavras que se desenharam enquanto se atende ao telefone, mera tentativa de buscar forma mais adequada. A que pensou que “eu” significa ter um si-mesmo.

Só entendo ovo quebrado: quebro-o na frigideira. É deste modo indireto que me ofereço à existência do ovo.

Pego mais um ovo na cozinha, quebro-lhe casca e forma. E a partir deste instante exato nunca existiu um ovo.

É absolutamente indispensável que eu seja uma ocupada e uma distraída.

Poucos querem o amor, porque amor é a grande desilusão de tudo o mais. E poucos suportam perder todas as outras ilusões.

Há os que se voluntariam para o amor, pensando que o amor enriquecerá a vida pessoal. É o contrário.

Era ingênuo o seu desejo de lealdade, ele não compreendera que ser leal não é coisa limpa, ser leal é ser desleal para com todo o resto.

Durmo o sono dos justos por saber que minha vida fútil não atrapalha a marcha do grande tempo.

Já me foi dado muito; isto, por exemplo: uma vez ou outra, com o coração batendo pelo privilégio, eu pelo menos sei que não estou reconhecendo! com o coração batendo de emoção, eu pelo menos não compreendo! com o coração batendo de confiança, eu pelo menos não sei.

O ovo é um esquivo.

Passei a roubar rosas. O processo era sempre o mesmo: a menina vigiando, eu entrando, eu quebrando o talo e fugindo com a rosa na mão. Sempre com o coração batendo e sempre com aquela glória que ninguém me tirava.

Pitangas, por exemplo, são elas mesmas que pedem para ser colhidas, em vez de amadurecer e morrer no galho, virgens.

Sobre Ofélia e seus pais, teria respondido com o decoro da honestidade: mal os conheci. Diante do mesmo júri ao qual responderia: mal me conheço – e para cada cara de jurado diria com o mesmo límpido olhar de quem se hipnotizou para a obediência: mal vos conheço.

Em casa um pinto. Veio trazido por mão que queria ter o gosto de me dar coisa nascida.

Ao desengradarmos o pinto, sua graça pegou-nos em flagrante. Amanhã é Natal, mas o momento de silêncio que espero o ano inteiro veio um dia antes de Cristo nascer. Coisa piando por si própria desperta a suavíssima curiosidade que junto de uma manjedoura é adoração.

Sentimentos são água de um instante.

A mesma água já é outra quando o sol a deixa muito leve, e já outra quando se enerva tentando morder uma pedra, e outra ainda no pé que mergulha.

A meu marido, a bondade deixa ríspido e severo, ao que já nos habituamos; ele se crucifica um pouco. Nos meninos, que são mais graves, a bondade é um ardor. A mim, a bondade me intimida.

Nos desajeitava o medo que o pinto tinha de nós; ali estávamos, e nenhum merecia comparecer a um pinto; a cada piar, ele nos espargia para fora. A cada piar, reduzia-nos a não fazer nada. A constância de seu pavor acusava-nos de uma alegria leviana que a essa hora nem alegria mais era, era amolação.

Nos meninos havia uma indignação silenciosa, e a acusação deles é que nada fazíamos pelo pinto ou pela humanidade. A nós, pai e mãe, o piar cada vez mais ininterrupto já nos levava a uma resignação constrangida: as coisas são assim mesmo. Só que nunca tínhamos contado isso aos meninos, tínhamos vergonha; e adiávamos indefinidamente o momento de chamá-los e falar claro que as coisas são assim.

O pinto, esse piava. Sobre a mesa envernizada ele não ousava um passo, um movimento, ele piava para dentro. Eu não sabia sequer onde cabia tanto terror numa coisa que era só penas. Penas encobrindo o quê? meia dúzia de ossos que se haviam reunido fracos para quê? para o piar de um terror.

Era impossível dar-lhe a palavra asseguradora que o fizesse não ter medo, consolar coisa que por ter nascido se espanta. Como prometer-lhe o hábito?

Pai e mãe, sabíamos quão breve seria a vida do pinto. Também este sabia, do modo como as coisas vivas sabem: através do susto profundo.

Era amar o nosso amor querer que o pinto fosse feliz somente porque o amávamos.

Resolve o nascimento, e o nosso era amor de quem se compraz em amar: eu me revolvía na graça de me ser dado amar, sinos, sinos repicavam porque sei adorar.

O pinto tremia, coisa de terror, não de beleza.

Eu era a enviada junto àquela coisa que não compreendia a minha única linguagem: eu estava amando sem ser amada. A missão era falível.

Um homem e quatro meninos me fitavam, incrédulos e confiantes. Eu era a mulher da casa, o celeiro. Por que a impassibilidade dos cinco, não entendi. Quantas vezes teria eu falhado para que, na minha hora de timidez, eles me olhassem. Tentei isolar-me do desafio dos cinco homens para também eu esperar de mim e lembrar-me de como é o amor. Abri a boca, ia dizer-lhes a verdade: não sei como.

Ofélia, ela dava-me conselhos. Tinha opinião formada a respeito de tudo. Tudo o que eu fazia era um pouco errado, na sua opinião. Dizia “na minha opinião” em tom ressentido, como se eu lhe devesse ter pedido conselhos e, já que eu não pedia, ela dava. Com seus 8 anos altivos e bem vividos, dizia que na sua opinião eu não criava bem os meninos; pois meninos quando se dá a mão querem subir na cabeça. Banana não se mistura com leite. Mata. Mas é claro a senhora faz o que quiser; cada um sabe de si. Não era mais hora de estar de robe; sua mãe mudava de roupa logo que saía da cama, mas cada um termina levando a vida que quer.

Não saberia há quanto tempo Ofélia me olhava em silêncio. O que em mim pode atrair essa menina? exasperava-me eu. Uma vez, depois de seu longo silêncio, dissera-me tranquila: a senhora é esquisita. E eu, atingida em cheio no rosto sem cobertura – logo no rosto que sendo o nosso avesso é coisa tão sensível – eu, atingida em cheio, pensara com raiva: pois vai ver que é esse esquisito mesmo que você procura.

Uma vez Ofélia errou. Geografia – disse sentada defronte a mim com os dedos cruzados no colo – é um modo de estudar. Não chegava a ser erro, era mais um leve estrabismo de pensamento – mas para mim teve a graça de uma queda, e antes que o instante passasse, eu por dentro lhe disse: é assim mesmo que se faz, isso! vá devagar assim, e um dia vai ser mais fácil ou mais difícil para você, mas é assim, vá errando, bem, bem devagar.

Lá iam as duas pelo corredor que levava ao apartamento delas, a mãe abrigando a filha com murmúrios de repreensão amorosa, a filha impassível a fremir cachos e babados.

Eu era atraente demais para aquela criança. Tinha defeitos bastantes para seus conselhos, era terreno para o desenvolvimento de sua severidade.

O que era? Mas, o que fosse, não estava mais ali.

Uma astúcia passou-lhe então pelo rosto – se eu não estivesse ali, por astúcia, ela roubaria qualquer coisa. Nos olhos que pestanejaram à dissimulada sagacidade, nos olhos a grande tendência à rapina. Olhou-me rápida, e era a inveja, você tem tudo, e a censura, porque não somos a mesma e eu terei um pinto, e a cobiça – ela me queria para ela.

A grande pergunta me envolvia: vale a pena? Não sei, disse-lhe minha quietude cada vez maior, mas é assim.

Somos aquilo que tem de acontecer.

Eu via a dor de sua alegria difícil. A lenta cólica de um caracol. Ela passou devagar a língua pelos lábios finos. (Me ajuda, disse seu corpo na bipartição penosa. Estou ajudando, respondeu minha imobilidade.) A agonia lenta. Ela estava engrossando toda, a deformar-se com lentidão. Por momentos os olhos tornavam-se puros cílios, numa avidez de ovo. E a boca de uma fome trêmula. Quase sorria então, como se estendida numa mesa de operação dissesse que não estava doendo tanto. Ela não me perdia de vista: havia marcas de pés que ela não via, por ali alguém já tinha andado, e ela adivinhava que eu tinha andado muito. Mais e mais se deformava, quase idêntica a si mesma. Arrisco? deixo eu sentir?, perguntava-se nela. Sim, respondeu-se por mim.

Sim, repetiu meu silêncio para o dela, sim. Como na hora de meu filho nascer eu lhe dissera: sim. Eu tinha a ousadia de dizer sim a Ofélia, eu que sabia que também se morre em criança sem ninguém perceber. Sim, repeti embriagada, porque o perigo maior não existe: quando se vai, se vai junto, você mesma sempre estará; isso, isso você levará consigo para o que for ser.

Até então eu nunca vira a coragem. A coragem de ser o outro que se é, a de nascer do próprio parto, e de largar no chão o corpo antigo.

Sei que não lhe deveria ter dado a escolha, e então ela teria a desculpa de que fora obrigada a obedecer. Mas naquele momento não era por vingança que eu lhe dava o tormento da liberdade. É que aquele passo, também aquele passo ela deveria dar sozinha. Sozinha e agora. Ela é que teria de ir à montanha. Por que – confundia-me eu – por que estou tentando soprar minha vida na sua boca roxa? por que estou lhe dando uma respiração? como ousou respirar dentro dela, se eu mesma... – somente para que ela ande, estou lhe dando os passos penosos? sopro-lhe minha vida só para que um dia, exausta, ela por um instante sinta como se a montanha tivesse caminhado até ela?

Não posso viver isso por você – disse-lhe minha frieza.

Sua luta se fazia cada vez mais próxima e em mim, como se aquele indivíduo que nascera extraordinariamente dotado de força estivesse bebendo de minha fraqueza. Ao me usar ela me machucava com sua força; ela me arranhava ao tentar agarrar-se às minhas paredes lisas.

Ofélia pôs o pinto no chão para andar. Se ele corria, ela ia atrás, parecia só deixá-lo autônomo para sentir saudade; mas se ele se encolhia, pressurosa ela o protegia, com pena de ele estar sob o seu domínio, “coitado dele, ele é meu”; e quando o segurava, era com mão torta pela delicadeza – era o amor, sim, o tortuoso amor.

Ofélia, tentei eu inutilmente atingir a distância o coração da menina calada. Oh, não se assuste muito! às vezes a gente mata por amor, mas juro que um dia a gente esquece, juro! a gente não ama bem, ouça, repeti como se pudesse alcançá-la antes que, desistindo de servir ao verdadeiro, ela fosse altivamente servir ao nada.

Se alguém comete a imprudência de parar um instante a mais do que deveria, um pé afunda dentro e fica-se comprometido.

Desde esse instante em que também nós nos arriscamos, já não se trata mais de um fato a contar, começam a faltar as palavras que não o trairiam. A essa altura, afundados demais, o fato deixou de ser um fato para se tornar apenas a sua difusa repercussão.

A tentativa de viver mais intensamente levou-os, por sua vez, numa espécie de constante verificação de receita e despesa, a tentar pesar o que era e o que não era importante. Isso eles o faziam a modo deles: com falta de jeito e de experiência, com modéstia. Eles tateavam.

Num vício por ambos descoberto tarde demais na vida, cada qual pelo seu lado tentava continuamente distinguir o que era do que não era essencial, isto é, eles nunca usariam a palavra *essencial*, que não pertencia a seu ambiente. Mas de nada adiantava o vago esforço quase constrangido que faziam: a trama lhes escapava diariamente.

Só, por exemplo, olhando para o dia passado é que tinham a impressão de ter – de algum modo e por assim dizer à revelia deles, e por isso sem mérito – a impressão de ter vivido.

Pessoas precisam tanto poder contar a história delas mesmas.

Estavam calmos porque “não conduzir”, “não inventar”, “não errar” lhes era, muito mais que um hábito, um ponto de honra assumido tacitamente. Eles nunca se lembrariam de desobedecer.

“Ser um igual” fora o papel que lhes coubera, e a tarefa a eles entregue. Os dois, condecorados, graves, correspondiam grata e civicamente à confiança que os iguais haviam depositado neles. Pertenciam a uma casta. O papel que cumpriam, com certa emoção e com dignidade, era o de pessoas anônimas, o de filhos de Deus, como num clube de pessoas.

Abriam as janelas e diziam que fazia muito calor. Sem que vivessem propriamente no tédio, era como se nunca lhes mandassem notícias. O tédio, aliás, fazia parte de uma vida de sentimentos honestos.

Às vezes, quando falavam de alguém excêntrico, diziam com a benevolência que uma classe tem por outra: “Ah, esse leva uma vida de poeta.” Pode-se talvez dizer, aproveitando as poucas palavras que se conheceram do casal, pode-se dizer que ambos levavam, menos a extravagância, uma vida de mau poeta: vida de sonho.

Não era uma vida de sonho, pois este jamais os orientara. Mas de irreabilidade. Embora houvesse momentos em que de repente, por um motivo ou por outro, eles afundassem na realidade. E então lhes parecia ter tocado num fundo de onde ninguém pode passar.

Era surpreendente de como os dois não eram tocados, por exemplo, pela política, pela mudança de governo, pela evolução de um modo geral, embora também falassem às vezes a respeito, como todo o mundo. Na verdade eram pessoas tão reservadas que se surpreenderiam, lisonjeadas, se alguma vez lhes dissessem que eram reservadas. Nunca lhes ocorreria que se chamava assim. Talvez entendessem mais se lhes dissessem: “você simbolizam a nossa reserva militar.”

Nada mais havia a dizer. Faltava-lhes o peso de um erro grave, que tantas vezes é o que abre por acaso uma porta.

Passou a pensar que um outro homem a salvaria. O que não chegava a ser um absurdo. Ela sabia que não era. Ter meia razão a confundia, mergulhava-a em meditação.

Quanto a meu sábado – que fora da janela se balançava em acácias e sombras – eu preferia, a gastá-lo mal, fechá-lo na mão dura, onde eu o

amarfanhava como a um lenço.

Era uma mesa para homens de boa vontade. Quem seria o conviva realmente esperado e que não viera? Mas éramos nós mesmos. Então aquela mulher dava o melhor não importava a quem? E lavava contente os pés do primeiro estrangeiro. Constrangidos, olhávamos.

A mesa fora coberta por uma solene abundância. Sobre a toalha branca amontoavam-se espigas de trigo. E maçãs vermelhas, enormes cenouras amarelas, redondos tomates de pele quase estalando, chuchus de um verde líquido, abacaxis malignos na sua selvageria, laranjas alaranjadas e calmas, maxixes eriçados como porcos-espinhos, pepinos que se fechavam duros sobre a própria carne aquosa, pimentões ocos e avermelhados que ardiam nos olhos – tudo emaranhado em barbas e barbas úmidas de milho, ruivas como junto de uma boca. E os bagos de uva. As mais roxas das uvas pretas e que mal podiam esperar pelo instante de serem esmagadas. E não lhes importava esmagadas por quem. Os tomates eram redondos para ninguém: para o ar, para o redondo ar. Sábado era de quem viesse. E a laranja adoçaria a língua de quem primeiro chegasse.

Em nome de nada, era hora de comer. Em nome de ninguém, era bom. Sem nenhum sonho. E nós pouco a pouco a par do dia, pouco a pouco anonimizados, crescendo, maiores, à altura da vida possível. Então, como fidalgos camponeses, aceitamos a mesa.

Quanto nós queríamos comê-lo. Nada guardando para o dia seguinte, ali mesmo ofereci o que eu sentia àquilo que me fazia sentir. Era um viver que eu não pagara de antemão com o sofrimento da espera, fome que nasce quando a boca já está perto da comida. Porque agora estávamos com fome, fome inteira que abrigava o todo e as migalhas. Quem bebia vinho, com os olhos tomava conta do leite. Quem lento bebeu o leite, sentiu o vinho que o outro bebia. Lá fora Deus nas acácias.

A carne trinchada foi distribuída. A cordialidade era rude e rural. Ninguém falou mal de ninguém porque ninguém falou bem de ninguém. Era reunião de colheita, e fez-se trégua. Comíamos. Como uma horda de seres vivos, cobríamos gradualmente a terra. Ocupados como quem lavra a existência, e planta, e colhe, e mata, e vive, e morre, e come. Comi com a honestidade de quem não engana o que come: comi aquela comida e não o seu nome. Nunca Deus foi tão tomado pelo que Ele é.

Aquela era a mesa de meu pai. Comi sem ternura, comi sem a paixão da piedade. E sem me oferecer à esperança. Comi sem saudade nenhuma. E eu bem valia aquela comida. Porque nem sempre posso ser a guarda de meu irmão, e não posso mais ser a minha guarda, ah não me quero mais. E não quero formar a vida porque a existência já existe. Existe como um chão onde nós todos avançamos. Sem uma palavra de amor. Sem uma palavra. Mas teu prazer entende o meu. Nós somos fortes e nós comemos. Pão é amor entre estranhos.

Aqui em casa pousou uma esperança. Não a clássica que tantas vezes verifica-se ser ilusória, embora mesmo assim nos sustente sempre. Mas a outra, bem concreta e verde: o inseto.

Esperança é coisa secreta e costuma pousar diretamente em mim, sem ninguém saber.

Parece que esperança não tem olhos, mamãe, é guiada pelas antenas.

Foi então que farejando o mundo que é comível, saiu de trás de um quadro uma aranha. Não uma aranha, mas me parecia “a” aranha. Andando pela sua teia invisível, parecia transladar-se maciamente no ar. Ela queria a esperança. Mas nós também queríamos e, oh! Deus, queríamos menos que comê-la.

Mas como é bonito o inseto: mais pousa que vive.

Uma vez, aliás, agora é que me lembro, uma esperança bem menor que esta pousara no meu braço. Não senti nada, de tão leve que era, foi só visualmente que tomei consciência de sua presença. Encabulei com a delicadeza. Eu não mexia o braço e pensei: “e essa agora? que devo fazer?” Em verdade nada fiz. Fiquei extremamente quieta como se uma flor tivesse nascido em mim.

Da primeira vez que tivemos em casa um mico foi perto do Ano-Novo. Estávamos sem água e sem empregada, fazia-se fila para carne, o calor rebentara – e foi quando, muda de perplexidade, vi o presente entrar em casa, já comendo banana, já examinando tudo com grande rapidez e um longo rabo. Mais parecia um macacão ainda não crescido, suas potencialidades eram tremendas. Subia pela roupa estendida na corda, de onde dava gritos de marinheiro, e jogava cascas de banana onde caíssem. E eu exausta. Quando me esquecia e entrava distraída na área de serviço, o grande sobressalto: aquele homem alegre ali.

“Não se compra macaco na rua”, censurou-me ele abanando a cabeça, “às vezes já vem doente.” Não, tinha-se que comprar macaca certa, saber da origem, ter pelo menos cinco anos de garantia do amor, saber do que fizera ou não fizera, como se fosse para casar.

Eu o exasperava tanto que se tornara doloroso para mim ser o objeto do ódio daquele homem que de certo modo eu amava. Não o amava como a mulher que eu seria um dia, amava-o como uma criança que tenta desastrosamente proteger um adulto, com a cólera de quem ainda não foi covarde e vê um homem forte de ombros tão curvos. Ele me irritava.

Eu tinha nove anos e pouco, dura idade como o talo não quebrado de uma begônia.

De manhã, ao atravessar os portões da escola, pura como ia com meu café com leite e a cara lavada, era um choque deparar em carne e osso com o homem que me fizera devanear por um abismal minuto antes de dormir. Em superfície de tempo fora um minuto apenas, mas em profundidade eram velhos séculos de escuríssima doçura.

De manhã – como se eu não tivesse contado com a existência real daquele que desencadeara meus negros sonhos de amor – de manhã, diante do homem grande com seu paletó curto, em choque eu era jogada na vergonha, na perplexidade e na assustadora esperança. A esperança era o meu pecado maior.

Sem saber que eu obedecia a velhas tradições, mas com uma sabedoria com que os ruins já nascem – aqueles ruins que roem as unhas de espanto –, sem saber que obedecia a uma das coisas que mais acontecem no mundo, eu estava sendo a prostituta e ele o santo.

As palavras me antecedem e ultrapassam, elas me tentam e me modificam, e se não tomo cuidado será tarde demais: as coisas serão ditas sem eu as ter dito.

Meu enleio vem de que um tapete é feito de tantos fios que não posso me resignar a seguir um fio só; meu enredamento vem de que uma história é feita de muitas histórias. E nem todas posso contar – uma palavra mais verdadeira poderia de eco em eco fazer desabar pelo despenhadeiro as minhas altas geleiras.

Só Deus perdoaria o que eu era porque só Ele sabia do que me fizera e para o quê. Eu me deixava, pois, ser matéria d’Ele. Ser matéria de Deus era a minha única bondade. E a fonte de um nascente misticismo. Não misticismo por Ele, mas pela matéria d’Ele, mas pela vida crua e cheia de prazeres: eu era uma adoradora.

Não me sobrava tempo para estudar. As alegrias me ocupavam, ficar atenta me tomava dias e dias.

Havia meninos que eu escolhera e que não me haviam escolhido, eu perdia horas de sofrimento porque eles eram inatingíveis, e mais outras horas de sofrimento aceitando-os com ternura, pois o homem era o meu rei da Criação.

Estava permanentemente ocupada em querer e não querer ser o que eu era, não me decidia por qual de mim, toda eu é que não podia.

Só tinha tempo de crescer. O que eu fazia para todos os lados, com uma falta de graça que mais parecia o resultado de um erro de cálculo: as pernas não combinavam com os olhos, e a boca era emocionada enquanto as mãos se esgalhavam sujas – na minha pressa eu crescia sem saber para onde.

O fato de um retrato da época me revelar, ao contrário, uma menina bem plantada, selvagem e suave, com olhos pensativos embaixo da franja pesada, esse retrato real não me desmente, só faz é revelar uma fantasmagórica estranha que eu não compreenderia se fosse a sua mãe.

Não podia me arriscar a aprender, não queria me perturbar – tomava intuitivo cuidado com o que eu era, já que eu não sabia o que era, e com vaidade cultivava a integridade da ignorância.

Eu também o acoitava com o olhar: a tudo o que ele dizia eu respondia com um simples olhar direto, do qual ninguém em sã consciência poderia me acusar. Era um olhar que eu tornava bem límpido e angélico, muito aberto, como o da candidez olhando o crime. E conseguia sempre o mesmo resultado: com perturbação ele evitava meus olhos, começando a gaguejar. O que me enchia de um poder que me amaldiçoava. E de

piedade. O que por sua vez me irritava. Irritava-me que ele obrigasse uma porcaria de criança a compreender um homem.

Era cedo demais para eu ver tanto. Era cedo demais para eu ver como nasce a vida. Vida nascendo era tão mais sangrento do que morrer. Morrer é ininterrupto. Mas ver matéria inerte lentamente tentar se erguer como um grande morto-vivo... Ver a esperança me aterrorizava, ver a vida me embrulhava o estômago. Estavam pedindo demais de minha coragem só porque eu era corajosa, pediam minha força só porque eu era forte. “Mas e eu?”, gritei dez anos depois por motivos de amor perdido, “quem virá jamais à minha fraqueza!”

Preferia sua cólera antiga, que me ajudara na minha luta contra mim mesma, pois coroava de insucesso os meus métodos e talvez terminasse um dia me corrigindo: eu não queria era esse agradecimento que não só era a minha pior punição, por eu não merecê-lo, como vinha encorajar minha vida errada que eu tanto temia, viver errado me atraía.

Já me habituara a proteger a alegria dos outros, a de meu pai, por exemplo, que era mais desprevenido que eu.

Ele parecia um mendigo que agradecesse o prato de comida sem perceber que lhe haviam dado carne estragada.

A prece profunda não é aquela que pede, a prece mais profunda é a que não pede mais.

Não, eu não era doidinha, a realidade era o meu destino, e era o que em mim doía nos outros.

Antes já havia descoberto em mim todo o ávido veneno com que se nasce e com que se rói a vida – só naquele instante de mel e flores descobria de

que modo eu curava: quem me amasse, assim eu teria curado quem sofresse de mim. Eu era a escura ignorância com suas fomes e risos, com as pequenas mortes alimentando a minha vida inevitável – que podia eu fazer? Eu já sabia que eu era inevitável.

Eu não prestava, eu fora tudo o que aquele homem tivera naquele momento. Pelo menos uma vez ele teria que amar, e sem ser a ninguém – através de alguém. E só eu estivera ali. Se bem que esta fosse a sua única vantagem: tendo apenas a mim, e obrigado a iniciar-se amando o ruim.

Ele começara pelo que poucos chegavam a alcançar. Seria fácil demais querer o limpo; inalcançável pelo amor era o feio, amar o impuro era a nossa mais profunda nostalgia.

Nunca saberei o que entendi. Nunca saberei o que eu entendo. O que quer que eu tenha entendido no parque foi, com um choque de doçura, entendido pela minha ignorância. Ignorância que ali em pé – numa solidão sem dor, não menor que a das árvores – eu recuperava inteira, a ignorância e a sua verdade incompreensível. Ali estava eu, a menina esperta demais, e eis que tudo o que em mim não prestava servia a Deus e aos homens. Tudo o que em mim não prestava era o meu tesouro.

Para que te servem essas unhas longas? Para te arranhar de morte e para arrancar os teus espinhos mortais, responde o lobo do homem.

Para que te serve essa cruel boca de fome? Para te morder e para soprar a fim de que eu não te doa demais, meu amor, já que tenho que te doer, eu sou o lobo inevitável pois a vida me foi dada.

Para que te servem essas mãos que ardem e prendem? Para ficarmos de mãos dadas, pois preciso tanto, tanto, tanto – uivaram os lobos, e olharam

intimidados as próprias garras antes de se aconchegarem um no outro para amar e dormir.

No grande parque do colégio lentamente comecei a aprender a ser amada, suportando o sacrifício de não merecer.

Beleza, não sei. Possivelmente não havia, se bem que os traços indecisos atraíssem como água atrai. Havia, sim, substância viva, unhas, carnes, dentes, mistura de resistências e fraquezas, constituindo vaga presença que se concretizava porém imediatamente numa cabeça interrogativa e já prestimosa, mal se pronunciava um nome: Eremita.

Os olhos castanhos eram intraduzíveis, sem correspondência com o conjunto do rosto. Tão independentes como se fossem plantados na carne de um braço, e de lá nos olhassem – abertos, úmidos. Ela toda era de uma doçura próxima a lágrimas.

Não havia no seu espírito nenhum endurecimento, nenhuma lei perceptível. “Eu tive medo”, dizia com naturalidade. “Me deu uma fome”, dizia, e era sempre incontestável o que dizia, não se sabe por quê. “Ele me respeita muito”, dizia do noivo e, apesar da expressão emprestada e convencional, a pessoa que ouvia entrava num mundo delicado de bichos e aves, onde todos se respeitam. “Eu tenho vergonha”, dizia, e sorria enredada nas próprias sombras. Se a fome era de pão – que ela comia depressa como se pudessem tirá-lo – o medo era de trovoadas, a vergonha era de falar.

Ela estava entregue a alguma coisa, a misteriosa infante. Ninguém ousaria tocá-la nesse momento. Esperava-se um pouco grave, de coração apertado, velando-a. Nada se poderia fazer por ela senão desejar que o perigo passasse. Até que num movimento sem pressa, quase um suspiro, ela

acordava como um cabrito recém-nascido se ergue sobre as pernas. Voltara de seu repouso na tristeza.

Havia profundidade nela. Mas ninguém encontraria nada se descesse nas suas profundezas – senão a própria profundidade, como na escuridão se acha a escuridão.

Então devia ser esse o seu mistério: ela descobrira um atalho para a floresta. Decerto nas suas ausências era para lá que ia. Regressando com os olhos cheios de brandura e ignorância, olhos completos. Ignorância tão vasta que nela caberia e se perderia toda a sabedoria do mundo.

Se subisse à tona com tudo o que encontrara na floresta seria queimada em fogueira. Mas o que vira – em que raízes mordera, com que espinhos sangrara, em que águas banhara os pés, que escuridão de ouro fora a luz que a envolvera – tudo isso ela não contava porque ignorava: fora percebido num só olhar, rápido demais para não ser senão um mistério.

Se alguém prestasse atenção veria que ela lavava roupa – ao sol; que enxugava o chão – molhado pela chuva; que estendia lençóis – ao vento. Ela se arranjava para servir muito mais remotamente, e a outros deuses.

A única marca do perigo por que passara era o seu modo fugitivo de comer pão. No resto era serena. Mesmo quando tirava o dinheiro que a patroa esquecera sobre a mesa, mesmo quando levava para o noivo em embrulho discreto alguns gêneros da despensa. A roubar de leve ela também aprendera nas suas florestas.

Que é, afinal, que eles queriam? Eles não sabiam, e usavam-se como quem se agarra em rochas menores até poder sozinho galgar a maior, a difícil e a impossível; usavam-se para se exercitarem na iniciação; usavam-se impacientes, ensaiando um com o outro o modo de bater asas para que

enfim – cada um sozinho e liberto – pudesse dar o grande voo solitário que também significaria o adeus um do outro. Era isso?

Eles não poderiam dizer que eram infelizes sem ter vergonha, porque sabiam que havia os que passam fome; eles comiam com fome e vergonha. Infelizes? Como? se na verdade tocavam, sem nenhum motivo, num tal ponto extremo de felicidade como se o mundo fosse sacudido e dessa árvore imensa caíssem mil frutos. Infelizes? se eram corpos com sangue como uma flor ao sol. Como? se estavam para sempre sobre as próprias pernas fracas, conturbados, livres, milagrosamente de pé, as pernas dela depiladas, as dele indecisas mas a terminarem em sapatos número 44. Como poderiam jamais ser infelizes seres assim?

Um pedia muito do outro, mas é que ambos tinham a mesma carência, e jamais procurariam um par mais velho que lhes ensinasse, porque não eram doidos de se entregarem sem mais nem menos ao mundo feito.

Na verdade, o que seria poesia, essa palavra constrangedora?

O instinto avisa: que um dia serão caçados. Eles já tinham sido por demais enganados para poderem agora acreditar. E, para caçá-los, teria sido preciso uma enorme cautela, muito faro e muita lábia, e um carinho ainda mais cauteloso – um carinho que não os ofendesse – para, pegando-os desprevenidos, poder capturá-los na rede. E, com mais cautela ainda para não despertá-los, levá-los astuciosamente para o mundo dos viciados, para o mundo já criado; pois esse era o papel dos adultos e dos espíões.

De tão longamente ludibriados, vaidosos da própria amargura, tinham repugnância por palavras, sobretudo quando uma palavra – como poesia – era tão esperta que quase exprimia, e aí então é que mostrava mesmo como exprimia pouco.

Achavam que os *outros* queriam caçá-los não para o sexo, mas para a *normalidade*.

A moça estava de dentes cerrados, olhando tudo com rancor ou ardor, como se procurasse no vento, na poeira e na própria extrema pobreza de alma mais uma provocação para a cólera.

Informes como eram, tudo lhes era possível, inclusive às vezes permutavam as qualidades: ela se tornava como um homem, e ele com uma doçura quase ignóbil de mulher.

Oh, livrai-nos do passado, deixai-nos cumprir o nosso duro dever.

O rosto do rapaz estava esverdeado e calmo, e ele agora não tinha nenhuma ajuda das palavras dos *outros*: exatamente como temerariamente aspirava um dia conseguir. Só que não contara com a miséria que havia em não poder exprimir.

Magro e irremediavelmente moço, sim, mas homem. Um corpo de homem era a solidez que o recuperava sempre. Volta e meia, quando precisava muito, ele se tornava um homem. Então, com mão incerta, acendeu sem naturalidade um cigarro, como se ele fosse os *outros*, socorrendo-se dos gestos que a maçonaria dos homens lhe dava como apoio e caminho.

E eles, que nunca se apertavam as mãos porque seria convencional, apertaram-se as mãos, pois ela, na falta de jeito de em tão má hora ter seios e um colar, ela estendera desastrosamente a sua. O contato das duas mãos úmidas se apalpando sem amor constrangeu o rapaz como uma operação vergonhosa, ele corou. E ela, com batom e ruge, procurou disfarçar a própria nudez enfeitada. Ela não era nada, e afastou-se como se mil olhos a seguissem, esquiva na sua humildade de ter uma condição.

Vendo-a afastar-se, ele a examinou incrédulo, com um interesse divertido: “será possível que mulher possa realmente saber o que é angústia?” E a dúvida fez com que ele se sentisse muito forte. “Não, mulher servia mesmo era para outra coisa, isso não se podia negar.” E era de um amigo que ele precisava. Sim, de um amigo leal. Sentiu-se então limpo e franco, sem nada a esconder, leal como um homem. De qualquer tremor de terra, ele saía com um movimento livre para a frente, com a mesma orgulhosa inconsequência que faz o cavalo relinchar.

O rapaz olhou-a, espantado de ter sido ludibriado pela moça tanto tempo, e quase sorriu, quase sacudia as asas que acabavam de crescer. Sou homem, disse-lhe o sexo em obscura vitória. De cada luta ou repouso, ele saía mais homem, ser homem se alimentava mesmo daquele vento que agora arrastava poeira pelas ruas do Cemitério São João Batista. O mesmo vento de poeira que fazia com que o outro ser, o fêmeo, se encolhesse ferido, como se nenhum agasalho fosse jamais proteger a sua nudez, esse vento das ruas.

O rapaz viu-a afastar-se, acompanhando-a com olhos pornográficos e curiosos que não pouparam nenhum detalhe humilde da moça. A moça que de súbito pôs-se a correr desesperadamente para não perder o ônibus.

Ele a vira correr toda ágil mesmo que o coração da moça, ele bem adivinhava, estivesse pálido. E vira-a, toda cheia de impotente amor pela humanidade, subir como um macaco no ônibus – e viu-a depois sentar-se quieta e comportada, recompondo a blusa enquanto esperava que o ônibus andasse... Seria isso? Mas o que poderia haver nisso que o enchia de desconfiada atenção? Talvez o fato dela ter corrido à toa, pois o ônibus ainda não ia partir, havia pois tempo... Ela nem precisava ter corrido... Mas o que havia nisso tudo que fazia com que ele erguesse as orelhas em escuta angustiada, numa surdez de quem jamais ouvirá a explicação?

Ele tinha acabado de nascer um homem. Mas, mal assumira o seu nascimento, e estava também assumindo aquele peso no peito: mal assumira a sua glória, e uma experiência insondável dava-lhe a primeira futura ruga. Ignorante, inquieto, mal assumira a masculinidade, e uma nova fome ávida nascia, uma coisa dolorosa como um homem que nunca chora. Estaria ele tendo o primeiro medo de que alguma coisa fosse impossível?

Dentro desse sistema de duro juízo final, que não permite nem um segundo de incredulidade senão o ideal desaba, ele olhou estonteado a longa rua – e tudo agora estava estragado e seco como se ele tivesse a boca cheia de poeira. Agora e enfim sozinho, estava sem defesa à mercê da mentira pressurosa com que os *outros* tentavam ensiná-lo a ser um homem. Mas e a mensagem?! a mensagem esfarelada na poeira que o vento arrastava para as grades do esgoto. Mamãe, disse ele.

Como conhecer jamais o menino? Para conhecê-lo tenho que esperar que ele se deteriore, e só então ele estará ao meu alcance.

Lá está ele, um ponto no infinito. Ninguém conhecerá o hoje dele. Nem ele próprio. Quanto a mim, olho, e é inútil: não consigo entender coisa apenas atual, totalmente atual.

O que conheço dele é a sua situação: o menino é aquele em quem acabaram de nascer os primeiros dentes e é o mesmo que será médico ou carpinteiro. Enquanto isso – lá está ele sentado no chão, de um real que tenho de chamar de vegetativo para poder entender.

Trinta mil desses meninos sentados no chão, teriam eles a chance de construir um mundo outro, um que levasse em conta a memória da atualidade absoluta a que um dia já pertencemos?

Não sei como desenhar o menino. Sei que é impossível desenhá-lo a carvão, pois até o bico de pena mancha o papel para além da finíssima linha de extrema atualidade em que ele vive.

O próprio menino ajudará sua domesticação: ele é esforçado e coopera. Coopera sem saber que essa ajuda que lhe pedimos é para o seu autossacrifício. Ultimamente ele até tem treinado muito. E assim continuará progredindo até que, pouco a pouco – pela bondade necessária com que nos salvamos – ele passará do tempo atual ao tempo cotidiano, da meditação à expressão, da existência à vida. Fazendo o grande sacrifício de não ser louco.

Eu não sou louco por solidariedade com os milhares de nós que, para construir o possível, também sacrificaram a verdade que seria uma loucura.

Da cozinha a mãe se certifica: você está quietinho aí? Chamado ao trabalho, o menino ergue-se com dificuldade. Cambaleia sobre as pernas, com a atenção inteira para dentro: todo o seu equilíbrio é interno. Conseguido isso, agora a inteira atenção para fora: ele observa o que o ato de se erguer provocou. Pois levantar-se teve consequências e consequências: o chão move-se incerto, uma cadeira o supera, a parede o delimita. E na parede tem o retrato de *O menino*. É difícil olhar para o retrato alto sem apoiar-se num móvel, isso ele ainda não treinou. Mas eis que sua própria dificuldade lhe serve de apoio: o que o mantém de pé é exatamente prender a atenção ao retrato alto, olhar para cima lhe serve de guindaste. Mas ele comete um erro: pestaneja. Ter pestanejado desliga-o por uma fração de segundo do retrato que o sustentava. O equilíbrio se desfaz – num único gesto total, ele cai sentado.

A baba clara escorre e pinga no chão. Olha o pingo bem de perto, como a uma formiga. O braço ergue-se, avança em árduo mecanismo de etapas. E de súbito, como para prender um infável, com inesperada violência ele

achata a baba com a palma da mão. Pestaneja, espera. Finalmente, passado o tempo necessário que se tem de esperar pelas coisas, ele destampa cuidadosamente a mão e olha no assoalho o fruto da experiência. O chão está vazio. Em nova brusca etapa, olha a mão: o pingo de baba está, pois, colado na palma. Agora ele sabe disso também. Então, de olhos bem abertos, lambe a baba que pertence ao menino. Ele pensa bem alto: menino.

Enquanto chora, vê a sala entortada e refratada pelas lágrimas, o volume branco cresce até ele – mãe! absorve-o com braços fortes, e eis que o menino está bem no alto do ar, bem no quente e no bom. O teto está mais perto, agora; a mesa, embaixo. E, como ele não pode mais de cansaço, começa a revirar as pupilas até que estas vão mergulhando na linha de horizonte dos olhos. Fecha-os sobre a última imagem, as grades da cama. Adormece esgotado e sereno.

O sono do menino é raiado de claridade e calor, o sono vibra no ar. Até que, em pesadelo súbito, uma das palavras que ele aprendeu lhe ocorre: ele estremece violentamente, abre os olhos. E para o seu terror vê apenas isto: o vazio quente e claro do ar, sem mãe.

Com urgência ele tem que se transformar numa coisa que pode ser vista e ouvida senão ele ficará só, tem que se transformar em compreensível senão ninguém o compreenderá, senão ninguém irá para o seu silêncio, ninguém o conhece se ele não disser e contar, farei tudo o que for necessário para que eu seja dos outros e os outros sejam meus, pularei por cima de minha felicidade real que só me traria abandono, e serei popular, faço a barganha de ser amado, é inteiramente mágico chorar para ter em troca: mãe.

O ruído familiar entra pela porta e o menino, mudo de interesse pelo que o poder de um menino provoca, para de chorar: mãe. Mãe é: não morrer.

Isso mesmo! diz a mãe com orgulho, isso mesmo, meu amor, é fonfom que passou agora pela rua, vou contar para o papai que você já aprendeu, é assim mesmo que se diz: fonfom, meu amor! diz a mãe puxando-o de baixo para cima e depois de cima para baixo, levantando-o pelas pernas, inclinando-o para trás, puxando-o de novo de baixo para cima. Em todas as posições o menino conserva os olhos bem abertos. Secos como a fralda nova.

Era uma vez uma menina que observava tanto as galinhas que lhes conhecia a alma e os anseios íntimos. A galinha é ansiosa, enquanto o galo tem angústia quase humana: falta-lhe um amor verdadeiro naquele seu harém, e ainda mais tem que vigiar a noite toda para não perder a primeira das mais longínquas claridades e cantar o mais sonoro possível. É o seu dever e a sua arte.

A menina ainda não tinha entendido que os homens não podem ser curados de serem homens e as galinhas de serem galinhas: tanto o homem como a galinha têm misérias e grandeza (a da galinha é a de pôr um ovo branco de forma perfeita) inerentes à própria espécie.

As galinhas pareciam ter uma presciência do próprio destino e não aprendiam a amar os donos nem o galo. Uma galinha é sozinha no mundo.

A menina era um ser feito para amar até que se tornou moça e havia os homens.

“Como matar baratas”, começa assim: queixei-me de baratas. Uma senhora ouviu-me a queixa. Deu-me a receita de como matá-las. Que misturasse em partes iguais açúcar, farinha e gesso. A farinha e o açúcar as atrairiam, o gesso esturricaria o de-dentro delas. Assim fiz. Morreram.

“O assassinato”. Começa assim: queixei-me de baratas. Uma senhora ouviu-me. Segue-se a receita. E então entra o assassinato. A verdade é que só em abstrato me havia queixado de baratas, que nem minhas eram: pertenciam ao andar térreo e escalavam os canos do edifício até o nosso lar. Só na hora de preparar a mistura é que elas se tornaram minhas também. Em nosso nome, então, comecei a medir e pesar ingredientes numa concentração um pouco mais intensa. Um vago rancor me tomara, um senso de ultraje. De dia as baratas eram invisíveis e ninguém acreditaria no mal secreto que roía casa tão tranquila. Mas se elas, como os males secretos, dormiam de dia, ali estava eu a preparar-lhes o veneno da noite. Meticulosa, ardente, eu aviava o elixir da longa morte. Um medo excitado e meu próprio mal secreto me guiavam. Agora eu só queria gelidamente uma coisa: matar cada barata que existe. Baratas sobem pelos canos enquanto a gente, cansada, sonha. E eis que a receita estava pronta, tão branca. Como para baratas espertas como eu, espalhei habilmente o pó até que este mais parecia fazer parte da natureza. De minha cama, no silêncio do apartamento, eu as imaginava subindo uma a uma até a área de serviço onde o escuro dormia, só uma toalha alerta no varal. Acordei horas depois em sobressalto de atraso. Já era de madrugada. Atravessei a cozinha. No chão da área lá estavam elas, duras, grandes. Durante a noite eu matara. Em nosso nome, amanhecia. No morro um galo cantou.

Às vezes, quando vejo uma pessoa que nunca vi, e tenho algum tempo para observá-la, eu me encarno nela e assim dou um grande passo para conhecê-la. E essa intrusão numa pessoa, qualquer que seja ela, nunca termina pela sua própria autoacusação: ao nela me encarnar, compreendo-lhe os motivos e perdoo. Preciso é prestar atenção para não me encarnar numa vida perigosa e atraente, e que por isso mesmo eu não queira o retorno a mim mesma.

A magreza e a delicadeza extremamente polida de missionária já me haviam tomado. É com curiosidade, algum deslumbramento e cansaço prévio que sucumbo à vida que vou experimentar por uns dias viver. E com alguma apreensão, do ponto de vista prático: ando agora muito ocupada demais com os meus deveres e prazeres para poder arcar com o peso dessa vida que não conheço – mas cuja tensão evangelical já começo a sentir.

Só daí a dias conseguirei recomeçar enfim integralmente a minha própria vida. Que, quem sabe, talvez nunca tenha sido própria, senão no momento de nascer, e o resto tenha sido encarnações.

Quando o fantasma de mim mesma me toma – então é um tal encontro de alegria, uma tal festa, que a modo de dizer choramos uma no ombro da outra. Depois enxugamos as lágrimas felizes, meu fantasma se incorpora plenamente em mim, e saímos com alguma altivez por esse mundo afora.

PARTE IV

Clarice na cabeceira – jornalismo



Que se duas pessoas se gostam nada há a fazer senão amarem-se,
simplesmente.

Arranje-se! nós somos simples animais.

Abri as janelas do quarto e olhei o jardim fresco e calmo aos primeiros fios
de sol, tive a certeza de que não há mesmo nada a fazer senão viver.

Levei minha cara para rua, sobre uma maca, mostrando-a a todos: chorem
por mim, chorem por mim. E toda a vez que alguém sorria, eu gritava:
mor-te-mor-te-mor-te.

Estás vendo, amor, como se pode chegar a um grau de desgraça tal em que
se ama a sua própria ferida.

O que sinto é o que eu sinto, e acabou-se: está misturado comigo. E como é
que eu posso fazer de mim uma palavra?

As coisas foram feitas para serem ditas à luz do dia e se não se pode dizê-
las é porque elas são de má qualidade.

Fico com a minha alegria de ter pão e ter saúde e com a minha tristeza de
sentir dor de cabeça. O resto, quando vem, eu oro.

Persisto em querer a névoa, quando ao lado dela se estende gloriosamente
o ar límpido.

Continuo cheia das coisas que não foram feitas para serem ditas à luz do
dia.

Hoje é domingo e a cidade está bonita. Não há ninguém nas ruas e todas as
árvores existem sozinhas e soberanas. As inquietações e os desejos e os

Ódios se abaixaram, se estiraram sobre a terra, cansados de existir. E à altura da boca só encontro o ar suave e puro da renúncia serena.

Somos animais porém somos animais perturbados pelo homem. E se aqueles perdoam a este, este é orgulhoso e exigente e nunca perdoa os excessos daqueles.

O arco se sente vazio depois de ter despedido a flecha.

Os nobres sentem em si a necessidade de auscultar sua capacidade de arder.

O que devemos procurar é que este estado primitivo suba um pouco e que nosso orgulho de raciocinante desça um pouco até que os dois seres que existem em nós se encontrem, se absorvam e formem uma nova espécie na natureza.

A mim me bastaria apenas a existência de uma criatura sobre a terra para satisfazer o meu desejo de glória, que não é senão um profundo desejo de vizinhança.

Somos a única presença que não nos deixará até a morte.

Dar conselhos é de novo falar de si.

Nada conheço que dê tanto direito a um homem como o fato dele estar vivendo.

O milagre de respirares me inspira.

Uns nasceram para adorar; outros para comer; outros para rir; eu nasci para lançar pedras.

Eu nada te direi durante cinco minutos para que possas pensar na Quinta Sinfonia de Beethoven.

O começo será o prelúdio do fim, como em todas as coisas.

Erige dentro de ti o monumento do Desejo Insatisfeito. E assim as coisas nunca morrerão, antes que tu mesmo morras.

Se não puderes seguir meu conselho, porque mais ávida que tudo é sempre a vida, se não puderes seguir meus conselhos e todos os programas que inventamos para nos melhorar, chupa umas pastilhas de hortelã. São tão frescas.

Ela reparou na minimeza que é uma língua de saguim. Parecia um risco de lápis vermelho que tivesse dado um pulo para fora do papel.

De que modo matar baratas? Deixe, todas as noites, nos lugares preferidos por esses bichinhos nojentos, a seguinte receita: açúcar, farinha e gesso, misturados em partes iguais. Essa iguaria atrai as baratas que a comerão radiantes. Passado algum tempo, insidiosamente o gesso endurecerá dentro das mesmas, o que lhes causará morte certa.

Com os Institutos de Beleza que se multiplicam dia a dia e vendem, diluída em ampolas, até cara de boneca de porcelana, tirada de embrião de pinto, cabelo líquido em qualquer cor, cútis em pasta e em pó, no tom que a freguesa escolher, toda a sorte de cremes e loções, no centro de um tal paraíso é difícil às mulheres imaginarem a existência de sítios em que o mascate e o seu baú são esperados com a ansiedade com que se esperava o Messias.

Nunca se prestou ao mascate a mais humilde homenagem. E bem que o merecia. Porque ele carrega também um pouco de alegria entre as suas

bugigangas, alegria ingênua para a sua numerosa freguesia feminina.

Quando o mascate chega é um alvoroço na redondeza. Alguém ouviu o péc-péc-péc do instrumento com que ele se anuncia, a notícia corre de boca em boca, o mulhierio acode e faz o cerco ao baú. Baú milagroso que tem de tudo um pouco. Pente grosso de pentear, pente fino de limpar a cabeça, pentinho de enfeite com pedrinha que brilha, fivela ou passadeira, grampo de todo o feitio e tamanho, brilhantina que deixa o cabelo “alumando que é lindeza”, água de cheiro, pó de arroz alvo que nem farinha, caixinhas de carmim que dão cor de saúde, peças de renda, cadarço, barbatana, colchete, agulha, linha, botão de ceroula, de madreperla e de vidro em todas as cores, alfinetinho de cabeça, pregadeira, chinelo, meia de seda e algodão, remédio de curar dor de dente e de botar no ouvido de criança, óleo de Sta. Maria para dar cabo das bichas, garrafinhas de óleo de rícino, que tanto serve pro cabelo como de purgante na hora do aperto, meu Deus, o que é que não sai do baú de mascate?

Digo-lhes que “esclarecida” é a mulher que se instrui, que procura acompanhar o ritmo da vida atual, sendo útil dentro do seu campo de ação, fazendo-se respeitar pelo seu valor próprio, que é companheira do homem e não sua escrava, que é mãe e educadora e não boneca mimada a criar outros bonequinhos mimados.

Outra mania prejudicial é aquela de falar alto, rir alto, esquecer quem está ao seu lado para dirigir-se ao público à volta. Esse público, geralmente, presta atenção, espantado e curioso, pensando intimamente coisas muito pouco abonadoras sobre a tagarela. Sem consciência disso, ela continua o seu “show”, alheia ao constrangimento do companheiro e risinho maldoso dos estranhos.

Um defeito muito desagradável é a mania de ser vítima que têm algumas mulheres. Queixam-se dos filhos, do marido, dos parentes, do ar que respiram, do asfalto que pisam, do calor, do frio, de tudo. Só sabem queixar-se. Quando lhes acontece apanhar uma doença, entregam-se de corpo e alma. A doença, séria ou não, passa a ser a razão de sua vida, assunto de todas as horas.

O ar eternamente choroso torna feia a mulher, envelhece, cava sulcos na face, rouba o brilho dos olhos. Beleza é quase sinônimo de alegria e saúde.

Controle o vício das guloseimas, a vaidade de chamar a atenção e o desejo de atrair a piedade alheia. Afinal, piedade é sentimento que humilha aquela a quem é dirigida.

A questão é: pode-se conseguir “sex-appeal”? pode-se adquirir o fluido magnético?

O que me dá medo é o de chegar, por falta de assunto, à autorrevelação, mesmo à minha revelia.

Reunião é uma reunião em torno de uma gafe que não é cometida? A tensão da perfeição crescendo, a pele do tambor esticando-se. Risco excitante. Para cada um, a gafe que não é cometida. Que gafe, afinal? Eu. Cada um é a própria gafe muda.

A gente olha e vê um pouco do outro lado, é cheio de desenho bem igual, é frio na boca, faz barulho de um pouco de vidro quando se mastiga. Você não acha que pepino parece inventado?

Você está olhando desse jeito para mim mas não é para eu comer, é porque você está gostando muito de mim, adivinhei ou errei?

Come, Paulinho.

É tão engraçado, mamãe, descobri que a natureza não é suja. Quer ver esta árvore? Está toda cheia de cascas e pedaços, e não é suja. Mas esse carro, só porque tem poeira, está sujo mesmo.

Comi a pera e desperdicei fora a metade – nunca tenho piedade na primavera.

Qualquer criança do mundo é como se fosse nossa carne e nosso sangue.

Um dia desses me contaram sobre uma menina semiparalítica que precisou se vingar quebrando um jarro. E o sangue me doeu todo. Ela era uma filha colérica.

O homem é a nossa fonte de inspiração? É. O homem é o nosso desafio? É. O homem é o nosso inimigo? É. O homem é o nosso rival estimulante? É. O homem é o nosso igual ao mesmo tempo inteiramente diferente? É. O homem é bonito? É. O homem é engraçado? É. O homem é um menino? É. O homem também é um pai? É. Nós brigamos com o homem? Brigamos. Nós não podemos passar sem o homem com quem brigamos? Não. Nós somos interessantes porque o homem gosta de mulher interessante? Somos. O homem é a pessoa com quem temos o diálogo mais importante? É. O homem é um chato? Também. Nós gostamos de ser chateadas pelo homem? Gostamos.

Toquei num ponto nevrálgico. E, sendo um ponto nevrálgico, como o homem nos dói. E como a mulher dói no homem.

Meus dedos não são frágeis. Eu tenho uma força, eu sei. E minha força está na suavidade de meus dedos frágeis e delicados.

Crônica é um relato? é uma conversa? é o resumo de um estado de espírito? Não sei.

Ele morreu. Acontece que morrera preocupado com os problemas da alma, e assim como morrera, assim continuou, por assim dizer esquecido do principal: de que morrera. Com isto se quer dizer que ele estava tão ocupado com certos pensamentos que, digamos, não percebeu que havia morrido. Depois foi um choque notar que já atravessara, sem sentir, certas fronteiras. Grandes angústias o dominaram. E pode-se mesmo imaginar o que sentia. Em primeiro lugar, uma solidão grande porque, se quisesse falar, não tinha quem quisesse ouvi-lo. É verdade que não podemos nem por um instante calcular bem o que é não ter esperança. Ele não tinha. E a sensação de não ter ninguém para quem apelar? Pode-se, pois, dizer que ele falecera sem estar já maduro para isto, embora mesmo quando morre uma criança ela está madura, de tal modo é infalível e tranquila a natureza. Mas a este homem de quem falamos escapou-lhe a própria morte.

Não falemos de mim, senão o necessário. O necessário é dizer que numa certa noite, por vários momentos, eu estava em disponibilidade para a própria morte.

Em plena vitalidade, não se pode adivinhar que espécie de velho se vai ser.

Como é que a tranquila senhora de hoje, cumpridora de seus deveres, respeitadora de tudo o que é ordem, como sabe ela se, na velhice, de repente não lhe dará uma liberdade irônica, um modo de sorrir que intriga os moços, e não vai virar uma velha que não penteia o cabelo, que deixa o cigarro no canto da boca, e constrange a família toda com sua nova sabedoria?

Quem diz que o austero senhor de hoje não precisará dizer sem-vergonhices para manter seu interesse pela vida?

Velhice é a última chance das reivindicações.

Mesmo com asilo bem escolhido, ainda restam tantas incertezas.

Arruma-se bagagem para uma instalação de dez anos de velhice, e um ano depois talvez não se precise mais.

Entrou no asilo de pobres com cento e sete anos. O tempo foi passando. Ela o enchia, ao tempo, vivendo. Não tinha outra coisa mais a fazer. E lá está ainda hoje – com cento e quinze anos. Cada vez menor, cada vez mais sucinta. Cento e quinze era muita idade: “tem certeza de que ela não está enganada ou mentindo ou que já não pensa bem?”, indaguei. A pessoa disse que também tivera dúvidas, mas lhe haviam afiançado que, embora sem documentos, era isso mesmo. E uma das provas estava no fato da presença, nesse mesmo asilo, de um velho de oitenta e dois anos, conterrâneo da velhinha de cento e quinze. E que fora por ela amamentado... A mãe do velhinho não tivera leite, ele fora nutrido pela velhinha, então farta e jovem. E ali, no mesmo asilo, está o amamentado que não me deixa mentir.

Quem sabe, uma velhice solitária e despreocupada era o seu ideal, quem sabe se ele estava querendo sua liberdadezinha, seus – amamentado e dominado a vida toda – resmungos sem palavras, uma vida de pardal pousado em banco de praça.

Não temos a civilização antiga da China mas temos uns “modos” que são nossos.

Não consigo “criar”, ou mesmo escrever apenas, nem meia página, sem tomar uma xícara de café.

Todas as vezes em que um homem ou uma mulher vão se dar a uma tarefa mais difícil, mesmo que não seja estritamente criadora, preparam-se antes com uma xícara de café bem quente.

Uma vez falei com professores de uma universidade de Roma e eles disseram que durante a guerra não era a pouca comida o que lhes doía e traumatizava, e sim a falta de café com o subsequente cigarrinho.

Sou pessoa impulsiva, o que se às vezes dá certo, nem sempre dá.

O modo de fazer café é tão simples que até dá vergonha não saber: Para um litro de água, quatro colheres das de sopa bem cheias de café (se este for escuro demais, o que quer dizer que foi mais queimado, pôr menos quantidade). Enquanto a água para o café ferve, derrama-se água fervendo no coador e nas xícaras. Quando a água para o café estiver fervendo, joguem-se nela as colheres de café, mexendo sempre sem deixar ferver muito: uma só fervura. Joga-se fora a água que esquentava o coador e as xícaras, derrama-se o café no coador, e do coador nas xícaras.

Então bebe-se: e eis renascido o estímulo para viver, para sentir, para pensar, para calcular, para repousar, para gostar de estar fazendo exatamente o que se está fazendo – bebendo um café bem-feito.

O coquetel é assim: um quarto de vodca, um quarto de cherry brandy, um quarto de Martini, meio quarto de café forte. Açúcar a gosto e uma azeitona. Serve-se bem gelado.

Jamais, porém, esquecerei o timbre terrível daquela voz ao me desejar sofrimento: aquela, pois, era também uma das vozes humanas.

Sei de muito pouco. Mas tenho a meu favor tudo o que não sei e, por ser um campo virgem, está livre de preconceitos. Tudo o que não sei é a minha parte maior e melhor, é a minha largueza. É com ela que eu compreenderia tudo. Tudo o que não sei é que é a minha verdade.

Eu também preciso do Brasil. Quero vê-lo saindo da miséria e da morte, alcançando o tamanho real que o país tem. Eu preciso de um Brasil maior para continuar a escrever. Ou melhor, escrever é pouco dizer. Eu preciso de um Brasil maior para me ajudar a entender o mundo e amá-lo. Fora do Brasil não há esperança para mim. Experimentei, como mulher de diplomata que fui até há pouco tempo, viver em outros países. E é indubitável que só posso viver e morar no Brasil. Este me deu a língua portuguesa que é linda para se trabalhar e escrever. Inclusive, apesar dos nossos grandes escritores do passado, a língua continua quase virgem, esperando por quem se aposse dela e a torne ainda mais maleável.

Escrever é saber respirar dentro da frase. É pôr algum silêncio tanto nas linhas como nas entrelinhas para que o leitor possa respirar comigo, sem pressa, adaptando-se não só ao seu ritmo como ao meu, numa espécie de contraponto indispensável.

Minha autocrítica a certas coisas que escrevo, por exemplo, não importa no caso se boas ou más: falta a elas chegar àquele ponto em que a dor se mistura à profunda alegria e a alegria chega a ser dolorosa – pois esse ponto é o agulhão da vida.

Eu não teria vergonha de dizer tão claramente que quero o máximo – e o máximo deve ser atingido e dito com a matemática perfeição da música ouvida e transposta para o profundo arrebatamento que sentimos.

PARTE V

O lustre



Podia viver com um segredo irrevelado nas mãos sem ansiedade como se esta fosse a verdadeira vida das coisas.

O que havia dentro do corpo era bastante vivo e estranho a ponto de ser também o seu contrário.

Embora sem um pensamento, um desejo ou uma lembrança, ela era imponderavelmente aquilo que ela era e que consistia Deus sabe em quê.

O milagre era o movimento revelado das coisas.

De sua ignorância ia nascendo a ideia de que possuía uma vida. Era uma sensação sem pensamentos anteriores nem posteriores, súbita, completa e una, que não poderia se acrescentar nem alterar com a idade ou com a sabedoria. Não era como viver, viver e então saber que possuía uma vida, mas era como olhar e ver de uma só vez. A sensação não vinha dos fatos presentes nem passados mas dela mesmo como um movimento. E se morresse cedo ou se enclausurasse, o aviso de ter uma vida valia como ter vivido.

Será que todos sabem o que eu sei?

Acabara de pensar quase com certeza, sem sobressalto, no morrer.

Não compreendia donde vinha a doçura: o chão era negro e coberto de folhas secas, donde então vinha a doçura?

Quando a gente vê um vaga-lume a gente não pensa que ele apareceu, mas que desapareceu. Como se uma pessoa morresse e isso fosse a primeira coisa dessa pessoa porque ela nem tivesse nascido nem vivido, sabe como? Pergunta-se assim: como é o vaga-lume? Responde-se: ele desaparece.

Sabia às vezes amarrar uma coisa pela mão distante da outra e fazê-las perplexas dançar, malucas, doces, arrastadas.

Sem ninguém saber como se é, se está aparecendo ou desaparecendo, sem ninguém adivinhar, mas pensa que a gente não vive enquanto isso? vive, tendo história e tudo como o vaga-lume.

De que é que você gosta mais: de comer ou de dormir?

Sentia-se estranha e preciosa, tão voluptuosamente hesitante e estranha como se hoje fosse o dia de amanhã. E não sabia corrigir-se, deixava que a cada manhã seu erro renascesse por um impulso que se equilibrava numa fatalidade imponderável.

Bom-dia, humano.

Bom-dia, fulano.

Ela pensava pensamentos tão adelgaçados que eles subitamente se quebravam no meio antes de chegar ao fim. E porque eram tão finos, mesmo sem completá-los ela os conhecia de uma só vez. Embora jamais pudesse pensá-los de novo, indicá-los com uma palavra sequer.

Sentia um pensamento fino tão intenso que ela própria era o pensamento.

Do silêncio, seu ser começava a viver mais, um instrumento abandonado que de si mesmo começasse a fazer som, os olhos enxergando porque a primeira matéria dos olhos era olhar.

Pensava simples e claro. Pensava música pequena e límpida que se alongava num só fio e enrolava-se clara, fluorescente e úmida, água em água, meditando um arpejo tolo. Pensava sensações intraduzíveis distraíndo-se secretamente como se cantarolasse, profundamente

inconsciente e obstinada, ela pensava um só traço fugaz: para nascer as coisas precisam ter vida, pois nascer é um movimento – se disseram que o movimento é necessário apenas à coisa que faz nascer e não à nascida não é certo porque a coisa que faz nascer não pode fazer nascer algo fora de sua natureza e assim sempre dá nascimento a uma coisa de sua própria espécie e assim com movimentos também – desse modo nasceram as pedras que não têm força própria mas já foram vivas senão não teriam nascido e agora elas estão mortas porque não têm movimento para fazer nascer uma outra pedra.

Nenhum pensamento era extraordinário, as palavras é que o seriam.

Sua meditação era um modo de viver.

De partícula a partícula, porém, o pensamento indistinto veio descendo violentamente mudo até abrir-se no centro do corpo, nos lábios, completo, perfeito, incompreensível de tão livre de sua própria formação.

Poderia caminhar para diante sem ser empurrada, sem ser chamada, andando simplesmente porque mover-se era a qualidade de seu corpo.

No mais fino e doído de seu sentimento ela pensava: vou ser feliz. Na verdade o era nesse instante e se em vez de pensar “sou feliz” procurava o futuro era porque obscuramente escolhia um movimento para a frente que servisse de forma à sua sensação.

Vivera um dia de inspiração excessiva, impossível de ser guiada para um pensamento sequer.

Ela podia pensar em todos os sentidos; fechando os olhos, dirigia dentro do corpo um pensamento da qualidade do que nasce de baixo para cima ou senão do que percorre correndo o espaço aberto – isso não era palavra ou

conteúdo mas o próprio modo de pensar orientando-se. Seria isto pensar profundamente – não ter sequer um pensamento a trazer à superfície.

Teria pensado mais do que profundamente e já estaria vendo nada?

O que a tornava contente era não ter êxito a experiência.

Ver a verdade seria diferente de inventar a verdade?

Se pudesse atingir o além do céu então haveria um momento em que se tornaria claro que tudo era livre e que não se estava ligada fatalmente ao que existia.

Tudo existia tão livre que ela poderia mesmo inverter a ordem de seus sentimentos, não ter medo da morte, temer a vida, desejar a fome, odiar as coisas felizes, rir-se da tranquilidade... Sim, bastaria um pequeno toque e numa coragem leve e fácil galgaria a inércia e reinventaria a vida instante por instante.

Olhava-se ao espelho, o rosto branco e delicado perdido em penumbra, os olhos abertos, os lábios sem expressão. Ela se agradava, gostava daquele seu jeito, fino, tão sinuoso, dos cabelos sombreados, de seus ombros pequenos e magrinhos. Como sou linda, disse. Quem me compra? quem me compra? – fazia um ligeiro muxoxo ao espelho – quem me compra: ágil, engraçada, tão engraçada como se fosse loura mas não sou loura: tenho lindos, frios, extraordinários cabelos castanhos. Mas eu quero que me comprem.

Sair dos limites de sua vida – era uma frase sem palavras que rodava em seu corpo como uma força apenas.

Donde nascera a ideia?

Aspirava os pensamentos do ar e devolvia-os como próprios.

Caminhou para fora de casa e andou buscando, buscando com tudo de mais feroz que possuía; procurava uma inspiração, as narinas sensíveis como as de um animal fino e assustado, mas tudo ao seu redor era doçura e a doçura ela já conhecia.

Se mais tarde ressuscitasse para a alegria e abrisse o coração para respirar de novo rindo, ela sabia: decair e reerguer-se era irreprimível.

Era fatal ter vivido.

Quantas possibilidades uma pessoa tinha se vivia no mundo aberto.

Estava separada de si mesma por dois delicados cálices de bebida.

Dizendo: “fui eu quem fez” em lugar de “fui eu que fiz” impedia-se a intimidade, ganhava-se um certo modo calmo de ser olhada.

Inútil fingir que ela não era bonita, ela penetrava no coração como uma faca doce.

A vida presente era maior do que a morte.

Que tenho eu com ele afinal? não possuo meu próprio quarto? não durmo minhas próprias noites?

O ridículo é tão bom, não é?

Ela sabia andar entre os belos móveis escuros com seu vestido branco, ela os compreendia a um olhar, via de olhos fechados a sua própria harmonia com as coisas numa percepção que vinha de fora para dentro através de uma graça concedida por estranhas vibrações.

Junto dele ela se acentuava bruta e irônica procurando com certa perplexidade e prazer mostrar-se pior do que era, mastigando com a boca

aberta no jantar, mesmo coçando como agora a cabeça, numa obscura alegria.

O que não havia nele era sono.

Ela não sabia falar ou explicar porém movia-se como se o soubesse; tão tola ao mesmo tempo, tão de certo modo baixa; o que se chamaria logo de início uma pessoa normal, afetada como uma pessoa tola e normal; às vezes porém uma atitude tão profundamente desconhecida que mal se percebia, um gesto diluído, um movimento no fundo do mar adivinhado na superfície.

Deus, dai gênio aos que necessitam de gênio – são tão poucos os que precisam.

Os olhares de ambos eram de fêmea e de macho de duas espécies diversas.

O que excitava nela era a vulgaridade como numa prostituta o vício excita, de algum modo ela parecia feita de sua semelhança com os outros.

Ela não parecia mulher mas imitar as mulheres com cuidado e inquietação.

A realidade ria de todos eles.

A poltrona era comprida, estreita e verde mas não de um verde-folha nem mesmo de folha velha; era um verde cheio de ressentimento e quietude, acumulado em si mesmo pelos anos; no local dos braços a cor se retirara com reserva e um fundo quase castanho destacava-se doce e martirizado pelos constantes atritos; na verdade era uma ótima poltrona onde se poderia dormir um sono obscuro, opalescente – sentiu cansaço e tristeza.

Ele tem qualquer coisa de feminino ou pelo menos de muito comum entre as mulheres. Ele pensa com movimentos, seus pensamentos são tão

primários que ele os age.

Detesto as pessoas de quem assisto as convulsões da inteligência.

Ela bebia. Era licor de anis. O líquido grosso como algo morno, anis era o que ela ganhara em confeitos na infância. Ainda o mesmo gosto prendendo-se à língua, à garganta como uma mancha, aquele gosto triste de incenso, alguém engolindo um pouco de enterro e de oração. Oh a calma tristeza da memória. A um tempo selvagem e domesticado, sabor roxo, solitário, vulgar e solene.

E há um sentimento para a frente e outro que decai, o triunfo tênue e a derrota, talvez apenas a respiração. A vida se fazendo, a evolução do ser sem o destino – a progressão da manhã não se dirigindo à noite mas atingindo-a.

Na rua ela poderia ser descoberta pelo olhar de alguém – a secreta união que sentia com as pessoas até conhecê-las intimamente. Esses encontros podiam suceder a uma mulher na cidade. Alguém inesperadamente entendia sua substância mais silenciosa.

Mesmo que ninguém a olhasse nas ruas e ela as percorresse indissolúvel com a bolsa vermelha sacolejando, mesmo que seus gestos ao tomar o ônibus se dividissem em várias etapas esforçadas e atentas, mesmo que seu corpo subitamente se pressentisse abandonado, perplexo, tudo isso seria um prelúdio suportável porque... por quê? no fundo não era porque ia vê-lo porém muito mais leve, mais curto, mais tolo: porque ia.

Eu não ouvi as palavras, não sei mesmo o que elas poderiam ser mas eu lhe respondi, não foi? senti sua disposição quando você falou, senti como eram as palavras... Eu sei o que você quis dizer... não importa o que você tenha dito, juro.

Ela sempre se julgara serenamente uma grande amante até que ele viera, provara-lhe o contrário – e assim passavam-se os meses.

Nunca tinha bastante tempo para acostumar-se com suas frases porque ele dizia outra mal acabava a primeira, nunca tinha bastante tempo para habituar-se com suas carícias porque ele passava imediatamente a nova deixando-a ainda voltada para a anterior – esses eram pois os segredos da vida.

O centro do desejo era rutilante e sombrio, elétrico e tão terrivelmente novo e frágil na sua contextura que poderia se destruir a si mesmo apenas aprofundando-se mais um pouco, apenas fulgurando um instante mais.

Se um dia ele se lembrasse de acompanhá-la até em casa ela seria capaz de experimentar uma funda e amortecida saciedade como a que deveria conhecer uma mulher casada todos os instantes.

Deitava e puxava os lençóis brancos na escuridão – vinha o momento quieto antes do sono como se ela caísse então no seu verdadeiro estado. E esse momento era tão profundamente quieto que dissolvia o dia inteiro, projetava-a para dentro da noite sem medo, sem alegria, olhando, olhando.

Com ele o amor era como o interior dos olhos cerrados, arrastado rapidamente em incompreensão, em satisfação obscura cheia de mal-estar, ela agora o sabia. E ele era belo, além disso. Ele usava óculos. Havia momentos em que suas linhas se tornavam tão cheias como prestes a dizerem alguma coisa – seu corpo era grande e forte mas como feito de um só músculo recém-nascido e flexível de frescura, ele poderia envolvê-la como um polvo e no entanto sua carne era firme.

Se pegava num livro nele encontrava o mesmo movimento viscoso, almas insinuando-se em perdão, amor buscando amor, os sacrifícios rindo,

covardia e extremo prazer morno. Por Deus, aquilo era o homem.

Mesmo se folheava numa livraria um ensaio sobre máquinas de tração, na qualidade do raciocínio encontrava perfume feminino e masculino, palavras se alinhando coradas e animadas, o caminho em busca de uma ideia curvando-se, elevando-se, vivendo... o amor, o amor, a piedade, o remorso, a simpatia impregnando mesmo a frescura, grudando-a no mesmo calor.

Ele fora lançado no centro da mulher, lá onde latejava o sangue do mundo.

As palavras encorajadoras, a honestidade, a necessidade de se aproximar das pessoas inteligentes e nobres, a necessidade de ser feliz, quase a necessidade de falar antes de morrer, tudo isso parecia erguê-la pelo espaço como se suportasse um jato de ar macio por baixo do corpo e fosse ela própria uma bolha assustada, agradecida, cansada, “arranjando sua vida da melhor maneira possível”.

Só da primeira vez gostara realmente do mar; depois era inquieta que se encostava à murada para espiá-lo, obrigando-se a emocionar-se. Sentia-se mentirosa, sem pensamentos mas como se tocasse algo sujo, a alma franzida evitava, evitava. Rara vez, rompendo seu temor, ela gostava de novo tão forte que isso a tornava como para sempre compreensível a si mesma.

Havia nas salas sombrias e nada extraordinárias algo que sobressaltava e que alertava porque continha uma intimidade envolvente e infamiliar – como uma banheira suja de estranhos onde fosse preciso despir-se e pôr-se em contato brusco.

Numa tarde, como o dinheiro começasse a faltar, tirou um pedaço de queijo de um armazém sem pagar, sem roubar – o caixeiro nada notou, ela

colocou a presa como descuidadamente dentro da bolsa vermelha, saiu devagar, sozinha no mundo, o coração batendo oco e limpo dentro do peito, uma contração dolorosa na cabeça, quase um pensamento. Chegou em casa, sentou-se e permaneceu imóvel durante algum tempo. Não tinha fome.

As pessoas se preparavam, se enfeitavam, tomavam a atitude da roupa, saíam para a rua, entrecruzavam-se luminosas e se apagavam de novo em casa – ela compreendia com segurança e ardor a cidade.

Este homem sabe alguma coisa sobre mim! mas que lhe importava afinal? para algo existir não precisava ser sabido.

A superstição era o que de mais delicado ela conheceria; pelo deslizar de um segundo podia ultrapassar aquela afirmação cálida e misteriosamente veemente de que a coisa, compreende? está ali, ali mesmo e portanto é assim, os objetos, aquele jarro pequeno por exemplo, sabe-se profundamente; e mesmo aquela janela entreaberta, a mesinha pousada sobre as pontas de três pernas sob o teto, compreende? sabe-se profundamente; e depois há também o que não está presente (e que auxilia, que auxilia, e tudo avança) (mesmo aquela força) (um instante que se segue e dele nascem o sim e o não) (mas se se demora um pouco fica-se “sabendo” que o instante é um instante e então está mudamente roto) (é preciso recomeçar) (enovelando, renovando, enovelando forças) (sem permitir que certas coisas do mundo se aproximem demais) (sobretudo o que é passado é passado e é exatamente apenas desse pequeno instante que se trata e de mais esse, e de mais esse, e de mais esse) (mas cada um por si).

Antes de adormecer, concentrada e mágica, dizia adeus às coisas num último instante de consciência ligeiramente iluminada. Sabia que na penumbra “suas coisas” viviam melhor sua própria essência. “Suas coisas” –

pensava sem palavras, sabida na própria escuridão – “suas coisas” como “seus animais”.

Sentia profundamente que estava rodeada de coisas vivas e mortas e que as mortas haviam sido vivas – apalpava-as com olhos cuidadosos. Lentamente ia subcompreendendo, vivendo com cautela e consideração; sem saber admitia seu desejo de ver na lâmpada apagada e empoeirada mais do que uma lâmpada. Não sabia que pensava que se visse apenas a lâmpada estaria aquém dela e não possuiria sua realidade – misteriosamente se ela ultrapassava as coisas possuía o seu centro.

Grande parte de seu existir não era coisa? era essa a sensação: grande parte de seu conjunto vivia com a própria força desconhecida, seguindo um rumo imponderável. E na verdade se houvesse alguma possibilidade de não ser ela intimamente quieta, por causa dessa impressão inexprimível ela o seria.

Os pensamentos sobre as coisas existem nas próprias coisas sem se prenderem a quem as observa; os pensamentos sobre as coisas saem delas como o perfume se desprende da flor, mesmo que ninguém a cheire, mesmo que ninguém saiba sequer que essa flor existe...; o pensamento da coisa existe assim tanto como a própria coisa, não em palavras de explicação mas como outra ordem de fatos; fatos rápidos, sutis, visíveis exatamente por algum sentido.

Sua comunicação com o mundo, aquela secreta atmosfera que ela cultivava ao redor de si como um escuro, era o seu último existir – depois dessa fronteira ela própria era silenciosa como uma coisa.

Não sabia o que lhe sucedia e seu único modo de sabê-lo era vivendo-o.

Em raro momento parecia-lhe ter vivido o mesmo instante em outra época, noutra cor e noutro som.

Buscava sentir seu passado como um paralítico que inutilmente apalpa a carne insensível de um membro.

Separada do próprio nascimento e no entanto sentia difusamente que devia estar de algum modo a prolongar a infância numa só linha ininterrupta e que sem se conhecer desenvolvia algo iniciado no esquecimento.

Vivera alguma vez ultrapassando os momentos numa cegueira feliz que lhe dava o poder de seguir a sombra de um pensamento através de um dia, de uma semana, de um ano. E isso misteriosamente era viver se aperfeiçoando na obscuridade sem obter um fruto sequer dessa imponderável perfeição.

Uma pessoa podia gastar-se sendo apenas.

Tinha a impressão de que já vivera tudo apesar de não poder dizer em que momentos. E ao mesmo tempo sua vida inteira parecia poder resumir-se num pequeno gesto para a frente, uma ligeira audácia e depois num recuo suave sem dor, e nenhum caminho então para onde se dirigir – sem pousar direito no solo, suspensa na atmosfera quase sem conforto, quase confortável, com a languidez cansada que precede o sono.

Conversavam, ele perdia a frieza, brincava tão íntimo, tão distante... no consultório branco, limpo, vendo-a como uma qualquer, desejando-a sem tristeza, não esperando sequer que ela lhe permitisse alguma coisa, querendo apenas fazer-se desejado, alegre, malicioso e distraído, divertindo-se com a própria virilidade.

Um peso apertava-lhe de leve o pescoço, os braços, ela sentia um informe gosto de sangue na garganta e na boca como sempre que tinha medo e esperança – poderia derrubar alguma ideia e aceitar a aventura, sim, a aventura que ele não lhe oferecia. De um centro novo no seu corpo, do ventre, dos seios renascidos propagou-se um pensamento agudo, desesperado e profundamente feliz, sem palavras ela o queria.

E como ele se aproximasse um pouco mais ainda, ela desajeitadamente, rápida, encostou sua boca naquela face áspera como um homem, perto da orelha... Ele olhou-a depressa espantado e curioso! Ela hesitava de olhos abertos, o consultório girava vermelho, um rubor pesado e grave subiu-lhe ao pescoço e ao rosto enquanto ela tentava justificar-se com um sorriso difícil e tolo. Ele olhou-a atentamente um instante, com sabedoria tocou em certas palavras comuns e de súbito tudo se dissolvia numa simples brincadeira. Fitou-o seca e ardente, estendeu-lhe a mão, ele disse conduzindo-a: não vá se zangar.

Ela mesma pensava que jamais teria filhos. Nunca os temera sequer como se por um conhecimento quieto de sua natureza mais secreta soubesse que seu corpo era o fim de seu corpo, que sua vida era a sua última vida.

Não era das que têm filhos. E se os fizesse nascer algum dia, ainda seria daquelas que não têm filhos.

E se toda a vida que vivesse divergisse da que deveria ter vivido, ela seria como deveria ter sido – o que poderia ter sido era ela profundamente, inefavelmente, não por coragem, não por alegria e não por consciência mas pela fatalidade da força do existir.

Não se dissolver, não se dar, negar os próprios erros e mesmo jamais errar, conservar-se intimamente gloriosa – tudo isso era frágil inspiração inicial e imortal de sua vida.

Pegara um dia na criança dum vizinho; a criança encostava a mãozinha na sua, espiando, pela janela. Aos poucos, com o olhar duro e divertido, com leve emoção no corpo, segurou a carne pequena cheia de dedos ceguinhos e macios, apertou-a entre suas mãos, a criança não notou, olhava pela janela.

Uma mulher fértil era tão vulnerável, sua fragilidade vinha de que ela era fecunda.

Sentia às vezes um êxtase feito de fraqueza, cansaço, de um fundo sorriso e duma respiração difícil e superficial; era uma possibilidade profunda e cega que se resolvia afinal num suspiro e num rápido bem-estar, num sono pálido cheio de exaustão e de sonhos revolvidos em que ela parecia querer gritar libertando-se dos lençóis: minha fecundidade me sufoca.

Se tivesse um filho estaria sempre em sobressalto. A cada segundo esperaria vê-lo pôr feijão nos ouvidos com malícia e sabedoria, pôr o dedinho na tomada elétrica. E a cada segundo agradeceria magra e nervosa o milagre de nada suceder – porque ela seria magra e nervosa. Até que habituada com a gentileza dos acontecimentos ficaria em paz, tomando chá com bolos e bordando. E então a criança iria diretamente para a tomada elétrica. Só o seu medo evitava as desgraças, só o seu medo.

Pôs sua capa cinzenta, de lã, foi ao jardim zoológico. Os macacos nada faziam, catavam-se, olhavam, prendiam-se às grades piscando, faziam sinais, olhavam como doces prostitutas.

Vencendo o próprio destino forçava-se a olhar sozinha no mundo para os olhos do tigre, para seu caminhar ondulante, elevando-se acima do terror, até que dele saía uma espécie de verdade, algo que a apaziguava como uma coisa, ela suspirava franzindo os olhos. Aquele cheiro repugnante de cansaço fazia-lhe bem, ela cerrava os dentes de mulher.

As emas riam silenciosas, plenas de alegria e tolice mas havia uma placa avisando que eram perigosas. Não pareciam, o pescoço fino e sinuoso diretamente preso aos quadris volumosos, cheios de movimentos calmos.

Era inverno, o silêncio do jardim vazio, só um ou outro murmúrio dos animais, o grito fino de uma ave. Seus passos, nos largos vazios rodeados de jaulas, eram cautelosos. Passava pela cobra imóvel e fria com o coração seco de coragem.

A onça negra de veludo movia as pernas, as patas tocavam e largavam o chão num passo mole, rápido e silencioso. A fêmea, com a cara erguida sobre o corpo deitado, arfava absorta com saciedade, os olhos verdes esgazeados.

Ele estendeu a faca por algum motivo que ela não compreendeu: toque! Mas por quê? perguntou-se assustada, tocou na lâmina fria e brilhante que as gotas de chuva pareciam evitar e que lhe deixava um gosto de sangue na boca, enquanto com os olhos abertos, o rosto quase em careta de nojo e horror, ela sorria.

Sentia que alguma coisa se aproximava dentro de si e queria então atingi-la, ter um momento de tristeza absorta. Sabia porém que o homem a impediria de sofrer, arrastando-a para a meia sensação flutuante e equilibrada de seus corpos. Ele a forçava a não se desesperar, chamava-a insistente e inacessível para um rebaixamento, não se sabe por quê. Havia uma luta entre os dois que não se resolvia nem por palavras nem por olhares – e também ela sentia, surpreendida e obstinada, que procurava destruí-lo, que temia os momentos de pureza do homem, não suportava seus instantes de solidão como se lhe fosse desagradável e perigoso o que neles havia. Era uma luta despercebida que no entanto os ligava num mesmo meio de atração, desentendimento, repulsa e cumplicidade.

No quarto iluminado tirava as galochas, examinava os dedos dos pés comprimidos como pequenos pássaros esmagados. Afastava-os com mãos lentas, alisava-os. Como gostava de seu quarto; sentia seu cheiro de túnel quando se aproximava e estava bem, bem dentro dele quando entrava. Notava que antes de sair esquecera de abrir as janelas e um cheiro dela própria exalava-se de cada canto – como se voltando da rua se encontrasse em casa esperando.

O mundo noturno, frio, perfumado e tranquilo era feito de suas sensações fracas e desorganizadas. Oh como era estranho, estranho. Sentia-se bem e sabia que antes sufocava, parecia-lhe que de noite a água do mundo começava a viver.

Agora imóvel sem se decidir, de súbito lembrou-se de que poderia fazer café para animar-se e então tomar. E então tomar, e então tomar! pensou repentinamente viva. Mas não se erguia sequer. Quebrou-se cansada de si mesma, distraidamente enjoada de sua vida quente, de tantos gestos úmidos e lentos, de sua benevolência, do prazer e do aconchego no sofrimento – severidade e secura era o que agora desejaria vagamente, horrorizada com tantos sentimentos, mas nada conseguia, mole e atenta. O pensamento de fazer café sacudiu-a de novo com mais vigor, Deus meu, isso seria renascer, tomar café límpido, negro, quente, perfumado café – mundo, mundo, dizia seu corpo, sorrindo mudamente de dor.

Com certa timidez observava como estava sozinha. Poderia chorar de alegria, sim, porque tomando café teria forças para tudo. Encostou o rosto à cama fria e lágrimas mornas, redondas e felizes correram, aos poucos iam crescendo em soluços, agora em pequenos soluços tristes ela chorava sentindo a cama fria esquentar sob a face. Num movimento de abandono não queria mais café como se o café ainda não feito tivesse esfriado enquanto ela chorava.

Algo curioso e franzido ocorria-lhe e desaparecia, um sentimento de leveza irritada. E como de súbito reagisse num impulso, decidiu com um estremecimento de energia e confusa esperança não beber café.

Ele a sentia às vezes vagamente procurar transformar seu próprio ritmo de olhar e de viver para agradá-lo mas que isso para ela seria tão difícil como abrir os olhos no meio de um pesadelo e insinuar-se num sonho mais brando.

Oh, por favor liberte-se mais de mim, que me pesa uma vida tão ligada à minha – dissera-lhe ele um dia.

Por que é que a pessoa com quem se vive é a pessoa de quem se deve fugir?

O ódio duro de estar preso a uma mulher que tudo faria para os dois serem felizes.

Mas ser livre era amar de novo. Por que exigia ela menos do que ele podia dar?

Tem-se a impressão de que se conhece há muito uma pessoa ao vê-la pela primeira vez, quando se consegue a um olhar apreender a harmonia dos traços com a alma.

Ele ergueu os olhos querendo com um silêncio dar a ambos a certeza de que ele era um homem e ela uma mulher.

A morte na velhice era um fresco fruto extemporâneo e um súbito revivescimento.

A avó não existia com a diferença de que seu não existir era incompleto; só um rosto que se beijava como se beija um embrulho de papel; e de repente esta mulher morria como quem diz: vivi.

Como culpar ambos? tudo era tão difícil, havia tantas formas de ofensas entre os que se amavam e tantas formas de não se compreender.

A felicidade era tão violenta, abalava-a tudo.

Podia-se pois sucumbir de felicidade, ela se sentira tão abandonada; mais um minuto de alegria e teria sido lançada para fora de seu mundo por desejos audaciosos, cheia de uma esperança insuportável. Não, ela não desejava a felicidade, ela era fraca diante de si mesma, fraca, embriagada, cansada; descobriu rapidamente que a exaltação a fatigava.

Não havia desgraça grande demais para seu corpo... sim, que tudo ela suportaria, não, não por coragem mas porque vagamente, vagamente, porque o impulso inicial já fora dado e ela nascera.

A própria sensação de fatalidade que era afinal a sua última certeza de estar vivendo, a impossibilidade de no mais fundo da carne admitir que nesse mesmo instante poderia estar morta. Sim, e depois parecia ter chegado ao limite de si própria, lá onde se confundiam a alegria, a inocência e a morte, lá onde numa cega transubstanciação as sensações tombavam no mesmo diapasão... e como ela chegara ao limite de si mesma, sentou-se de novo, quieta e branca e espiou levemente as coisas sem espera, sem lembrança; alisou a alça da combinação, um dos grandes seios pálidos, reduzida subitamente ao começo.

Chegara a um instante raro de solidão onde mesmo o mais verdadeiro existir do corpo parecia hesitar.

Ela não sabia qual seria o próximo instante – como pela primeira vez a vida vacilava pensando sobre si mesma, chegando a certo ponto e aguardando a própria ordem; o destino se esgotara e o que ainda prosseguia era a sensação primária de viver – o tema interrompido e o ritmo latejando seco.

Os momentos soavam livres de sua existência e seu ser destacou-se do tempo sobre o qual decorria. Apertou a mão no peito – na verdade o que sentia era apenas um gosto difícil, uma sensação dura e persistente como de lágrimas insolúveis engolidas depressa demais.

E como estava muito afastada de si mesma e de sua própria força, procurou, sem mesmo conhecer a natureza de seu impulso, ligar-se a uma dor mais sensível e mais possível, daquelas que provocavam uma solução.

Atingia o que pretendia e no entanto não podia suportar o que ela própria criara. Seria tão mais fácil ser melhor para si mesma.

Amanhã! amanhã ir embora e procurar alguém definitivamente! prometia-se. E isso – como ela era poderosa às vezes – e isso que ela sabia ser uma mentira apaziguava-a, fazia-a poder esperar com o coração mais uniforme, consolada como uma criança, palpitando com cuidado para não se magoar. Como era preciso ser delicada consigo – isto ela aprenderia sempre mais, a cada momento que fosse cumprindo; viver como se sofresse do coração – Tateando, dando-se boas notícias suaves, dizendo sim, sim, você tem razão. Porque havia um instante na permissão que alguém se dava que poderia chegar a um estarrecimento seco e tenso, a alguma coisa da qual simplesmente não se conseguiria dizer o fim. Um estado em que ter força seria a própria morte talvez, e a única solução estaria na entrega rápida do ser, rápida, de olhos fechados, sem resistência.

Lembrou-se enfim de como numa tarde, riscando a toalha com a unha, pareceu-lhe ter ouvido baterem à porta. Levantou-se e abriu-a sobre o corredor vazio. Não encontrar ninguém assustara-a tanto que ela recuara, fechara a porta rapidamente sem ruído e encostara-se à parede sentindo o coração bater tonto e brusco, aquela sensação de erro que jamais se elucidara, uma fatalidade soando no relógio com fineza e precisão.

Como buscar no centro das coisas a alegria? por mais que nalguma vez remota e quase inventada a tivesse encontrado e vivido nesse próprio centro. Agora possuía a responsabilidade de um corpo adulto e desconhecido. Mas o futuro viria, viria, viria.

Pressentia com um prazer sereno e absorto como era novo, inexperiente e indecifrável o existir, como ela própria poderia algum dia ser adivinhada por um desconhecido numa estrada de ferro sem dizer uma palavra.

Levemente acordada pairava longe do mundo, oscilando sobre a própria dormência, rodeada pelo escuro momento passado e pelo que já se esboçava; estar acordada era então da mesma matéria do dormir.

Pensava como uma linha parte de um ponto prolongando-o, pensava como um pássaro que apenas voa, simples direção pura.

Se olhasse o vazio sem cor ela nada enxergaria porque não existia o que enxergar, mas teria olhado e visto.

Muito do seu passado não se realizara à flor do dia mas nos lentos movimentos do sonho, embora ela raramente pudesse lembrá-los.

Talvez estivesse triste mas tinha nesse instante a firme sensação de que não podia viver de sua própria tristeza, de sua alegria ou mesmo do que sucedia; de que então? revolvia-se inquieta e atenta como se procurasse uma posição para viver.

A pele secara, adquirira um tom arisco; conservava-se ainda jovem da testa até o início da boca, mas depois desta a velhice se precipitava como se tivesse custado a conter-se.

Os traços de seu rosto e de seu corpo haviam-se tornado graúdos e domésticos; uma gordura pálida torneava-lhe a figura que já agora, tão

envelhecida e rígida, adquiria pela primeira vez uma espécie de beleza, uma familiaridade e uma simpatia, certo ar de fidelidade e força como o de um canzarrão criado dentro do lar.

Todas as mulheres sabem que um homem incomoda muito.

Estivera pensando, pensando e repensando com obstinação, de leve e sem ruído, nesta cena estranha: um homem caminhando e encontrando outro homem, ambos parando na escuridão, olhando-se tranquilos e despedindo-se junto do muro branco e alto; os homens encontrando-se, trocando um olhar, despedindo-se junto do muro branco; os homens encontrando-se.

As mulheres quando não são rivais se compreendem.

O amor não é tudo o que resulta em filhos.

Ela era lisa e fresca e pareceria muito com uma imagem santa se não fosse a inteligência de seus olhos imperceptivelmente atentos, guardando para si mesma as impressões. Dava bom-dia como um cartão-postal.

Ela era calma e boa – sim, essa fora a sensação no Grande Hotel, na cidade, lá onde a noiva de Daniel, seus pais e suas duas irmãs passavam uma temporada e onde Daniel a conhecera. Mas escondera a sensação de si própria e então pensava mentindo-se: ela fará da vida de Daniel algo com hora de almoço, de jantar, de sono, de regularização sexual, sadia, limpa e quase nobre, como num sanatório.

Você erra com uma força que não se pode deter... Acho mesmo que errar com essa violência é mais bonito do que acertar.

Os meninos e as meninas deveriam tanto mudar de nome quando cresciam. Se alguém se chamava Daniel, agora, deveria ter sido Círil um

dia.

Virgínia era um apelido cheio de paz atenta como de um recanto atrás do muro, lá onde cresciam finas ervas como cabelos e onde ninguém existia para ouvir o vento. Mas depois de perder aquela figura perfeita, magra, tão pequena e delicada como o maquinismo de um relógio, depois de perder a transparência e ganhar uma cor, ela poderia se chamar Maria Madalena ou Hermínia ou mesmo qualquer outro nome menos Virgínia, de tão fresca e sombria antiguidade. Sim, e também poderia ter sido em pequena tranquilidade Sibila, Sibila, Sibila.

Urgia dizer alguma coisa com cólera, com alegria, que a violência rebentasse o ar em fulgor, revoltar-se, compreender-se!, que surgisse um cavalo correndo pela campina, que um pássaro gritasse.

Que demônio faz com que eu queira me parecer comigo mesmo.

As mulheres se cansavam mais facilmente que os homens, cansada como se de uma ferida invisível corresse sangue ininterruptamente como o ar, como o pensamento, como as coisas existentes sem trégua, a lebre correndo.

Era isso o destino – parecia notar – porque sem isso estaria liberta para se deixar penetrar por tantas possibilidades... ela, que se conservava no bom-senso com uma obstinação que estranhamente não parecia nascer de um desejo profundo mas de como um capricho nervoso, de um pressentimento.

Olhos abertos vigiando e uma leve tensão impedindo... o quê? atrás desses olhos talvez nada houvesse de caro e vivo a resguardar tão dedicadamente, talvez apenas o vazio ligando-se ao infinito, sentia ela confusa quase num cochilo – ligando a própria profundidade ao infinito sem consciência sequer,

sem êxtase, apenas uma coisa vivendo sem ser vista nem sentida, seca como uma verdade ignorada. Como era horrível, puro e inapelável viver.

Essa a realidade de sua vida: diariamente escapar. E exausta de viver, rejubilar-se na escuridão.

Em alguma parte uma corça abria e fechava suavemente as pálpebras lambendo um recém-nascido sorridente e ainda cansado.

Viu que estava sozinha. Mas um homem, um homem implorou espantada... que a compreendesse naquele instante no prado, que a surpreendesse quase com dor. Mas ninguém a via e o vento soprava quase frio.

Olhar o prado com solenidade e tristeza para impedir o excesso de plenitude tão difícil de suportar.

Era sua casa, sua casa – ela possuía um lugar que não era a mata nem a estrada escura, nem cansaço e lágrimas, que não era sequer a alegria, que não era o medo alucinado e sem rumo, um lugar que lhe pertencia sem que ninguém o tivesse dito jamais, um lugar onde as pessoas admitiam sem surpresa que ela entrasse, dormisse e comesse, um lugar onde ninguém lhe perguntava se ela tivera medo mas onde a recebiam continuando a comer sob a lâmpada, um lugar onde nos instantes mais graves as pessoas poderiam acordar e talvez sofrer também, um lugar para onde se corria assustada depois do arrebatamento, para onde se voltava após a experiência do riso, depois de ter tentado ultrapassar o limite do mundo possível – era sua, sua casa.

O lugar onde se foi feliz não é o lugar onde se pode viver.

Escondida e discreta ela se balançava – e aquele era o sentido de se viver aos segundos inspirando e expirando; não se respirava logo tudo o que se tinha a respirar, não se vivia de uma só vez, o tempo era lento, estranho ao corpo, vivia-se do tempo.

Por um misterioso assentimento à própria mentira, que tendo vivido tão continuamente, com paciência e perseverança como num trabalho diário, adivinhava que devia ter se escapado afinal no meio dos gestos perdidos o verdadeiro – embora jamais pudesse conhecê-lo.

Em pequena brincava de tentar não se mover, como todas as crianças que já o esqueceram; ficava quieta, suportando; os instantes latejavam no corpo tenso, mais um, mais um, mais um. E de súbito o movimento era irresistível, alguma coisa impossível de se conter como um nascimento.

Sempre observara nos velhos algo que não se podia resumir, que não era exatamente ausência de desejo, ou satisfação, nem experiência, ah, nunca experiência – algo que só o viver imponderável de todos os instantes incompreensíveis do sono e da vigília parecia conceder.

Estranhas e imperceptíveis eram a força e a fecundidade do ritmo. Nada parecia escapar à sucessão contínua, a um íntimo movimento esférico, inspirando, expirando, inspirando, expirando, morte e ressurreição, morte e ressurreição.

Afinal tudo era como era, pensou quase claramente, quase alegre – e isso significava a sua mais profunda sensação de existência como se as coisas fossem feitas da impossibilidade de não o serem.

Nos últimos tempos sua inquietação crescera como um corpo de menina que presente sufocada a puberdade.

Ela não estava à altura de compreender seus pensamentos – na verdade o que havia de intocado, desperto e confuso nela mesma ainda tinha forças para fazer nascer um tempo de espera mais longo que o da infância até os seus dias, de tal modo ela não chegara a nenhum ponto, dissolvida vivendo – isso assustava-a cansada e desesperada do próprio fluir instável e isso era algo horrivelmente inegável, e isso no entanto a aliviava de um modo estranho, como a sensação a cada manhã de não ter morrido à noite.

Num esforço em que o peito parecia suportar um viscoso peso, com um mal-estar inexcedível, atravessou pálida a rua e o carro dobrou a esquina, ela recuou um passo, o carro hesitou, ela avançou e o carro veio em luz, ela o percebeu com um choque de calor sobre o corpo e uma queda sem dor enquanto o coração olhava surpreso para nenhum lugar e um grito de homem vinha de alguma direção.

Estacara para a frente impedindo-se por um triz de pisar num gatinho rígido e morto e o coração retrocedera enquanto, com os olhos, por um instante profundamente cerrados de asco, todo o seu corpo dizia para dentro de si mesmo num escuro e cavo momento, bem no oco sonoro de uma igreja silenciosa: arrh! em funda náusea vivificadora o coração retrocedendo branco e sólido numa queda seca, arrh!

A morte inacabara para sempre o que se podia saber a seu respeito. A impossibilidade e o mistério cansaram com força seu coração.

PARTE VI

A cidade sitiada



Achou-se tão perto de uma face que esta lhe riu. Era difícil perceber que ria para alguém perdido na sombra.

Olhando porém um desconhecido nos olhos que a claridade de um poste enchia: que noite! disse ela para o estranho, e as duas caras hesitaram.

Onde estaria o centro de um subúrbio?

O sacrifício da carne é realizar-se como carne.

Estava no seu pequeno destino insubstituível passar pela grandeza de espírito como por um perigo, e depois decair na riqueza de uma idade de ouro e de escuridão, e depois perder-se de vista.

Ser-lhe-ia mais fácil ver o sobrenatural: tocar na realidade é que estremeceria nos dedos.

Debruçava-se sem nenhuma individualidade, procurando apenas olhar diretamente as coisas.

Quanto mais uma pessoa penetrasse no centro menos saberia como é uma cidade.

E ela no fundo possuindo aquele mal-estar feliz que era desconfiança sobre o que podia vir de um homem.

Da calçada deserta ela olharia: um canto e outro. E veria as coisas como um cavalo. Porque não havia tempo a perder.

Sinto na minha carne uma lei que contradiz a lei de meu espírito.

As coisas se mantinham à própria superfície na veemência de um ovo. Imunizadas.

Quando uma coisa não pensava, a forma que possuía era o seu pensamento. O peixe era o único pensamento do peixe.

Eis a flor – mostrava o grosso caule, a corola redonda; a flor se demonstrava. Mas sobre o caule também ela era intocável, o mundo indireto. Inútil ser imóvel: a flor era intocável. Quando começasse a murchar, já se poderia olhá-la diretamente mas então seria tarde; e depois que morresse, se tornaria fácil: podia-se jogá-la fora tocando-a inteiramente – e a sala decresceria, andar-se-ia entre as coisas apequenadas com firmeza e desilusão, como se o que fora mortal tivesse morrido e o resto fosse eterno, sem perigo.

O difícil é que a aparência era a realidade.

Gastar a vida tentando geometricamente assediá-la com cálculos e engenho para um dia, mesmo decrépita, encontrar a brecha.

Ah, eu bem queria ter a força de uma janela.

Pareceu encontrar a simples sutileza do corpo, transformado afinal na coisa que age.

Pousada sem culpa como na sala de espera de um dentista.

Sabia tão pouco de si como o homem, que passando, a olhara e a vira alongada.

Que sujo caminho era percorrido na escuridão até os pensamentos rebentarem em gestos!

Nunca precisara da inteligência, nunca precisara da verdade; e qualquer retrato seu era mais claro do que ela.

“Não se conhecer” era insubstituível por “conhecer-se”.

A perfeição não se apressa.

O tempo de uma vida seria justo o tempo de sua morte.

Já possuía a própria forma como instrumento de olhar: o gesto.

De súbito deu-lhe um instinto.

O que existia explicava-se ao máximo, e o máximo era o estremecimento de uma flor no jarro.

O máximo era a serenidade de um objeto parado.

Sonhar ser grega era a única maneira de não se escandalizar, e de explicar seu segredo em forma de segredo.

O que restara da Grécia? a insistência.

Nem escuridão nem claridade – frescura.

Nem escuridão nem claridade – aurora.

Nem escuridão nem claridade – visibilidade.

Nunca fora hoje até então.

Uma estrangeira apenas protegida por uma raça das pessoas iguais, espalhadas nos seus postos.

Foi assim que ela escapou de saber. A moça tinha sorte: por um segundo sempre escapava. Verdade era que, pela diferença deste segundo, outra

pessoa de súbito compreenderia. Mas era verdade também que pelo mesmo segundo outra pessoa seria fulminada.

O principal era mesmo não compreender. Nem sequer a própria alegria.

Era uma roda pequena girando rápida enquanto a maior girava lenta – a roda lenta da claridade, e dentro desta uma moça trabalhando como formiga. Ser formiga na luz, absorvia-a inteiramente e em pouco, como um verdadeiro trabalhador, ela não sabia mais quem lavava e o que era lavado – tão grande era a sua eficiência. Parecia enfim ter ultrapassado as mil possibilidades que uma pessoa tem, e estar apenas neste próprio dia, com tal simplicidade que as coisas eram vistas imediatamente.

A pia. As panelas. A janela aberta. A ordem, e a tranquila, isolada posição de cada coisa sob o seu olhar: nada se esquivava.

Quando procurava outro pedaço de sabão, não lhe ocorreria não achá-lo: lá estava ele, à mão. Tudo estava à mão.

Não possuía as futilidades da imaginação mas apenas a estreita existência do que via.

Lá estavam as coisas recortadas, e sem sombras, feitas para uma pessoa se aprumar ao olhá-las.

Uma criatura estava diante do que via, tomada pela qualidade do que via, com os olhos ofuscados pelo próprio modo calmo de olhar; a luz da cozinha era o seu modo de ver – as coisas às duas horas parecem feitas, mesmo na profundidade, do modo como se lhes vê a superfície.

Seu pensamento mais apurado era ver, passear, ouvir. Mas seu tosco espírito, como uma grande ave, se acompanhava sem se pedir explicações.

A glória de uma pessoa era ter uma cidade.

O extraordinário nunca a tentaria, nem as imaginações: na verdade gostava do que está ali.

“A coisa que está ali.” Não se poderia senão: ultrapassá-la. E para ultrapassá-la, ter que considerá-la uma suposição.

Mas volta e meia, não era mais hipótese: era a coisa que está ali.

Em certos fatos ela acreditava, em outros não – não acreditava que nuvens fossem água evaporada: para quê? pois se lá estavam as nuvens. Nem chegava a gostar de assuntos de poesia. Gostava mesmo de quem contava como as coisas eram, enumerando-as de algum modo: era isso o que sempre admirava, ela que para tentar saber de uma praça fazia esforço para não sobrevoá-la, o que seria tão mais fácil. Gostava de ficar na própria coisa: é alegre o sorriso alegre, é grande a cidade grande, é bonita a cara bonita.

Uma vez ou outra, via ainda mais perfeito: a cidade é a cidade. Faltava-lhe ainda, ao espírito grosseiro, a apuração final para poder ver apenas como se dissesse: cidade.

O olhar não era descritivo, eram descritivas as posições das coisas.

O que estava no quintal não era ornamento. Alguma coisa desconhecida tomara por um instante a forma desta posição.

As coisas pareciam só desejar: *aparecer* – e nada mais. “Eu vejo” – era apenas o que se podia dizer.

Como as coisas pareciam grandes vistas pelo orifício. Adquiriam volume, sombra e claridade: elas *apareciam*.

Pelo buraco da fechadura a alcova tinha uma riqueza imóvel, pasmada – que desapareceria se se abrisse a porta.

Ver as coisas é que eram as coisas.

Ser de certa maneira estúpida e sólida e cheia de espanto – como o sol.

Estava bruta, de pé, uma besta de carga ao sol. Essa era a espécie mais profunda de meditação de que era capaz.

Sei o que você está tentando: você está tentando ver a superfície mas tem voz rouca, pensou ela tão profundo e desconhecido que parecia ter ido a um descampado para pensar, de lá voltando rapidamente a fim de prosseguir.

A cautela consistia em não ter ideia do que fazia.

O erro era uma descoberta. Errar fazia-a encontrar a outra face dos objetos e tocar-lhes o lado empoeirado.

Olhando com uma severidade e uma dureza que faziam com que ela não buscasse a causa das coisas, mas a coisa apenas. Severa, curta, rouca, real, mergulhada em sonho.

“A coisa que está ali” era a derradeira impossibilidade.

Que cidade. A cidade invencível era a realidade última. Depois dela haveria apenas morrer, como conquista.

Mas em nome de que rei ela era uma espiã?

Mal tomava conhecimento, às vezes se coçando quase irônica – não tinha o que fazer até arranjar casamento. Apoiada sobre uma anca. Oh, tinha apenas pousado por ali um instante. Nada disso lhe concernia.

E, se alguém pensasse que chegara o momento de dar um grito para assustá-la – espantar-se-ia ao vê-la voltar a cabeça e espiar calma, ligeiramente sarcástica, bem nos olhos de quem desejara assustá-la.

Oh, as infinitas posições da sala, como se alguém se deitasse no chão e olhasse no teto a lâmpada oscilar... podia-se ter uma vertigem à orla de um bibelô. E eram sempre as mesmas coisas: torres, calendários, ruas, cadeiras – porém camufladas, irreconhecíveis. Feitas para inimigos.

O que não se sabe pensar, se vê! a justeza máxima de imaginação neste mundo era pelo menos ver: quem pensara jamais a claridade?

Uma dessas piruetas de moça casadoura. São tão alegres. Às vezes fazem as cambalhotas mesmo na frente dos outros, e riem muito depois.

Mas de manhã, ao café, tudo era amarelo e quando uma filha tomava café e a fumaça saía da xícara, flores amarelas tinham-se espalhado sobre a mesa, e uma mãe sentada à cabeceira era a dona desta casa.

Elas eram a mãe e a filha, dando-se como mãos se dão; e, embora se julgassem excepcionalmente argutas, nunca tentavam prová-lo.

Como não viver a própria vida inteira mesmo que se morresse a qualquer instante?

Todo homem parecia prometer uma cidade maior a uma mulher.

Enigmático e satisfeito: comia pouco de manhã, beijava-a, a boca através do café cheirando a pasta de dentes e a enjoo matinal. Usava anéis nos dedos como um escravo.

Esperou ir mais duas ou três vezes ao teatro, aguardando o momento em que atingiria um número difícil de contar, como sete ou nove, e poderia

acrescentar esta frase: “eu ia ao teatro quase sempre”.

Ninguém a tiraria dali, tinha direito de estar num camarote: esta era a sua época.

Nesse tempo de felicidade vivia cheia de pequenas rugas se formando, acompanhando modas em figurinos franceses, misturada a essa poeirenta época que aspirava com sufocação à posteridade – enquanto se usavam formas úteis de pensamentos: “na teoria é ótimo mas na prática falha”, dizia-se muito, e à luz de um poste passava o carro em disparada.

Também se empregava muito a palavra “sociedade”, naqueles tempos. “A sociedade exige tudo e não dá nada, o senhor não acha?”, dizia-se muito.

Nada havia de mais perigoso do que uma mulher fria.

No meio da confusão da cidade é que se reconheceria um forasteiro: este não tinha onde se agarrar.

Cada vez mais a fotografia ia se destacando do modelo, e a mulher a procurava como a um ideal. O rosto na parede, tão inchado e digno, tinha no sonho sufocante um destino, enquanto ela mesma... Talvez tivesse caído no maquinismo das coisas, e o retrato fosse a superfície inatingível, já a ordem superior da solidão.

Mosquitos leves de pernas altas. Haviam crescido além do tamanho e, enfraquecidos por esse excesso, era fácil tocá-los: quando se deixava um copo d’água afogavam-se sem ao menos deteriorarem-se. Era uma vida breve, sem relutância. Pareciam viver de uma história muito maior do que as suas. E, tão inúteis e resplandecentes, faziam do mundo a orbe.

E, não se tocarem, desequilibrava o passo de ambos, não se tocarem quase os levava a certo ponto extremo. Tudo se tornara precioso.

Estendeu a mão pensando encontrar a dela e sem querer tocou-lhe o braço – ela empalideceu: boa-noite, respondeu, e o homem se afastou pisando folhas.

Não queria entrar em caminho de amor, seria uma realidade sangrenta demais.

Quero menos que tua vida, quero você! Ela respondendo com dor, com pudor: no amor é indigno pedir tão pouco, rapaz.

Agora, em último esforço, tentava a solidão. A solidão com um homem: em último esforço, ela o amava.

Os dias aliás estavam maravilhosos nessa época. Iniciava-se o outono e nas janelas brilhavam teias de aranha. As distâncias haviam-se tornado muito maiores embora fáceis de percorrer. À mulher parecia mesmo viver na linha do horizonte. Era de lá que via cada pequena coisa com suas luzes, esse estranho mundo onde em tudo se poderia inutilmente tocar. Os galos cocoricavam nos fundos das casas. Quanto às manhãs, eram de se jogar longe um sapato – e o cachorro correr latindo atrás. O tempo era para caçada.

E a vaca... A vaca olhando uma extensão com um olho, a extensão oposta com outro olho; de frente seria tão fácil, mas a vaca nunca viu.

No escuro ela o via como a um animal – era uma cabeça de touro ou de cão – a cabeça de um homem. De um homem que pastasse no campo e que ruminasse ervas, e que mordesse folhas altas à passagem – e que de noite parasse ao vento – vazio, potente, rei dos animais – a cabeça no escuro.

Preferia ainda a confusão promissora das palavras a essa nudez sem beleza, a esta verdade de hospital e de guerra.

Uma mulher para aquele homem. Forte, bruta, paciente – sem esperar recompensa ela era daquela cabeça resignada de bicho, e desse outro animal esperaria sem curiosidade a ordem de seguir ou parar, arrastando-se suada, resistindo como podia. Para de noite erguer a cabeça ao lado da cabeça do animal, ambos mastigando em silêncio no escuro, ambos sobrevivendo como obscura vitória.

Não havia como acusá-la por não se agarrar à oportunidade de ser de um homem, e não das coisas. Na verdade ele nada oferecera, fora apenas uma cabeça a exprimir-se no escuro. Eles tornariam concretos cada pensamento sobre ponte, cada ideia sobre uma linha férrea. Um esperava porém que o outro o adivinhasse, máximo de dar e aceitar, nunca houvera tanta necessidade de ser compreendido. Não se exigia senão este instante de sobrevivência, assim era, assim seria.

Peço perdão por não ser uma “estrela” ou “o mar” – disse irônico – ou por não ser alguma coisa que se dá, disse corando. Peço perdão por não saber me dar nem a mim mesmo – até agora só me pediram bondade – mas nunca que eu... – para me dar desse modo eu perderia minha vida se fosse preciso – mas peço de novo perdão.

Não se tratava mais de proteger-se. Tratava-se de perder-se até chegar ao mínimo de si mesmo.

Perguntava-se como era possível que ele a amasse sem conhecê-la, esquecendo que ela própria só conhecia do homem o amor que ela lhe dava.

Desde que o amava encontrara simplesmente o sinal de fatalidade que tanto procurara, esse insubstituível que mal se adivinhava nas coisas, o insubstituível da morte: como o gesto, o amor reduzia até encontrar o irremediável, com o amor se apontava o mundo.

Sim, sim, ela estava bastante perdida. Bem lhe parecera sempre que antes de mais nada era preciso se perder. Bem sabia que, tentando através da sala de visitas olhar as coisas que existem, não tivera coragem de ser guiada pelos objetos: caíra, sim, porém tivera medo e agarrara-se onde pudera. Se tivesse caído até o fim, saberia que fim de queda era estar sob o céu estrelado? e era ver que o mundo é redondo, e que o vazio é o pleno, e que milho crescendo é espírito.

Quando encontrava um homem fraco e inteligente, sobretudo fraco porque inteligente – devorava-o duramente, não o deixava equilibrar-se, fazia-o precisar dela para sempre – era o que fazia, absorvendo-os, detestando-os, apoiando-os, a irônica mãe.

Sabia como ninguém transformar um cão solitário num cão feliz que se deitava ao seu lado piscando os olhos. E então, tendo-o aos pés – jamais, jamais compreensível – o aposento ficava grande, silencioso; e não era o cão, era ela quem vigiava a casa. Tal a sua grandeza, tal a sua miséria.

Não tinha vergonha de não desejar vida nova – era muito perigoso uma vida nova, quem de vós suportaria.

Examinou ainda o rapaz que ela, com tanto esforço, conservara inteiro – olhou-o e balançou a cabeça como uma velha. Gostaria de juntar duas cadeiras, enrolar-se e dormir. Sentia-se ainda grata a alguma coisa, e a voz, quando tossiu, saiu grossa. Tão reconhecida ao moço que lhe permitira, talvez um pouco tarde demais – entre um trem e um hotel, sem mesmo abandonar a mala – que lhe permitira admirá-lo apenas; ela que sempre

exigia que as pessoas tivessem sofrido, senão por onde começar a roê-las? e sobretudo por onde perdoá-las.

Em certas coisas, mesmo boas, não se devia tocar jamais, nem com o pensamento.

Sou de opinião de que se fala demais.

Era livre: não pedia provas.

Um bicho conhece a sua floresta; e mesmo que se perca – perder-se também é caminho.

Oh, ela não compreendera que cada pessoa era o máximo e que não seria necessário procurar outra.

Foi ao dentista e pôs dois dentes de ouro – teve afinal o primeiro ar de estrangeira.

PARTE VII

A maçã no escuro



Esta história começa numa noite de março tão escura quanto é a noite enquanto se dorme. O modo como, tranquilo, o tempo decorria era a lua altíssima passando pelo céu.

O espanto parece com a grande alegria.

Em duas semanas aprendera como é que um ser não pensa e não se mexe e no entanto está todo ali.

Em qualquer lugar onde o homem experimentou se pôr de pé, ele próprio se tornou o centro do grande círculo, e o começo apenas arbitrário de um caminho.

Com a continuação de noites e dias o homem terminara por esquecer o motivo pelo qual quisera encontrar o mar. Quem sabe, talvez não fosse por nenhum motivo de ordem prática. Talvez fosse apenas para que, chegando finalmente ao mar, num instante de obscura beleza, ali ele tivesse chegado.

Perdendo a garantia com que um homem fica sobre dois pés, ele se arriscou à penosa acrobacia de voar desajeitado.

Pois futuro é faca de dois gumes, e futuro molda o presente.

Cada coisa estava no seu lugar. Como um homem que fecha a porta e sai, e é domingo.

Nem a mulher fora criada.

Há alguma coisa numa extensão de campo que faz com que um homem sozinho se sinta sozinho.

O homem não pareceu ter a menor intenção de fazer alguma coisa com o fato de existir. Estava era sentado na pedra. Também não pretendia ter o

menor pensamento sobre o sol.

Cada gesto seu repercutia como palmas na distância: quando ele se coçou, esse gesto rolou diretamente para Deus.

A coisa mais desapaixonadamente individual acontecia quando uma pessoa tinha a liberdade. No começo você é um homem estúpido tendo a mais a grande solidão. Depois, um homem que levou uma bofetada na cara e no entanto sorri beato porque ao mesmo tempo a bofetada lhe deu de presente uma cara que ele não suspeitava. Depois, aos poucos, você começa, sonso, a fazer casa e a tomar as primeiras intimidades impudicas com a liberdade: você só não voa porque não quer, e quando se senta numa pedra é porque em vez de voar sentou-se. E depois?

Era uma orgia muda na qual havia o virginal desejo de aviltar tudo o que é aviltável; e tudo era aviltável, e esse aviltamento seria um modo de amar.

E depois? Bem, só mesmo o que aconteceria depois é que iria dizer o que aconteceria depois.

Se quisesse poderia não se sentar na pedra. O que lhe dava a eternidade de um pássaro pousado.

A quietude que se seguiu foi tão oca que o homem procurou ouvir ainda um último baque da pedra para calcular a profundidade do silêncio onde ele a lançara.

Um homem estava sentado. E não havia sinônimo para nenhuma coisa, e então o homem estava sentado. Assim era. O bom é que era indiscutível. E irreversível.

Aquela coisa que ele estava sentindo devia ser, em última análise, apenas ele mesmo. O que teve o gosto que a língua tem na própria boca. E tal falta

de nome como falta nome ao gosto que a língua tem na boca. Não era, pois, nada mais que isso.

Aquele homem sempre tivera uma tendência a cair na profundidade, o que um dia ainda poderia levá-lo a um abismo: por isso sabiamente tomou a precaução de abster-se.

Animal brilha apenas nos olhos, mantendo atrás de si a vasta alma intocada de um animal.

Se ele conseguisse se provar que nunca tinha sido inteligente, então se revelaria também que seu próprio passado fora outro, e se revelaria que alguma coisa no fundo dele próprio sempre fora inteiro e sólido.

Imitara a inteligência, com aquela falta essencial de respeito que faz com que uma pessoa imite. E com ele, milhões de homens que copiavam com enorme esforço a ideia que se fazia de um homem, ao lado de milhares de mulheres que copiavam atentas a ideia que se fazia de mulher e milhares de pessoas de boa vontade copiavam com esforço sobre-humano a própria cara e a ideia de existir.

O desconforto é a única advertência de que se está copiando.

Mesmo a compreensão, a pessoa imitava. A compreensão que nunca fora feita senão da linguagem alheia e de palavras.

Então – através do grande pulo de um crime – há duas semanas ele se arriscara a não ter nenhuma garantia, e passara a não compreender.

O homem agora se rejubilava como se não compreender fosse uma criação.

Não compreender estava de súbito lhe dando o mundo inteiro.

Aquele homem rejeitara a linguagem dos outros e não tinha sequer começo de linguagem própria. E no entanto, oco, mudo, rejubilava-se. A coisa estava ótima.

Acontece que, por circunstâncias especiais, em duas semanas aquele homem se tornara um duro herói: ele representava a si mesmo. A culpa não o atingia mais.

Ele não sentira horror depois do crime. O que sentira então? A espantada vitória.

Com deslumbramento, vira que a coisa inesperadamente funcionava: que um ato ainda tinha o valor de um ato. E também mais: com um único ato ele fizera os inimigos que sempre quisera ter – os outros. E mais ainda: que ele próprio se tornara enfim incapacitado de ser o homem antigo pois, se voltasse a sê-lo, seria obrigado a se tornar o seu próprio inimigo – uma vez que na linguagem de que até então vivera ele simplesmente não poderia ser amigo de um criminoso. Assim, com um único gesto, ele não era mais um colaborador dos outros, e com um único gesto cessara de colaborar consigo mesmo. Pela primeira vez Martim se achava incapacitado de imitar.

O bom de um ato é que ele nos ultrapassa.

Não tivera mais tempo: num ritmo extraordinariamente perfeito e lubrificado, seguira-se o profundo entorpecimento de que ele tinha precisado para que nascesse esta sua inteligência atual. Que era grosseira e esperta como a de um rato. Nada além disso. Mas pela primeira vez utensílio. Pela primeira vez sua inteligência tinha consequências imediatas. E de tal modo se tornara posse total sua que ele pudera habilidosamente especializá-la em garanti-lo, e em garantir sua vida.

Passara a saber como fugir como se tudo o que tivesse feito até agora na vida diária não tivesse sido senão ensaio indistinto para a ação. E então aquele homem se tornara finalmente real, um rato verdadeiro, e qualquer pensamento dentro dessa inteligência nova era um ato, embora rouco como de voz ainda nunca usada. Era pouco o que ele era agora: um rato. Mas enquanto rato, nada nele era inútil. A coisa era ótima e profunda. Dentro da dimensão de um rato, aquele homem cabia inteiro.

Mas antes – durante uma fração de segundo – antes a vitória. Porque um homem um dia tinha que ter a grande cólera.

E pela primeira vez, com candura, admirara-se a si mesmo como um menino que se descobre nu ao espelho. Aparentemente, com o acúmulo de pensamentos de bondade sem a ação da bondade, com o pensamento de amor sem o ato de amor, com o heroísmo sem o heroísmo, sem falar de certa crescente imprecisão de existir que terminara se tornando o impossível sonho de existir – aparentemente aquele homem terminara por esquecer que uma pessoa pode agir. E ter descoberto que na verdade já tinha involuntariamente agido, dera-lhe de repente um mundo tão livre que ele se estonteara na vitória.

Aquele homem não se questionara sequer se havia quem pudesse agir sem ser por intermédio de um crime. O que teimosamente sabia, apenas, é que um homem tinha que ter um dia a grande cólera.

Eu era como qualquer um de vocês, disse então muito subitamente para as pedras pois estas pareciam homens sentados.

Imaginem – recomeçou então inesperadamente quando estava certo de que nada mais tinha a lhes dizer – imaginem uma pessoa que tenha precisado de um ato de cólera, disse para uma pedra pequena que o olhava com um rosto calmo de criança. Essa pessoa foi vivendo, vivendo; e os

outros também imitavam com aplicação. Até que a coisa foi ficando muito confusa, sem a independência com que cada pedra está no seu lugar. E não havia sequer como fugir de si porque os outros concretizavam, com impassível insistência, a própria imagem dessa pessoa: cada cara que essa pessoa olhava repetia em pesadelo tranquilo o mesmo desvio. Como explicar a vocês – que têm a calma de não ter futuro – que cada cara tinha falhado, e que esse fracasso tinha em si uma perversão como se um homem dormisse com outro homem e assim os filhos não nascem.

Talvez tivesse vaga consciência de que estava representando e se vangloriando, mas fingir era uma nova porta que, no primeiro esbanjamento de si mesmo, ele podia se dar ao luxo de abrir ou fechar.

Imaginem uma pessoa que era pequena e não tinha força. Ela na certa sabia muito bem que toda a sua força reunida, tostão por tostão, só seria suficiente para comprar um único ato de cólera. E na certa também sabia que esse ato teria que ser bem rápido, antes que a coragem acabasse, e teria mesmo que ser histérico. Essa pessoa, então, quando menos esperava, executou esse ato; e nele investiu toda a sua pequena fortuna.

Estaria ele descrevendo seu crime como um homem que pintasse num quadro uma mesa – e ninguém a reconhecesse porque o pintor a pintara do ponto de vista de quem está embaixo da mesa?

E por enquanto ele era alguém ainda muito recente, de modo que tudo o que disse não somente lhe pareceu ótimo, como ele caía, deslumbrado apenas pelo fato de ter conseguido caminhar sozinho.

Estava sinceramente espantado pelo fato da desgraça também o ter atingido e – mais que isto – que ele estivesse por assim dizer à altura dela.

A verdade seria diferente se você a dissesse com palavras erradas.

Eu sei por que é que Deus fez o rinoceronte, é porque Ele não via o rinoceronte, então fez o rinoceronte para poder vê-lo.

Essa pessoa de quem estou falando matou um mundo abstrato e lhe deu sangue.

Ele se livrara da grande culpa materializando-a.

E agora, que enfim fora banido, estava livre. Ele era enfim um perseguido.

Ele queria falar porque não há uma lei que impeça um homem de falar.

Para quem nunca viu uma cabeleira, um fio de cabelo não era nada, e tirado de sua água, o peixe era apenas uma forma.

Dissera a um amigo que o negócio era mau, fizera ele próprio o negócio e ganhara uns bons cobres e sentira aquele bom triunfo no peito, insubstituível por qualquer outro prazer, e que faz com que um homem ame os seus semelhantes através do fato de tê-los vencido.

Ele fora se tornando um homem abstrato. Como a unha que realmente nunca consegue se sujar: é apenas ao redor da unha que está o sujo; e corta-se a unha e não dói sequer, ela cresce de novo como um cacto.

Um dia enfim um homem tem que sair em busca do lugar-comum de um homem. Então um dia o homem freta o seu navio. E, de madrugada, parte.

Ilógico, lutava primitivamente com o corpo, torcendo-se numa careta de dor e de fome, e com voracidade ele todo tentou se tornar apenas orgânico.

De acordo com as leis de caça, um animal ferido se torna um animal perigoso.

Continuando a andar, por vezes o vento lhe trazia um clamor vago, uma reivindicação mais intensa. Era um alarme de vida que delicadamente alertou o homem. Mas com o qual ele nada soube fazer como se visse uma flor se entreabrir e apenas olhasse.

Às vezes a pessoa estava tão ávida por uma coisa, que esta acontecia, e assim se formava o destino dos instantes.

E à beira de sua mudez, estava o mundo. Essa coisa iminente e inalcançável. Seu coração faminto dominou desajeitado o vazio.

E como se agora sua energia estivesse a seu próprio alcance e medida, ele se ergueu sem nenhum esforço. Uma alerteza impessoal o tomara como a de um tigre de patas macias. Agora ele era real e silencioso.

O que o sustentava era a impessoalidade extraordinária que ele alcançara, como um rato cuja única individualidade é aquilo que ele herdou de outros ratos. Essa impessoalidade, o homem a manteve em leve repressão de si próprio como se soubesse que, do momento em que se tornasse ele mesmo, cairia emborcado no chão.

O homem olhou-o com fixidez. Em trégua de luta, mediu a sede do outro. No seu olhar não havia misericórdia mas humano reconhecimento – e, como se as duas lealdades se encontrassem, olharam-se limpos nos olhos. Que aos poucos foram se enchendo de alguma coisa mais pessoal. Não era ódio – era um amor ao contrário, e ironia, como se ambos desprezassem a mesma coisa.

Para a sua própria desvantagem, o lugar era bonito demais, e para a sua própria desvantagem ele estava se sentindo bem – o que lhe tirava da percepção a sua principal utilidade de luta.

Não havia como não aceitar o que acontecia pois para tudo o que pode acontecer um homem nascera.

Como um homem que alcança, ali estava ele exausto, sem interesse nem alegria. Estava envelhecido como se tudo o que lhe pudesse ser dado já viesse tarde demais.

Tinha uma qualidade de cujo gozo não usufruía porque essa qualidade era ele próprio – uma qualidade a que, em determinadas circunstâncias favoráveis, poucas mulheres resistiriam: a da inocência.

Parecera-lhe, com muita inteligência, que o único modo de não cair no chão seria ficar parado, e que seria estratégico deixar os acontecimentos lhe sucederem.

Ele respeitava na mulher a força com que esta não o deixava ser nada mais nem nada menos do que ele era.

Então, sem se dar conta de que o espiava cruamente, a mulher descobriu fascinada que ele não ria. Era o rosto que tinha uma expressão apenas física de malícia, independente de qualquer que fosse seu pensamento – assim como um gato às vezes parece rir.

E estava ali em pé numa exposição completa de si mesmo, num silêncio de cavalo em pé.

Numa perversão de alguma lei sagradamente admitida, aquele homem não se dava por óbvio. E sua cara tinha uma sabedoria física horrivelmente secreta como a de um puma quieto. Como um homem que só não violentou em si o seu último segredo: o corpo. Ali estava ele, totalmente à tona e totalmente exposto. O que havia de unicamente inteiro nele,

remotamente reconhecível pela mulher naquele instante de estranheza, era a barreira final que o corpo tem.

Mas a verdade mesmo é que aquele homem não parecia pensar em nada – constatou então com mais calma. Na cara dele havia permanecido a estremecível sensibilidade que o pensamento dá a um rosto: mas ele não pensava em nada. Talvez tivesse sido isto o que a horrorizava.

Não ter carinho por si mesmo era o começo de uma crueldade para com tudo.

Com uma desagradável clareza que não pôde ocultar de si por mais tempo, a mulher percebeu que o homem não procurara lhe dar a menor garantia nem lhe prometera nada.

Um dia, cuidando com mãos hábeis de um cachorro ferido – este perdera os sentidos. E ela, sentindo no regaço o inesperado peso total do cão, erguera os olhos solitária e responsável junto daquele corpo sem alma que era agora inteiramente dela, como um filho.

Era um rosto de quem fez da própria desistência uma arma e um insulto para os outros.

Fora uma infância de doença o que fizera aquela moça se desenvolver na sombra?

Só aos viciados não escapavam as secretas delícias do vício.

Estivera tão sozinha com ele, tão desamparada com um homem a correr atrás dela, que então se jogara nos braços dele.

Seu carrasco teria que ser o seu apoio.

Se uma pessoa se aproximasse de mim com uma foice, eu aproximaria o pescoço para que quem me matasse pelo menos não fosse meu inimigo.

Se não desse magnificência ao mundo estaria perdida.

O que sabia já se tornara tão vasto que mais parecia uma ignorância.

De qualquer modo no corpo que se passam as coisas!

Sei de tudo, e tudo o que sei envelheceu na minha mão e se tornou um objeto.

Por um instante o perfume das rosas deu doçura e meditação às duas mulheres.

As flores assombram o jardim?

A mulher ruim olhou a doçura com que a noite vinha, úmida e cheia, esse modo como em certa hora o mundo nos ama.

O que tem que ser, tem muita força.

Do longe veio-lhe o cheiro das vacas, o que sempre nutre de enlevo uma pessoa.

O homem não antecipou nada: viu o que viu. Como se olhos não fossem feitos para concluir mas apenas para olhar.

Pareceu-lhe que no grande silêncio ele estava sendo saudado por um terreno da era terciária, quando o mundo com suas madrugadas nada tinha a ver com uma pessoa; e quando, o que uma pessoa poderia fazer, era olhar. O que ele fez.

O terreno fora provavelmente uma tentativa, por fim abandonada, de jardim ou horta. Percebiam-se restos de um trabalho e de uma vontade. Certamente haviam alguma vez tentado estabelecer ali ordem inteligível. Até que a natureza, antes expulsa pelo plano de ordem, voltara sorrteiramente e lá se instalara. Mas em seus próprios termos.

Seu grande silêncio não era apatia. Era uma profunda sonolência em guarda, e uma meditação quase metafísica sobre o próprio corpo, no que ele parecia estar atentamente imitando as plantas de seu terreno.

Se sua compacta ausência de pensamento era um embotamento – era o embotamento de uma planta. Pois como uma planta, ele estava alerta a si mesmo e ao mundo, com aquela mesma tensão delicada com que a grossa planta é planta até as suas últimas extremidades, com aquela delicada tensão com que a planta cega sente o ar onde suas duras folhas se engastam.

Não há um fato que não se ligue a outro, e sempre há uma grande coincidência nas coisas.

Essa suavidade que sem um homem era tão gratuita como uma flor e, como uma flor, parecia se dar ao nada, e o nada era a morte espalhada com tal sutileza que até parecia vida.

Meditar era olhar o vazio.

Era alguma coisa que seria amor ou não seria. Caberia a ela, entre milhares de segundos, dar a leve ênfase de que o amor apenas carecia para ser.

E somente então percebeu que agora era tarde demais, que só poderia amá-lo. Dolorosamente, altivamente, perdera para sempre a possibilidade de resolver. Com alívio, como quando é tarde demais. Um segundo antes

ainda poderia não amá-lo. Mas agora, suavemente, vaidosamente: nunca mais. No mesmo instante teve uma sensação de tragédia.

A dor ficara na carne como quando a abelha já está longe. A dor, tão reconhecível, ficara. Mas para suportá-la fomos feitos.

A necessidade de destruir amor era o próprio amor porque amor é também luta contra amor.

Escolhera ir de encontro ao fatal. Era a gravidade pela qual esperara a vida toda.

Lá nenhuma planta sabia quem ele era; e ele não sabia quem ele era; e ele não sabia o que as plantas eram; e as plantas não sabiam o que elas eram. E todos no entanto estavam tão vivos quanto se pode estar vivo: esta provavelmente era a grande meditação daquele homem. Assim como o sol brilha e assim como o rato é apenas um passo além da grossa folha espalmada daquela planta – esta era a sua meditação.

Foi, pois, com o prazer mais legítimo da meditação que ele numa tarde se lembrou, sem mais nem menos, de que “existem búfalos”.

O que deu grande espaço ao terreno, pois búfalos se movem devagar e longe.

Não estava triste. O que era estar enfim livre de todo um dever moral de ternura.

Só Deus não tem nojo.

Não escaparia de sentir, com horror e alegria impessoal, que as coisas se cumprem.

Em júbilo trêmulo, o homem sentiu que alguma coisa enfim acontecera. Deu-lhe então uma aflição intensa como quando se é feliz e não se tem em que aplicar a felicidade, e se olha ao redor e não há como dar esse instante de felicidade.

Ela temia que quanto mais poderosa fosse, tanto mais teria que se ver livre da própria força.

Algo lhe dizia que ninguém podia morrer sem antes resolver a própria morte.

Ela era mesquinha: não perdoava a morte.

Era amor, sim. Tanto que se o homem aparecia ao longe com a enxada – então – então acontecia isso: lá estava ele!

Era pungente sentir a força do homem nas palavras, uma força imóvel e contida – e no entanto toda ali diante dela como uma fruta que daquele ponto em diante só poderia murchar.

A menina se esquivava aos tapas, aprendendo sem ressentimento que assim era, e que mãe era aquela força que ria alto e que sem vingança batia, e ser filha era pertencer àquela mãe onde o vigor ria.

Mas agora, tirada das coisas a camada de palavras, agora que perdera a linguagem, estava enfim em pé na calma profundidade do mistério.

Acabara de aprender isso com aquela mulher: a ficar de pé tendo um corpo.

Se um homem tocasse uma vez a escuridão, oferecendo-lhe em troca a própria escuridão – e ele a tocara – então os atos perderiam o erro, e ele poderia talvez um dia voltar para a cidade e se sentar num restaurante com

grande harmonia. Ou escovar os dentes sem se comprometer. Um homem tinha uma vez que desistir. E só então poderia viver, como ele agora vivia, na latência das coisas.

Era como se aquele homem já não contasse mais a vida em dias nem em anos. Mas em espirais tão largas que ele já não poderia vê-las assim como não via a larga linha de curvatura da terra. Havia algo que era essência gradual e não para se comer de uma vez.

“Afiml seu crime tinha apenas o tamanho de um fato” – e o que ele queria dizer com isso, não sabia.

O desejo de ter mulheres renasceu com calma. Ele o reconheceu logo: era uma espécie de solidão. Como se seu corpo por si mesmo não bastasse.

Mulher é mais que o amigo de um homem, mulher era o próprio corpo do homem.

O homem sentiu seu trabalho tornar-se suave como se as suas marteladas tivessem agora um contraponto, e a moça fosse a repercussão de um homem enchendo a distância.

Os corpos solitários de ambos estavam tendo um tácito mútuo entendimento assim como concordam corpos com o mesmo último destino.

Pela primeira vez estava presente no momento em que acontece o que acontece.

Lembrou-se de que este é o lugar-comum onde um homem pode enfim pisar: querer dar um destino ao enorme vazio que aparentemente só um destino enche.

Por um instante somos a quarta dimensão do que existe.

Se em um instante se nasce, e se morre em um instante, um instante é bastante para a vida inteira.

Este seria um ato gratuito sem o peso perfeito de fatalidade que o desejo de corpo dá.

Nele, ela viu ele.

O homem escolheu concluir que é este o gesto humano com que se alude: apontar.

Uma sensação inquietante de beleza: quando alguma coisa parece dizer alguma coisa e há aquele encontro obscuro com um sentido.

Afinal uma pessoa se mede pela sua fome – não existe outro modo de se calcular.

Sabia que ainda era cedo para deixar de mentir e deixar de encantá-lo. Sabia que era cedo para se mostrar a ele, e que poderia afugentá-lo se fosse verdadeira, as pessoas tinham tanto medo da verdade dos outros.

O senhor por acaso consegue não pensar no que pensa?

O homem então perceberia quanto ela precisava dele, e por isso não a quereria mais, como acontece com as pessoas.

Seu trabalho junto ao homem foi sempre tão delicado, e exigiu tanta precisão, que ela não o saberia fazer se apenas o decidisse ou se lhe mandassem fazê-lo. Era um labor de infinita cautela, onde um passo mais e o homem jamais a amaria, onde um passo a mais e ela mesma talvez

deixasse de amá-lo: ela protegia ambos contra o erro. E às vezes mais parecia proteger ambos contra a verdade.

Sou tão bobinha que o senhor nem pode imaginar! Disse-lhe como se lhe promettesse todo um futuro de atraente bobagem que ele perdia apenas porque queria.

Não se dá um grito de alegria quando uma criança começa a andar para que esta não pare assustada por meses.

Bastava ele se lembrar de como um boi fica de pé no morro. Olhando. Essa coisa objetiva como um ato: olhar.

Às vezes também um cachorro olha, embora rápido e logo em seguida inquieto, pois um cachorro não tem tempo, ele precisa muito de carinho e é nervoso, e tem um sentimento aflito do tempo que passa, e tem nos olhos o peso de uma alma intransmissível, só o amor cura um cachorro.

Acontece que aquele homem, por circunstâncias casuais, estava mais perto da natureza do boi, e olhava. Se é verdade que se lhe perguntassem para que, não saberia responder, é também verdade que se uma pessoa fizesse apenas o que entende, jamais avançaria um passo.

Pode-se dizer que nada acontecia enquanto ele estava na encosta. E nem ele exigia ainda que algo acontecesse. Parecia bastar-lhe a tarde de luz rasgada, o ar nu e o espaço vazio. Até mesmo uma palavra pensada afundaria o ar. Ele se abstinha. Ali, existir já era uma ênfase.

Aos poucos o ar se adensou, os sentimentos começaram enfim a mostrar sua natureza pouco divina, um desejo profundamente confuso de ser amado misturou-se ao cheiro humano da noite, e um vago suor começou a porejar, espalhando seu cheiro bom e ruim de terra e de vacas e de rato e

de axilas e de escuridão – esse furtivo modo como aos poucos tomamos conta da terra: tínhamos enfim criado um mundo e tínhamos lhe dado a nossa vontade.

E um passo era dado para a frente, às cegas, finalmente às cegas como é o avanço de uma pessoa no querer.

Um homem que andou muito tem o direito de ter um prazer inexplicável.

Aprendera a contar com o amadurecimento do tempo, assim como as vacas disso vivem taticamente.

Agora parecia entender que não se podia brutalizar o tempo, e que o largo movimento deste era insubstituível por um movimento voluntário.

Repetir lhe parecia essencial. Cada vez que se repetia, algo se acrescentava.

Executara o seu primeiro ato de homem. Sim. Corajosamente fizera o que todo homem tinha que fazer uma vez na sua vida: destruí-la.

Tivera a coragem de jogar profundamente. Um homem um dia tinha que arriscar tudo.

Ele queria isto: reconstruir. Mas era como uma ordem que se recebe e que não se sabe cumprir. Por mais livre, uma pessoa estava habituada a ser mandada, mesmo que fosse apenas pelo modo de ser dos outros.

Sua obscura tarefa seria facilitada se ele se concedesse o uso das palavras já criadas. Mas sua reconstrução tinha de começar pelas próprias palavras, pois palavras eram a voz de um homem.

Pensou, de repente recuperando a antiga inteligência voraz da fuga, e de um instante para outro dominado por uma esperteza de raciocínio que

ultrapassou o seu poder normal, como se agora ele fosse capaz de perder o peso do corpo, rastejar baixo e se confundir com as sombras da parede.

Ela adivinhara. Adivinhara tão longe quanto se podia adivinhar sem saber.

Tinha que possuir tudo antes do fim e tinha que viver uma vida inteira antes do fim.

Ficou calmo. Não porque estivesse calmo: na verdade seu corpo tremia. Mas porque, de agora em diante, e a começar deste próprio instante, ele teria que ser calmo e incrivelmente astuto para conseguir se acompanhar e acompanhar a rapidez com que teria que agir. Tinha que ser calmo. Agora que alcançara na montanha a própria grandeza – a grandeza com que se nascia.

De que modo ser objetivo? Porque se uma pessoa não quisesse errar – e ele não queria errar nunca mais – terminaria prudentemente se mantendo na seguinte atitude: “não há nada tão branco como o branco”, “não há nada tão cheio de água como uma coisa cheia de água”, “a coisa amarela é amarela”. O que não seria mera prudência, seria exatidão de cálculo e sóbrio rigor. Mas aonde o levaria? porque afinal não somos cientistas.

O trabalho era este: ser objetivo. O que seria a experiência mais estranha para um homem.

Seu plano era tão facilmente escapável à sua própria percepção, tão fino no meio de sua força apenas grosseira, que ele teve medo de que o instinto não o socorresse e que, como recurso desesperado, ele se tornasse inteligente.

Por enquanto não passava ainda de uma coisa vaga que queria perguntar, perguntar e perguntar – até que pouco a pouco o mundo fosse se

formando em resposta.

Que uma criança começasse a chorar para ele poder ser bom para ela. É que estava desamparado e sentia necessidade de dar, que era a forma como uma pessoa desajeitada sabia pedir.

Aquele que perde a sua vida, ganha a sua vida.

De agora em diante já não lhe era mais permitido sequer interromper-se com uma pergunta – “para que quero tanto” – qualquer interrupção poderia ser fatal, e ele não só correria o risco de perder a velocidade como o equilíbrio.

O crescimento é cheio de truques e de autoludíbrio e de fraude; poucos são os que têm a desonestidade necessária para não se enjoar.

Oh, bem foi avisado que se se explicasse ninguém entenderia, pois explicando como é que um pé segue o outro ninguém reconhece o andar.

Aquele homem já aceitara a grande contingência.

Os galos corriam, às vezes abriam as asas, as galinhas sem ocupação dos ovos eram livres, tudo isso era a própria manhã e quem não fosse rápido a perderia – a objetividade era um vertiginoso relance.

Havia um gosto e uma beleza em uma pessoa se perder.

A seu favor tinha o fato de que não entender era o seu limpo ponto de partida.

Pois olhou para o campo vazio e pareceu-lhe que remontara à criação do mundo. No seu pulo para trás, por um erro de cálculo tinha recuado demais – e por um erro de cálculo pareceu-lhe que se colocara

inconfortavelmente em face da primeira perplexidade de um macaco. Como macaco, pelo menos seria suprido pela sabedoria que faria com que ele se coçasse e com que o campo fosse gradualmente alcançável aos saltos. Mas ele não tinha os recursos de um macaco.

Teria começado excessivamente pelo começo? E depois acontece que, apesar de seu heroísmo, havia uma questão prática: ele não tinha tempo material de começar de tão longe. Já era pouco o tempo que lhe restava para percorrer o que lhe levava quase quarenta anos para andar; e não só para percorrer de um modo novo o caminho já andado, mas para fazer o que não pudera fazer até então: atingindo a compreensão, ultrapassá-la aplicando-a. Já para isso era pouco o tempo. Quanto mais para começar, por assim dizer, do nada! No entanto, se quisesse ser leal para com a própria necessidade, não poderia enganá-la: tinha que começar pelo começo primeiro.

Em um minuto, ele não tivera medo de ser grande; e sem pudor, em um minuto, aceitara, como sendo seu, o papel de homem.

Até hoje tudo o que vira fora para não ver, tudo o que fizera fora para não fazer, tudo o que sentira fora para não sentir. Hoje, que se rebentassem seus olhos, mas eles veriam.

Ele que nunca tinha encarado nada de frente. Poucas pessoas teriam tido a oportunidade de reconstruir em seus próprios termos a existência. *À nous deux*, disse de repente interrompendo o trabalho e olhando. Porque era só começar.

Já na sua primeira visão um passarinho não cabia. Tudo lhe fora dado, sim. Mas desmontado e aos pedaços. E ele, com peças sobrando na mão, não pareceu saber como montar a coisa de novo. Tudo era dele para o que quisesse fazer. No entanto a própria liberdade o desamparava. Como se

Deus tivesse atendido demais o seu pedido e lhe entregasse tudo. Mas tivesse ao mesmo tempo se retirado.

Perguntou-se embaraçado: que faço de um passarinho cantando?

Dois-e-dois-são-quatro é o grande pulo que um homem pode dar?

O que lhe valeu é que ele tinha a teimosia dos que, não sendo bastante previdentes para enxergar a dificuldade, não veem obstáculos.

Teve um pensamento mais ou menos assim: se a história de uma pessoa não seria sempre a história de seu fracasso. Através do qual... o quê? Através do qual, ponto.

Gradualmente passaria a compreender tudo, desde uma mulher que lhe perguntara durante anos “que horas são” até o sol que se erguia todos os dias e as pessoas então se levantavam da cama, compreender a paciência dos outros, compreender por que uma criança era o nosso investimento e a seta que disparamos.

Por enquanto estava se moldando, e isso é sempre lento.

Estava dando forma ao que ele era, a vida se fazendo era difícil como arte se fazendo.

Só a ambição persistente fazia com que ele não visse obstáculo num caminho que, pela graça da estupidez, lhe era fácil.

Já chegara a aceitar que cada momento não tivesse força em si mesmo, começara a contar com a força acumulativa do tempo – “o decorrer de muitos momentos levá-lo-ia aonde ele queria chegar”.

E não havia uma brecha por onde entrar no que lhe pertencia.

Tudo era um prolongamento suave de tudo, o que existia unia-se ao que existia.

Quando não se entendia, tudo se tornava evidente e harmonioso, a coisa era bastante explícita.

Tinha dificuldade de compreender aquela evidência de sentido, como se tivesse que divisar uma luz dentro de uma luz.

Se você se purificou, o caminho se torna longo. E se o caminho é longo, a pessoa pode esquecer para onde ia e ficar no meio do caminho olhando deslumbrado uma pedrinha ou lambendo com piedade os pés feridos pela dor de andar ou sentando-se um instante só para esperar um pouquinho. O caminho era duro e bonito; a tentação era a beleza.

Uma coisa insidiosa começara a roer a viga mestra. E era algo com o qual Martim não contara. É que ele começava a amar o que via.

Amava o vento áspero, amava o seu trabalho nas valas. Como um homem que tivesse marcado o grande encontro de sua vida e jamais chegasse porque se distraísse lesando examinando folhinhas verdes. Era assim que ele amava e se perdia.

Agora que criara com suas próprias mãos a oportunidade de não ser mais vítima nem algoz, de estar fora do mundo e não precisar mais perturbar-se com a piedade nem com o amor, de não precisar mais castigar nem castigar-se – inesperadamente nascia o amor pelo mundo. E o perigo disso é que, se não tomasse cuidado, ele teria desistido de ir adiante.

Uma outra coisa acontecera, tão importante e grave e real como a tristeza ou a dor ou a cólera: ele estava contente.

Martim estava contente. Não previra esse obstáculo a mais: a luta contra o prazer.

Sou um homem que tira leite das vacas.

Se ele não tomasse cuidado, se sentiria dono. Se não tomasse cuidado, uma árvore mais alta o faria se sentir completo, e um prato de comida o compraria no momento de sua fome, e ele se agregaria a seus inimigos que eram comprados pela comida e pela beleza.

Inquieto, ele se sentia culpado se não transformasse, pelo menos com o pensamento, o mundo em que vivia. Martim estava se perdendo. “Houvera mesmo uma finalidade?” Agora já lhe acontecia ter uma vaidade admirativa e benevolente em relação a suas “escapadas”, e visualizar-se como um grande cavalo que temos em casa e que de vez em quando dá suas voltas fantásticas por aí, impunemente livre, guiado pela beleza da contenção de espírito que equivale ao modo como o nosso corpo não se desagrega. Exercícios de viver.

Foi com austeridade que ele venceu o gosto que tinha pela harmonia oca.

Seu estado de trabalho consistia em tomar uma atitude besta de pureza e vulnerabilidade. Aprendera a técnica de ficar vulnerável e alerta, com cara de idiota. Não era nada fácil, até muito difícil. Até que – até que atingia certa imbecilidade de que precisava. Como ponto de partida, criava para si uma atitude de pasmo, tornava-se indefeso, sem nenhuma arma na mão; ele que não queria sequer usar instrumentos; queria ser o seu próprio instrumento, e de mãos nuas.

Essa tentativa de inocência o levava a uma objetividade, era à objetividade de uma vaca: sem palavras.

“É preciso também não me forçar a ser mais burro do que sou”, pois também não havia lá tantas vantagens em ser imbecil, era preciso não esquecer que o mundo também não era só dos imbecis. Tomou, pois, como novo método de trabalho, o caminho oposto e assumiu uma atitude resoluta que lembrava um desafio. Essa atitude não foi difícil ter. Porém mais que ela, não conseguiu – e todo disposto como um homem que se embala para uma corrida de um quilômetro e esbarra com o fato de ter apenas dois metros para correr – ele desinchou desapontado. Revelou-se que a atitude de deixar de ser imbecil fora tarefa acima de sua capacidade real de deixar de sê-lo.

Perdera o estágio em que tivera a dimensão de um bicho, e no qual a compreensão era silenciosa assim como uma mão pega uma coisa.

Perdera aquele momento quando, no alto da encosta, só lhe faltara mesmo a palavra – tudo estivera tão perfeito e tão quase humano que ele dissera a si mesmo: fala! e só faltara a palavra.

Mesmo aos recuos, ele sentia que avançava.

Havia uma resistência tranquila em tudo. Uma resistência imaterial como tentar lembrar-se e não conseguir. Mas assim como a lembrança estava na ponta da língua, assim a resistência parecia prestes a ceder. Foi assim que, na manhã seguinte, ao abrir a porta do depósito à frescura da manhã, ele sentiu a resistência cedendo. O ar da manhã limpa estremecia nos arbustos, a xícara rachada de café ligou-se à manhã sem névoa, as folhas das palmeiras luziam escuras; a cara das pessoas estava avermelhada pelo vento como a de uma nova raça andando pelo campo; todo o mundo trabalhando sem pressa e sem parar; a fumaça amarela saía do fundo da cerca. E, por Deus, isso tem que ser mais que a grande beleza, tinha que ser. Então, com escrúpulos, a resistência cedendo, ele quase compreendeu. Com escrúpulos como se não tivesse direito de usar certos processos. Como

se estivesse compreendendo alguma coisa inteiramente incompreensível assim como a Santa Trindade, e hesitasse. Hesitasse porque soubesse que depois de compreender, seria de algum modo irremediável. Compreender podia se tornar um pacto com a solidão.

“Como se impedir de compreender, se uma pessoa sabe tão bem quando uma coisa está ali!”, e a coisa estava ali, ele sabia, a coisa estava ali. “Sim, assim era, e havia o futuro.” O largo futuro que tinha começado desde o começo dos séculos e do qual é inútil fugir, pois somos parte dele, e “é inútil fugir porque alguma coisa será”, pensou o homem bastante confuso. E quando for – oh como poderia ele se explicar diante de uma manhã tão inocente? – “e quando for, então será.”

Então, de algum modo satisfeito, tomou uma atitude oficial de meditação. Ele meditou, enquanto olhava a manhã no campo. E quem há de jamais responder por que borboletas num campo alargam em compreensão obscura a vista de um homem?

Alcançou enfim um estado, pulando como um herói por cima de si mesmo. E foi assim que, por meios impossíveis de se recapitular, ele terminou finalmente por se livrar do começo dos começos – onde por inépcia se enganchara tanto tempo. Uma fase se encerrara, a mais difícil.

Seus olhos tinham a expressão que os olhos têm quando a boca está amordaçada.

Quando ela era menina, por pura tendência à sutileza e à fraqueza, dissera a um menino de quem gostara: “vou lhe dar uma pedra que encontrei no jardim” – e ele entendera que ela gostava dele, tanto que lhe dera em troca uma caixa de fósforos com um biscoito dentro.

Era sem nenhuma exclamação de horror que, consigo mesma, ela encarava a crueza simples com que desejava ter para si aquele homem. Talvez sua delicadeza, incompreensível para outras pessoas, viesse da própria delicadeza de seus motivos de desejá-lo. Seus motivos de desejá-lo eram os de uma mulher que deseja amor – o que lhe parecia terrivelmente sutil. E como se não bastasse esse motivo estranho, ela o entrelaçara com um motivo mais sutil ainda: o de se salvar – que é certo ponto que o amor às vezes atinge.

Como não compreendia os outros, também não lhe ocorria ser compreendida.

Seu processo de viver simplesmente não lhe dava o que ela queria. E o resultado é que ela involuntariamente parecia pura sem, no entanto, sequer desejar sê-lo. Somente para evitar a grosseria de se tornar clara. Ela, por exemplo, jamais confessara a um padre que tinha medo de morrer; em vez disso dissera-lhe cheia de intenções e com grande refinamento de alusão: “acho tão mais bonito uma pedra que um passarinho” – com isso talvez quisesse dizer, quem sabe, que uma pedra lhe parecia mais próxima da vida que o passarinho que no seu voo lhe lembrava a morte, o que, naturalmente, significaria que ela tinha medo de morrer. O padre não entendera, e ela saíra inconfessada, espantada por não ter tido uma resposta. Havia anos aquela moça não tinha a satisfação de um sucesso.

Olhe esta samambaia! disse ela para o homem porque uma pessoa não pode dizer “eu te amo”.

Olhou a quente cara de um homem, e a força naquela moça era tão pouco frágil como a força de uma mulher, mas ela falara em samambaias e o homem não entendera, e a cara deste continuara simples e inalcançável. E a moça começou a se desesperar porque agora já começara a se convencer de que não era falando sobre samambaias que se chamava um homem. Ela

não sabia como chamá-lo e se debatia na urgência vazia que o homem, a martelar, lhe comunicava.

Habituar-se a considerar como imateriais “as coisas de espírito” e não tinha uma ideia muito clara de espírito, e parecia-lhe que agora lhe estava acontecendo alguma coisa mais ou menos de espírito – e nessas coisas a pessoa nunca sabia ao certo se falhara ou não, era uma questão de pensar de um modo ou de outro.

Tinha aquele aviso íntimo de que não falharia: de que ia tocar num dos pontos vulneráveis da vida com mão certa, apesar do tremor. Esse tremor que vinha da importância daquele momento que era enfim – enfim – insubstituível por outro qualquer. Poucas vezes na vida ela tivera a oportunidade de se defrontar com o que não é substituível. “Enfim vou viver”, se disse ela. Mas a verdade é que isso mais parecia uma ameaça.

Ajeitava os cabelos, como se um penteado determinado fosse indispensável, fazia uma boca pequena e uns olhos grandes como num desenho de mulher inocente e amada, recriando com muita emoção os amores célebres. Enquanto por dentro desfalecia perplexa. É que sabia que estava arriscando muito mais do que superficialmente parecia: estava jogando com o que seria mais tarde um passado para sempre indevassável.

Que ia lhe dizer? Assim: “o destino é uma coisa muito curiosa”. Ela lhe diria isso. Não porque fosse uma criatura artificial mas porque, por uma experiência já não mais diferenciada em fatos, terminara por saber que “pelo menos com ela” a naturalidade não dava certo. Quando contava com a naturalidade, não era a verdade que saía. Naturalidade era para quem tivesse um tempo ilimitado que desse oportunidade a que eventualmente certas palavras terminassem por ser ditas. Mas quem tinha o tempo de uma vida apenas, teria que condensar-se com arte e truques.

Morria de medo de passar sua vida inteira sem ter oportunidade de dizer certas coisas que já não lhe pareciam importantes, mas delas lhe ficara a obstinação de um dia dizê-las.

Sabia que na hora as coisas pareciam certas e depois não pareciam mais.

Não existia essa coisa de não ter nada a perder. O que existia era alguém que arrisca tudo; pois embaixo do nada e do nada e do nada, estamos nós que, por algum motivo, não podemos perder.

Olhos veem muito mais que nós.

Foi então que lhe pareceu, numa sensação súbita de grande mal-estar, que o mundo é maligno. Que dava, sim, mas que dizia ao mesmo tempo: “depois não venha me dizer que não lhe dei”. A coisa não era dada na base da amizade mas da hostilidade.

A esse instante raro – em que “ainda não aconteceu”, “ainda vai acontecer”, “quase já aconteceu” – ela chamou, num esforço de compreensão, de “o instante antes do homem aparecer”. Dando um título, estava tentando aplacar o mundo.

Pelo que estava sentindo, calculou que devia estar com o rosto feio e avermelhado, lamentou profundamente não ter uma beleza que correspondesse ao instante em que ia ser de um homem. Essa cara não é minha! revoltou-se ela, essa cara não sou eu. No desespero de talvez não ser aceita por um homem tão mais elegante que ela e tão mais homem que ela, de novo tentou fazer os olhos maiores e a boca em coração. Na sua opinião eles não faziam “belo par”, e essa ideia não só não lhe saía da cabeça como a incomodava a um ponto de ter de conter as lágrimas: parecia-lhe que a natureza não os sancionava. O dia estava tão bonito que aumentou a sua desgraça.

Como imaginar um ser que não precisasse de nada? era monstruoso.

“Não quero progredir”, disse teimosa, lembrando-se da frase de um espírita que queria muito o progresso. Mas que sobraria dela, com o despojamento do progresso? sobraria todo um corpo, sobrariam os desejos, e tanta poeira. Que faria sua alma liberta, sem um corpo onde existir? Doeria nas janelas até que as pessoas vivas dissessem: que dia de vento. E no verão ela seria o mal-estar das noites presas dentro dos jardins.

Oh, e se fosse para ser mal-assombrada – se é que esperavam que o fosse, e ela não sabia ao certo o que esperavam dela – então precisaria pelo menos de uma casa inteira, e de mais de um andar, calculou com minúcia. E que as portas se abrissem pela sua ausência de mão, que os passos soassem pela sua falta de pés – mas... mas tudo isso apenas acionado pela memória?

Uma vaga de poder e de calma e de escuta passou pelos músculos do homem, e um homem andando ao sol é um homem com um poder que só o que vive conhece.

No desejo de não mentir ela lhe diria: eu não te amo. Mas parecia saber algo mais: que o amava, que o amava. Só que era como se as coisas do mundo não fossem feitas para nós, só que era como se tivéssemos que transigir com aquilo para o qual no entanto nascemos, só que de súbito era como se o amor fosse a desesperada forma canhestra que o viver e o morrer tomam, só que era como se até mesmo nesse momento o absoluto nos desamparasse; e a verdade para sempre intransmissível que havia no seu coração era o peso com que amamos e não amamos. E no entanto, para isto tudo, a solução era exatamente o amor. “Não me ofenda”, pensou ela olhando-o, menos para se proteger do que para salvar o que ambos criariam quase fora deles mesmos e que se ofereciam então a ambos.

Só soube que o amava quando o homem deu um passo e ela pensou que ele estava indo embora. Num susto, estendeu uma mão para retê-lo. E compreendeu que se ele fosse embora, ela não suportaria. Viu então que a verdade é que ela o queria. Quanto ao resto – quanto a tão claramente não querê-lo – ela se resignou a não entender. Então sorriu para ele, bajuladora, sem esperança.

Oh Deus! disse ela chorando, quero dizer que você é um homem e eu não sou um homem, mas é assim mesmo!

Quando um homem e uma mulher estão perto e a mulher sente que ela é uma mulher e o homem sente que ele é um homem – isso é amor?

Às vezes as pessoas se sentem assim sozinhas e com a pergunta, mas não dói.

Na desordem de um primeiro encontro houve um momento em que os dois, enfim esquecidos do que penosamente queriam copiar para a realidade, houve um momento não preparado por ambos, dom da natureza, em que ambos precisaram saber por que o outro era o outro, e se esqueceram de dizer “por favor”; um momento em que, sem um injuriar o outro, cada um tomou para si o que lhe era devido sem que um roubasse nada do outro, e isso era mais do que eles teriam ousado imaginar: isso era amor, com o seu egoísmo e sem este também não haveria dádiva.

Ela não sabia o que lhe dar, ela se lembrou de mães que dão aos filhos, e ela não se sentia maternal com aquele homem, mas com a grande força do irrazoável também queria lhe dar, somente para enfim ultrapassar o que se pode e enfim quebrar o grande mistério de se ser apenas um. Ela lhe deu seu pensamento inteiramente vazio dentro do qual estava ela toda.

No querer dar, mais do que no se dar, algo se fizera: ela ganhara o mínimo destino de que também o breve inseto precisa.

Obrigada por você ser real.

Obrigada por eu gostar de você.

O homem não captou, e só piscou os olhos. Depois, como se tivesse tido tempo de sentir melhor, balançou a cabeça assentindo, já que ela se encarregara por um instante do destino de ambos.

Respirou profundamente como se até agora tivesse sido amordaçado. É que era doce e poderoso um homem sair e uma mulher ficar.

Iniciado como um homem que vive. Mesmo que não tivesse tempo de ser mais do que um homem que vive.

Se ele ficasse preso numa cela com apenas um fio de capim na mão, nesse fio de capim estava tudo o que um campo inteiro lhe poderia dizer.

E com o filho, o amor pelo mundo o assaltara. Ele agora se comovia muito com a riqueza do que existe, se comovia com ternura para consigo mesmo, tão vivo e potente que ele era! tão bondoso que ele era! forte e musculoso! “sou uma dessas pessoas que compreendem e perdoam!”, era isso mesmo o que ele era, sim, emocionado, com saudade do filho. O sol parado ia se aprofundando cada vez mais dentro dele, o amor por si mesmo deu-lhe uma grandeza que ele não pôde mais conter e que lhe tirou o resto do pudor.

É que tudo estava tão perfeito que ele sobrava.

A profunda misericórdia transformada em ação. Porque, assim como Deus escrevia direito por linhas tortas, mesmo através dos erros da ação correria

a grande piedade e o amor.

Uma pessoa tinha essa capacidade estranha: a de ter piedade de outro homem, como se ele próprio fosse de uma espécie à parte.

De pensamento monstruoso a pensamento monstruoso, ele calculou com lucidez que se obtivesse um novo modo de amar o mundo, o transformaria de algum modo. A coisa mais importante que podia acontecer em terra de homens – não era o nascimento de um novo modo de amar? o nascimento de uma compreensão?

Embebedado de si mesmo, arrastado pela insensatez a que podia levar o pensamento lógico, ele pensou com tranquilidade o seguinte: se conseguisse esse modo de compreender, ele mudaria os homens. Sim, não teve vergonha desse pensamento porque já arriscara tudo. “Mudaria os homens, mesmo que demorasse alguns séculos”, pensou sem se entender. “Será que sou um pregador?”, pensou meio encantado. Acontecia porém que pelo menos por enquanto ele não tinha propriamente o que pregar – o que o embarçou um instante. Mas só por um instante: porque daí a um momento ele estava de novo tão cheio de si que dava gosto.

O resto de prudência então caiu, e sem nenhuma vergonha ele pensou mais ou menos o seguinte: mesmo que ele falasse de seu “descortinar” a uma pessoa apenas, esta pessoa contaria a outra, como numa “cadeia de boa vontade”. Ou então – pensou ele desenvolto – essa pessoa transformada pelo conhecimento seria percebida por outra, e esta outra por outra, e assim por diante. E no ar haveria aos poucos a sub-reptícia notícia assim como a moda se espalha sem que ninguém tenha sido obrigada a segui-la.

“Ele viveu assim”, diria uma pessoa a outra como a senha esperada. “Ele viveu assim”, correria o boato.

Sua urgência era tranquila. Não uma urgência que o fizesse querer pular etapas, mas urgência igual à da natureza: sem um instante perdido, quando a própria pausa era um avanço.

Estremecimentos formam a vastidão do silêncio e o silêncio caminha.

Ofereço isto que senti em homenagem à minha mãe.

Tomar cuidado para não ficar vago, o que era tentação legítima – mas se uma pessoa não se especializava, se perdia facilmente, como se diz de médicos.

Muito difícil ser global e no entanto manter uma forma.

O campo nada mais era que um depósito maior onde mil árvores tinham espaço para se perderem na distância, o mundo era um lugar. Só isso. E o campo perdera o ilimitado.

Teve uma ideia excelente que se provaria o contrário de excelente. Na verdade mais tarde o homem comparou a excelência da ideia e a subsequente desilusão com uma fruta redonda que alguma vez comera – uma romã – e que aos dentes se provaria oca. O que lhe dera, como único prêmio, um instante de absorta meditação e um contato com a experiência.

Assim como aprendera a calcular com números, dispôs-se a calcular com palavras.

Era agora um homem lento e aplicado, com o rosto que uma mulher tem ao enfiar a linha na agulha.

Para escrever era preciso começar por se abster da força e apresentar-se à tarefa como quem nada quer.

O homem parecia ter desapontadamente perdido o sentido do que queria anotar. E hesitava, mordida a ponta do lápis como um lavrador embaraçado por ter que transformar o crescimento do trigo em algarismos. De novo revirou o lápis, duvidava e de novo duvidava, com um respeito inesperado pela palavra escrita. Parecia-lhe que aquilo que lançasse no papel ficaria definitivo, ele não teve o desprazer de rabiscar a primeira palavra. Tinha a impressão defensiva de que, mal escrevesse a primeira, e seria tarde demais. Tão desleal era a potência da mais simples palavra sobre o mais vasto dos pensamentos.

Para escrever estava nu como se não lhe tivesse sido permitido levar nada consigo. Nem mesmo a própria experiência.

E aquele homem de óculos de repente se sentiu singelamente acanhado diante do papel branco como se sua tarefa não fosse apenas a de anotar o que já existia mas a de criar algo a existir.

E reduziu-se austeramente a ser apenas um homem sentado que ia anotar o que já tinha sido pensado. E de novo se surpreendeu: era incontestável que não sabia escrever. Sorriu constrangido. Como um dócil analfabeto estava em situação de pedir a alguém: escreva uma carta para minha mãe dizendo o que penso. “Afim que é que está me acontecendo?”, inquietou-se de repente. Pegara no lápis com a modesta intenção de anotar seus pensamentos para que se tornassem mais claros, fora apenas isso o que pretendia! reivindicou irritado, e não merecia tanta dificuldade.

E como um velho que não aprendeu a ler ele mediu a distância que o separava da palavra. E a distância que de repente o separou de si mesmo. Entre o homem e a sua própria nudez haveria algum passo possível de ser dado? Mas se fosse possível – havia ainda a estranha resistência que ele opunha. Pois nele acabara de se acordar esse susto interior de que uma pessoa é feita.

Que esperava com a mão pronta? pois tinha uma experiência, tinha um lápis e um papel, tinha a intenção e o desejo – ninguém nunca teve mais que isto.

Ele não podia, que o não poder tomara a grandeza de uma Proibição.

De repente suscetível, caíra em zona sagrada que homem não deixa mulher tocar mas dois homens às vezes se sentam em silêncio à porta de casa ao anoitecer.

A escolha tornou-se ainda mais funda: ou ficar com a zona sagrada intata e viver dela – ou traí-la pelo que ele certamente terminaria conseguindo e que seria apenas isto: o alcançável.

Preferia então o silêncio intato. Pois o que se bebe é pouco; e do que se desiste, se vive.

Seria essa a nossa máxima concretização: tentar aludir ao que em silêncio sabemos?

Pretendera apenas anotar, nada mais que isto. E cuja inesperada dificuldade era como se ele tivesse tido a presunção de querer transpor em palavras o relance com que dois insetos se fecundam no ar. Mas quem sabe – perguntou-se então na perfeita escuridão do absurdo – quem sabe se não é na expressão final que está o nosso modo de transpor os insetos se glorificando no ar.

Quem sabe se o nosso objetivo estava em sermos o processo. O absurdo dessa verdade então o envolveu. E se assim for, oh Deus – a grande resignação que se precisa ter em aceitar que nossa beleza maior nos escape, se nós formos apenas o processo.

Que se sabe do que se passa numa pessoa?

Ele era a sua própria impossibilidade. Ele era ele. A esse ponto de grande angústia tranquila ele chegou: aquele homem era a sua própria Proibição.

Quando um homem é acuado só o grande amor lhe ocorre.

Só não podendo é que um homem sabia. Um homem afinal se media pela sua carência. E tocar na grande falta era talvez a aspiração de uma pessoa.

Tocar na falta seria a arte?

Pela primeira vez na vida sabia quanto era. O que doía como a raiz de um dente.

Num equilíbrio perfeito, acontecia que se ele não tinha as palavras, tinha o silêncio. E se não tinha a ação, tinha o grande amor. Um homem podia não saber nada; mas sabia como se virar, por exemplo, para o lado do poente: um homem tinha o grande recurso da atitude. Se não tivesse medo de ser mudo.

A coisa era limpa: como se tratava de uma pessoa, então o limpo resultado fora cumprir a experiência de não poder. Pareceu-lhe mesmo que poucas pessoas haviam tido a honra de não poder.

O resultado mais acertado era falhar.

Como não amar a Proibição, se cumpri-la é a nossa tarefa?

Tinha passado pelo mistério de querer. Como se tivesse tocado no pulso da vida. Ele que sempre se deslumbrara com o milagre espontâneo de seu corpo ser bastante corpo para querer uma mulher, e seu corpo ser bastante corpo para querer comida – ele agora tocara na fonte de tudo isso, e do viver: ele quisera... De um modo geral e profundo, ele quisera.

Desistira. Sua impressão era a de se ter salvo por um triz. Grande era o seu alívio por ter escapado incólume da oca escuridão. Se bem que também sentisse que nenhum de seus pensamentos futuros viriam isentos de sua verdadeira covardia só agora revelada. Nenhum ato heroico seu seria totalmente livre dessa experiência.

Até mesmo uma frase tão modesta como “coisas que preciso fazer” pareceu-lhe ambiciosa demais. E num ato de contrição riscou-a. Escreveu menos ainda: “Coisas que tentarei saber: número 1.”

Só saberia o nome no instante em que a obtivesse, como se uma pessoa só soubesse o que procurava quando achasse.

A frase ainda úmida tinha a graça de uma verdade. E ele gostou dela com um alvoroço de criação. É que reconhecia nela tudo o que quisera dizer! Além do mais achava a frase perfeita pela resistência que esta lhe oferecia: “além daí, eu não poderia mais ir!”, de modo que lhe pareceu que a frase tocara no próprio fundo.

Não tem importância porque, se com essa frase eu pelo menos cheguei a sugerir que a coisa é muito mais do que consegui dizer, então na verdade eu fiz muito: eu aludi!

A erudição, sendo externa, se confundia com a ideia primária que ele fazia de objetividade, e sempre lhe dava a satisfatória sensação de ter acertado.

É que nas trevas os pássaros haviam percebido a acidez da aurora e, muito antes que esta raiasse para uma pessoa, eles a respiravam e começaram a despertar.

Parece que muitas vezes se amava tanto uma coisa que por assim dizer se tentava negá-la, e tantas vezes é o rosto amado o que mais nos constrange.

Se ele a chamasse, aquela mulher era bem capaz de vir. E ele não a queria tanto a ponto de desejar que ela viesse.

Teve alívio de não ser tarefa sua a criação do mundo: pois na sua construção ele se via de repente como um homem que tivesse construído um quarto sem porta e ficasse preso dentro.

Era um repouso ter aquela mulher que se dava fácil, como se tê-la à sua disposição já fosse um marco alcançado.

A moça era uma dessas que permitiam, sem se ofenderem, que um homem ficasse ausente, o que ele fez com naturalidade como se fossem casados. E em breve, ausente, já sorrindo, ele estava lisonjeado pela tolice que fluía dela com doçura e que o adormentava em paz. A moça tinha um cheiro de caixa de pó de arroz que o nauseava um pouco.

Você acredita na outra vida? perguntou-lhe então, alisando-lhe imediatamente os cabelos com mais intensidade como se soprasse em cima da picada para que esta doesse menos. Por um instante ele se surpreendeu como se, com a aparência de um passarinho que belisca leve com o bico, ela fosse capaz de dar um bote.

Burro! disse ela rindo. Como na intimidade as pessoas costumavam se ofenderem, ofenderem-se seria uma intimidade, e assim eles se sentiam muito bem juntos. Por covardia de suportarem apenas amor, eles já o haviam com certa pressa ultrapassado, entrando na familiaridade e perdendo com alívio o tamanho maior das coisas.

O homem a examinou. Ela não seria bonita, se uma pessoa não a amasse. Mas tinha a beleza que se vê quando se ama o que se vê.

Toda mãe de filha feia deveria prometer-lhe que ela seria bonita quando a sabedoria do amor esclarecesse um homem, pensou ele.

Uma vez amada, ela era de rara delicadeza e beleza.

Ela era capaz de fazer a felicidade de um homem; mas estranhamente tivera que enganá-lo com truques até fazê-lo feliz, e só então é que lhe mostrara que não o enganara e que a felicidade que lhe dava era real.

Usara meios dúbios, mentirosos, desagradáveis; assim como por intermédio de uma suja arte se revelasse a vida.

Quero ser feliz mas não ter todo esse trabalho horrível de me fazer feliz.

Imagine uma pessoa que tenha precisado de um ato de violência, um ato que fizesse com que o rejeitassem porque ele não tinha simplesmente coragem de se rejeitar a si mesmo.

Estou contando o que sou, e ninguém pode denunciar o que os outros são, ninguém pode fazer sequer uso mental do que os outros são.

Depois que eu acabar de falar, você me desconhecerá ainda mais: é sempre assim que acontece – quando a gente se revela, os outros começam a nos desconhecer.

É assim: vamos dizer que uma pessoa estivesse gritando e então a outra pessoa punha um travesseiro na boca da outra para não se ouvir o grito. Pois quando tomo calmante, eu não ouço meu grito, sei que estou gritando mas não ouço, é assim, disse ela ajeitando a saia.

Ele pela primeira vez acariciou seu rosto, afastou com muita delicadeza a espécie de bandós entrançados que lhe emolduravam a cara fina. E a cara

que apareceu, despida e forte, fê-lo de súbito retirar as mãos como se ele tivesse pisado sem querer no rabo de um bicho.

As mandíbulas daquela moça eram mais largas do que ele supusera, e lhe davam um duro ar de beleza que ele não queria nela. Fingira-se ela de fraca? pois com as mandíbulas à mostra, como as de um bicho de presa, ela se revelou encarniçada e suprema. Ele se assustou primariamente como uma criança se assusta quando toca numa coisa que se mexe.

Ele criara a liberdade de ser só e de fugir dos emaranhamentos, mas cada vez mais o círculo invisível se apertava em torno dele: como nós nos comemos!

Se eu me apaixonar de novo, anotarei todos os dias o que senti para poder depois fazer relatório! Mas tenho certeza, disse ela com desprezo generalizado por pessoas, que olhando minhas anotações eu terei uma mão cheia de poeira.

E a moça estava como queria: esquecida de seu medo, numa felicidade crepitante, falando sem parar. Tudo nessa tarde lhe pareceu estar tão seguro que ela até podia se gostar em devaneios: enfim presa e concreta, já não temia ir longe demais e não ter para onde voltar. Estava ancorada, e arriscava-se enfim na liberdade, sem temor da possibilidade de ultrapassar a linha divisória quase inexistente entre ela e o campo. Enfim tão segura que podia até mentir.

Como é que o mundo, por exemplo, nunca acaba? e nem nunca começa, por exemplo... Isso é horrível! não é?

Então imagine o contrário: um mundo que um dia começasse e que um dia acabasse. Pois a ideia é igualmente monstruosa.

Morre-se exatamente no instante da própria morte, nem um minuto antes, a coisa é perfeita.

“Nós já começamos a nos dizer coisas que ficam nadando no ar”, pensou ele como se este fosse o sinal de uma transição inescapável e o delicado modo como as coisas se corrompem, sem que nada se possa fazer.

O destino? como é o destino?!

Qualquer que fosse a palavra seguinte, esta viria como um muro.

E como quando alguém vai morrer ou partir, e então o sol brilha e então as plantas ondulam suas palmas – assim os passarinhos voavam atentos.

Estava muito ferida porque não o amava mais. Pois não o amava mais. Passara a grande atração que justificava toda uma vida.

Eis a água – e eu não preciso mais bebê-la. Eis o sol – e eu não preciso mais dele. Eis o homem – e eu não o quero.

Um dia amei um homem. Depois deixei deamá-lo. Não sei por que o amei, não sei por que deixei deamá-lo.

Era como se os anos tivessem passado e eu visse num rosto que antes tinha sido tudo para mim, eu visse nesse rosto aquilo de que é feito o amor: de nós mesmos. E era como se até o amor mais real fosse feito de um sonho.

A falta de desejo dava silêncio ao coração do homem. Procurou a sua própria fome: mas era o silêncio quem lhe respondia. Ele estava experimentando o que era pior que tudo: não querer mais.

Seria preciso um deus para entender o que se disseram. Eles se disseram talvez: estamos no nada e tocamos no nosso silêncio. Pois por uma fração

de segundo eles se haviam olhado no branco das pupilas.

A menina empilhava os tijolos, tranquila. E ele, em pé, aos poucos começava a se emocionar com a indiferença gentil com que ela o admitira, grato por ela tratá-lo como a um igual, esse mesmo modo óbvio que as crianças tinham de brincar uma com a outra.

Uma criança era a seta que disparamos, uma criança era o nosso investimento.

Ficou quieto, o coração batendo ao receber a bondade humana. Estava grande e desajeitado, e sentir-se abandonado não melhorou sua situação canhestra. Ficou quieto, com medo de errar. Ele queria tanto acertar, e não queria poluir a primeira coisa que lhe estava sendo dada. Oh Deus, já estraguei tanto, já entendi tão pouco, já recusei tanto, falei quando não deveria ter falado, já estraguei tanto. Ele que pela primeira vez estava experimentando a solidão pior, a que não tem nenhuma vaidade.

Que coisa escura é essa de que precisamos, que coisa ávida é esse existir que faz com que a mão arranhe como garra? e no entanto esse ávido querer é a nossa força, e nossas crianças astutas e desamparadas nascem de nossa escuridão e herdaram-na, e a beleza está nesse sujo querer, querer, querer – oh corpo e alma, como julgar-vos se nós vos amamos?

“Nós somos ruins?” – nunca isso lhe ocorrera senão como uma abstração. Nós somos ruins? perguntou-se.

Havia mexido em coisas em que não se mexe: ele tocara de perto demais a ilusão.

Tinha medo assim como se ama uma mulher e não todas as mulheres, tinha medo assim como se tem a fome própria e não a dos outros; ele era

apenas ele, e seu medo tinha o seu particular tamanho.

Então no escuro, não sabendo ao certo do que tinha medo, o homem teve medo do grande crime que cometera.

Salvação – que palavra estranha e inventada, e o escuro o rodeava.

Salvação? Ele se espantou. E se fosse esta a palavra – seria então assim que ela acontecia? Então tivera ele que viver tudo o que vivera para experimentar o que poderia ter sido dito numa só palavra? se essa palavra pudesse ser dita, e ele ainda não a dissera. Andara ele o mundo inteiro, somente porque era mais difícil dar um só e único passo? se esse passo pudesse jamais ser dado!

E era como se o tempo de uma vida tivesse sido o tempo rigorosamente calculado para a maturação de um fruto.

De novo acabara de cair na armadilha da harmonia como se às cegas e por caminhos tortos tivesse executado em pura obediência um círculo fatal perfeito – até encontrar-se de novo, como agora se encontrava, no mesmo ponto de partida que era o próprio ponto final.

De que lhe valera a liberdade profunda mas sem poder. Ele tinha tentado inventar um novo modo de ver ou de entender ou de organizar, e tinha querido que esse modo fosse tão perfeito quanto o da realidade. Mas o que experimentara fora apenas a liberdade de um cão sem dentes. A liberdade de ir em busca da promessa que o rodeava – pensou o homem tremendo. E tão vasta era a promessa que, se a pessoa a perdia de vista por um segundo, então se perdia de si própria num mundo vazio e completo que não parece precisar de um homem a mais. Perdia-se até que exaustivamente, e nascida do nada, se erguesse a esperança – e então de novo, como para um cão sem dentes, o mundo se tornasse passeável, tocável. Mas apenas tocável.

Então quem gritasse mais alto ou ganisse mais melodioso seria o rei dos cães. Ou quem se ajoelhasse mais profundamente – pois ajoelhar-se ainda era um modo de instante por instante não perder de vista a promessa. Ou então quem se revoltasse.

E tudo isso até um dia morrer? Pois se morria.

Pareceu ter a grande intuição de que se morre com a mesma intensa e impalpável energia com que se vive, com a mesma espécie de oferenda que se faz de si, e com aquele mesmo mudo ardor, e que se morria estranhamente feliz apesar de tudo: submisso à perfeição que nos usa. A essa perfeição que fazia com que, até o último instante de vida, se farejasse com intensidade o mundo seco, se farejasse com alegria e aceitando... Sim, por fatalidade de amor, aceitando; por estranha adequação, aceitando.

Mas meu Deus isso é quase nada.

Não, isso é muito. Porque, por Deus, havia muito mais que isto. Para cada homem provavelmente havia um certo momento não identificável em que teria havido mais do que farejar: em que a ilusão fora tão maior que se teria atingido a íntima veracidade do sonho. Em que as pedras teriam aberto seu coração de pedra e os bichos teriam aberto seu segredo de carne e os homens não teriam sido “os outros”, teriam sido “nós”, e o mundo teria sido um vislumbre que se reconhece como se se tivesse sonhado com ele; para cada homem teria havido aquele momento não identificável em que se teria aceito mesmo a monstruosa paciência de Deus? Essa paciência que permitia que homens durante séculos aniquilassem com o mesmo obstinado erro os outros homens.

A monstruosa bondade de Deus que não tem pressa. Aquela Sua certeza que fazia com que Ele permitisse que um homem assassinasse – porque sabia que um dia esse homem teria medo e nesse instante de medo, enfim

capturado, enfim impossibilitado de não encarar o próprio rosto, esse homem diria “sim” àquela harmonia feita de beleza e horror e perfeição e beleza e perfeição e horror; a perfeição que nos usa.

E esse homem, com o grande respeito do medo, diria “sim”, mesmo sabendo com vergonha que este seria o seu maior crime talvez: porque havia uma falta essencial de direito de achar tudo isso belo e fatal, havia uma falta essencial de direito de um homem se agregar à divindade – até que ponto um homem tinha o direito de ser divino e dizer sim? Pelo menos não antes de arrumar os seus negócios!

Nossos pais estão mortos – quando enfim encararemos isto?

Definitivamente na sua própria casa e ninguém no mundo o guiaria.

Um homem no escuro era um criador. Na escuridão as grandes barganhas se fazem.

Crescer dói. Respirou muito devagar e com cuidado. Tornar-se dói.

Sentiu aquela solidão inesperada. A solidão de uma pessoa que em vez de ser criada cria.

A solidão da grande possibilidade de escolha. A solidão de ter que fabricar os seus próprios instrumentos. A solidão de já ter escolhido. E ter escolhido logo o irreparável.

“Não sou nada”, e então cabe-se dentro do mistério.

Só queria agora uma coisa deste mundo: caber nele. Mas como?

Agora entendo a imitação: é um sacrifício! eu me sacrifiquei! disse ele para Deus, lembrando-Lhe que Ele mesmo sacrificara um filho e que também

nós tínhamos direito de imitá-Lo, nós tínhamos que renovar o mistério porque a realidade se perde! Oh Deus, disse ele em reivindicação, não respeitais sequer a nossa indignação? meu ódio sempre salvou minha vida, eu não quis ser triste, se não fosse a minha cólera eu seria doçura e tristeza, mas a raiva é filha de minha mais pura alegria, e de minha esperança. E quereis que eu ceda o melhor de minha cólera, vós que tivestes a Vossa, acusou ele, porque assim me disseram, e se disseram não mentiram porque eles devem ter sentido na carne a vossa cólera, acusou ele.

Se os bichos eram a própria natureza, nós éramos os seres a quem as coisas se davam: seria tão simples apenas recebê-las. Bastava receber, só isso! Tão simples.

Aceitar estava tomando um grande e obscuro sentido que vinha de encontro à criatura desconhecida que ele era. Já não lhe importava sequer que, no ato de aceitar, ele tivesse consciência de trair o mais valioso de si mesmo: a sua revolta. Nem mesmo apenas a própria revolta. Mas também a revolta dos outros.

Já não poderia mais ser entendido por um adolescente. Nunca mais, nunca mais seria compreendido.

Antes de ser admitido na primeira lei, um homem teria que perder humildemente o próprio nome.

Um naufrago tinha que escolher entre perder a pesada riqueza ou afundar com ela no mar.

Transfigurado pela própria natureza, agora nada dizia e no escuro nada via. Mas ser cego é ter visão contínua. Seria esta talvez a mensagem?

“Diga sim! uma vez! agora! já! diga sim uma vez antes de morrer! não morra danado, não morra em cólera! O milagre da cegueira é apenas este: dizer sim!”

Era isso pois o que queriam dele? Que dissesse sim. Em troca de tudo o que ele sabia, que exigiam de um homem? Em troca pediam de um homem – que ele acreditasse. Comesse barro até estourar mas pede-se que ele creia. Que ele próprio tenha roubado o pão dos outros – mas pede-se que horrorizado consigo mesmo ele creia. Que nunca tenha feito um ato de bondade – mas pede-se que ele creia. Que tenha esquecido de responder à carta de uma mulher que pedia dinheiro para a doença do filho – mas pede-se que ele creia.

Eu creio na verdade, creio assim como vejo esta escuridão, creio assim como não entendo, creio assim como assassinamos, creio assim como nunca dei para quem tem fome, creio que somos o que somos, creio no espírito, creio na vida, creio na fome, creio na morte!

Mesmo que Deus pudesse falar, nada lhe teria dito porque se dissesse não seria compreendido.

Era como um tigre que parece rir e depois se vê com alívio que é apenas o corte da boca.

As coisas físicas também têm a sua intenção.

Quieta na escuridão. A escuridão compacta permitia tudo porque seu rosto não seria visto sequer pelas paredes. E como acontece, a noite parecia sussurrar-lhe que ela poderia ter qualquer pensamento. Como se os bichos se tivessem soltado no campo negro antes que a tempestade caísse e a senhora pudesse aproveitar o vento para misturar-se furtiva entre eles.

Não conseguira enfim se livrar daquela ameaça que era a ânsia de viver?

Como para uma curada de vício que não pudesse mais lutar contra a tentação – aparecera um homem que pela transitoriedade de sua passagem parecia exigir em ultimato que ela de novo conseguisse.

Por que teria uma pessoa que decidir cada dia e cada noite? que liberdade era essa que aquela mulher não pedira sequer? E como se já não tivesse com tanto esforço escolhido, de novo e de novo tinha que escolher; como se já não tivesse escolhido.

A rapidez da passagem do homem pelo sítio lembrava em eco obscuro outra transitoriedade e outra urgência – quais? – e dava-lhe a última oportunidade. Oportunidade de quê? E a alma pesada, que com tanto orgulho havia desistido, sentia-se obrigada a escolher entre continuar a lutar ou ceder. Ceder a quê? Mal olhara o homem pela primeira vez diante do alpendre, e em cólera adivinhara que de novo teria que decidir.

Eu te amo, experimentou com cuidado. Como se amar fosse obscuramente o modo de chegar ao seu próprio limite, e o modo de entregar-se ao mundo escuro que a chamava.

Afinal tenho meus direitos e deveres, e não há motivo para estar acordada no escuro, afinal não estou perdida na África!

Só sentiria ela do amor a sua crueldade? No amor o que havia de diluído sentimento pela vida se reunia num só instante de pavor, e a raiva que ela vivia se transformara diante do homem concreto em ódio mortal de amor, como se o verde espalhado de todas as árvores se reunisse numa só cor negra. No amor o que havia de vago pressentimento de vida se reunia num só instante de pavor.

Tocada por aquilo a que não se sabe que outro nome dar, senão o de amor – tão diverso do que se esperou que amor e suavidade e bondade significassem – sua ambição voltara, anulando os claros e ocupados dias da fazenda.

A noite foi feita para se dormir. Para que uma pessoa nunca assista ao que acontece na escuridão. Pois com os olhos cegos pelas trevas, sentada e quieta, aquela senhora mais parecia estar espiando como o corpo funciona por dentro: ela própria era o estômago escuro com seus enjoos, os pulmões em tranquilo fole, o calor da língua, o coração que em crueldade jamais teve forma de coração, os intestinos em labirinto delicadíssimo – essas coisas que enquanto se dorme não param, e de noite avultam, e agora eram ela.

À meia-noite Cinderela seria os trapos que na verdade era, a carruagem se transformaria na grande abóbora e os cavalos eram ratos – assim foi inventado e não mentiram.

À meia-noite entrava-se no domínio de Deus. Que era um domínio tão espesso que uma pessoa, não conseguindo atravessá-lo, ficava perdida nos meios de Deus, sem entender seus claros fins.

Os meios de Deus eram uma tão pesada força de escuridão envolvente – que os bichos saíam um por um da toca, protegidos pela suave possibilidade animal da noite.

Ser sapo era a humilde e grosseira forma de ser um bicho de Deus.

A noite foi feita para se dormir porque senão no escuro se compreende o que se quis dizer quando falaram em inferno, e tudo aquilo no que uma mulher não acredita de dia, de noite ela entenderá.

Parecia compreender o que significa a figura de um monge negro nas histórias da infância. E o que há de tenebroso no voo de uma grande borboleta.

Dissera ter existido uma época em que era considerado heresia haver na música litúrgica mais do que um fio melódico.

Lembrou de histórias que lhe tinham contado sobre homens tranquilos que se haviam desnortado por terem uma vez experimentado viver de noite, e então haviam abandonado esposa e filhos, e então começavam a beber para esquecer o que tinham sentido ou para se manterem à altura da noite.

Fora erro involuntário o seu o de acordar durante a noite que é feita para se dormir, como se tivesse aberto sem querer a porta proibida do segredo e visse as lívidas esposas do Barba Azul. Fora erro involuntário e perdoável. Mas já era mais que simples erro não ter fechado a porta, e ter cedido à tentação de ganhar poder naquele silêncio onde, porque ela não quisera se limitar a usar apenas as Suas palavras compreensíveis, Deus a deixara só.

Meu Deus, eu Vos perdoo, disse fechando os olhos antes de continuar irreprimível na sua alegria.

A miséria de sua luxúria. Que não era sequer luxúria de amor. Era mais grave. Era a luxúria de estar viva.

Matara mais do que poderia comer. Eis toda a sua grande culpa.

Não tinha a força da maldade, a carne é fraca: ela era boa. E o demônio era tão difícil como a santidade.

E não queria sequer consolo. O consolo lhe pareceu mesquinho diante da profundidade da escura luz que era o sofrimento, e onde ela de novo parecia feliz e assustada.

Um pesadelo estar sozinha com aquele sentimento quente de viver que ninguém pode utilizar.

Chovia, chovia, chovia. Que chova, disse ela. Pois também desse modo eu te amo, pensou antes de adormecer, a escuridão também era bondade, nós também éramos bondade.

“Eu” – disse a mulher velha – “eu sou a Rainha da Natureza.”

De súbito não sabia qual seria o próximo passo a dar. Estava reduzida a ser uma mulher junto de uma porta numa noite de chuva. Será que se alguém a visse diria “olhe uma velha na chuva?”, perguntou-se meditando. “Eu sou a rainha dos animais”, disse a senhora.

Talvez já tivesse acontecido aquela coisa impossível de se conhecer senão quando acontece: entre a vida e a morte já não havia barreira, as portas estavam todas abertas.

Fora capturada sem aviso. Capturada pela sua religião e pelo abismo de sua fé e pela consciência de uma alma e por um respeito pelo que não se entende e que se termina adorando, capturada pelo que na África faz soarem os tambores, pelo que faz da dança um perigo e pelo que faz com que a floresta seja o medo de uma pessoa.

Voltar seria encontrar, como num pesadelo de perseguição, os grandes campos desta terra, as nuvens infladas e vazias no céu, as flores – tudo o que na terra já é tão suave como a outra vida.

Aquela moça delicada preferia o rato, o corpo de um boi, a dor e aquele contínuo trabalho de viver, ela que tinha tão pouco jeito para viver – mas preferia tudo isso à horrível e tranquila alegriazinha fria das flores, e aos passarinhos. Porque também estes eram na terra a marca nauseante da vida

posterior. A presença deles, inocente lembrete, tirava a segurança da própria vida terrena.

Mesmo as casas com suas vidas por dentro lhe pareciam construídas fragilmente demais, sem consciência do perigo que havia em não serem mais profundamente enraizadas no chão.

A moça parecia ver o que os outros não viam e o que as casas sólidas não suspeitavam sequer: que estas tinham sido erguidas sem cautela como quem na escuridão adormecesse num cemitério sem saber. As casas e as pessoas estavam apenas pousadas sobre a terra, e tão pouco definitivas como a tenda de um circo. Aquela sucessão de provisórios sobre uma terra que não tinha sequer fronteiras que delimitassem onde uma pessoa vive em vida e onde vive em morte – aquela terra que talvez fosse o próprio lugar onde a alma um dia passaria perdida, doce e livre.

Todo o trabalho daquela moça, que tinha uma vez caído no mistério de pensar, era procurar inutilmente provas de que a morte seria o sereno fim total. E isto seria a salvação, e ela ganharia a sua vida. Mas, com sua tendência para a minúcia, o que conseguia eram os indícios contrários. Uma galinha que voava mais alto que o comum – tinha aquela naturalidade do sobrenatural. Cabelos que cresciam sempre tão depressa tornavam-na tão pensativa. E uma cobra “mas que estava ali há um minuto, juro! e não está mais!” – a rapidez com que as coisas sumiam, a rapidez com que ela perdia lenços e não sabia onde deixara a tesoura, a rapidez com que as coisas se transformavam em outras, a evolução automática de um botão mecanicamente se abrindo em flor aberta – ou a cabeça de um cavalo que de repente ela descobria no cavalo, a cabeça adicionada como uma máscara de espanto naquele corpo sólido – tudo isso obscuramente era um indício de que depois da morte começava a vida incomensurável.

E o homem estupidificado, vendo-a com a cabeleira desfeita, selvagem como um crisântemo, só se deu conta do que acontecia quando enfim reconheceu o vulto da moça. E ele não saberia se ela correria para ele ou se ele próprio se lançara para ela – tanto um assustara o outro, e tanto um era a própria solução para que o outro não se aterrorizasse com o fato de tão inesperadamente estarem unidos. Ela se grudou a ele no escuro, aquele homem grande e molhado com cheiro de azinhavre, e era estranho e voraz estar abraçada sem vê-lo, apenas confiando no ávido sentido de um tato desesperado, as ásperas roupas concretas, ele parecia um leão de pelos molhados – seria ele o algoz ou o companheiro? mas no escuro ela teria que confiar, e fechou intensamente os olhos, entregando-se toda ao que havia de inteiramente desconhecido naquele estranho, ao lado do mínimo conhecível que era o seu corpo vivo – ela se colou àquele homem sujo com terror dele, eles se agarraram como se o amor fosse impossível.

Há pelo menos um instante em que dois estranhos se devoram, e como não gostar dele se ela de novo o amava? – e quando a voz dele soou em grunhido no escuro, a moça se sentiu salva, e eles se amaram como casados se amam quando perderam um filho.

Os dois estavam abraçados na cama como dois macacos no Jardim Zoológico e nem a morte separa dois macacos que se amam.

Ele era um estranho, sim. Não mais porque ela o desconhecia – mas como modo dela reconhecer a existência particular e intransponível de uma outra pessoa, ela admitia nele o estranho como reverência de amor.

Ela poderia dizer: reconheço você em você.

E ele lhe diria: e eu reconheço em você, você.

Soubera correr para perto de um homem, pois um homem não tinha a suavidade das mulheres, um homem desmentia por um instante a outra

vida.

Pensou se na verdade não teria morrido sem saber nos braços do homem pois a este ela dera o corpo, e sua alma estava ali branca e vacilante, com aquela doce alegria que a moça ignorava também poder vir do corpo.

E então ajoelhou-se junto do tronco que a ferira e sem nenhuma vergonha pediu a Deus para ser eterna. “Só eu!”, implorou ela, não como privilégio mas para facilitar-Lhe a tremenda exceção. Ah Deus, deixe eu sempre ter um corpo!

Tinha horror de Deus e de Sua doçura e de Sua solidão e de Seu perfume, tinha horror dos pássaros que Ele enviava como mensageiros de paz. Eu não quero morrer porque não entendo a morte! disse a moça para Deus, não me julgue tão superior a ponto de me dar a morte! eu não a mereço! me despreze porque sou inferior, qualquer vida me basta! nem inteligente eu sou, sempre fui atrasada nos estudos, para que então me dar tanta importância? basta me deixar de lado e me esquecer, quem sou eu para morrer! só os privilegiados devem morrer!

Quem aceitasse o mistério do amor, aceitava o da morte; quem aceitasse que um corpo que se ignora cumpre no entanto o seu destino, então aceitava que o nosso destino nos ultrapassa, isto é, morremos.

Morremos impessoalmente – e com isso ultrapassamos o que sabemos de nós.

Abraçada ao bom tronco de árvore para o amor do qual fomos tão bem-feitos, colada à árvore, gostando tanto de sentir suas boas e duras nodosidades, esperando que muitos e muitos e muitos anos ela tivesse para sentir o cheiro das coisas, feliz aniversário.

Já muito cansada, teve vontade de enfim ceder e de enfim seguir a sua vocação que era a de um dia morrer.

Mesmo que nada mais acontecesse, jamais poderia negar o que já acontecera.

A árvore quase intata no entanto pronta a se quebrar, o sol de hoje que não era senão a chuva de ontem, tudo o que era sólido no entanto sempre pronto a se quebrar.

“E se eu realmente falasse?”, ocorreu-lhe. O homem a entenderia? Ou não? E por um instante – diante das variadas coisas desiguais que no entanto recebiam no campo o mesmo sol – por um instante não houve sequer contradição em que simultaneamente ele a entendesse e não a entendesse como se assim apenas pudesse ser.

Até que ponto suas próprias palavras seriam as que falam ou as que silenciam.

Certas coisas se faziam sozinhas ou então nunca se fariam.

Olhou o campo e as ervas e as moscas: e tudo se fazia sozinho, tudo tinha a sabedoria do viver.

Seria infelicidade aquela iminência para a qual tudo de repente lhe pareceu debruçado, e aquele grande risco que uma pessoa corre?

“Acho que isso é ser feliz”, pensou com curiosidade. Pois se ambos estavam ali conversando... pois se o rio corria gordo e lento... pois se levantando seus olhos a grossa copa da árvore se iluminou... pois se os besouros estalavam no ar... pois se os instantes jamais se repetem e de se saber disso é que temos esta delicada sede... que felicidade poderia desejar além desta?

Acabara de dizer ao homem que ela era forte a ponto de suportar o amor. Teria ela simplesmente se oferecido a ele?

Não era amor que ela queria!

Não tolerava a ideia de que ele achasse óbvio que ela o amasse, sobretudo porque não era verdade.

Não ser compreendida pelo homem a desorientava.

Coleciono pensamentos, disse muito inquieta. Tenho muita vida interior.

Sou uma curiosa da vida.

Jamais provaria aos outros a graça infinita que pode se levantar em voo de uma frase simples.

A mulher arfava. Mas o que não pôde dizer a ele, o que não pôde dizer é que ela era uma santa. Isso, abrindo a boca várias vezes em agonia, ela tentou e não pôde. Isso, isso não se dizia a ninguém.

É como se eu – como se eu lhe perguntasse assim, como se eu lhe perguntasse: por que é que o senhor vive!

Ela se espantara com o automatismo inesperado do próprio braço.

Apenas superficialmente é que o desconhecia. Mas na sua própria pele ela o conhecia, e desde o instante em que o vira pela primeira vez: o modo como o conheceu fora o modo como ela própria se aprumara ao vê-lo; um dos meios mais fundos de se conhecer estava na maneira como se respondia ao que se via.

Os fatos tantas vezes disfarçavam uma pessoa; se ela soubesse fatos talvez perdesse o homem inteiro.

Eu te conheço na minha pele.

Sabia que uma pessoa morre sem saber, e que havia infernos a que ela não tinha descido, e modos de pegar que a mão ainda não adivinhara, e modos de ser que por grande coragem ignoramos.

Em mais de cinquenta anos de vida nada aprendera de essencial que viesse se acrescentar ao que já sabia – e o que nesses anos se mantivera intato fora exatamente o que ela não aprendera.

Só a santidade salva! que é preciso ser o santo de uma paixão ou ser o santo de uma ação!

Ela não sabia exatamente ao que estava se referindo, e ele entendeu sem saber exatamente ao que ela se referia. Mas se assim não fosse, pobre seria o mútuo entendimento, nossa compreensão que é feita através das palavras perdidas e das palavras sem sentido.

Não levamos em conta o milagre das palavras perdidas.

Temos uma finura de compreensão que nos escapa.

Pareceu-lhe que não captava o principal dela ou de outros – embora fosse com esse principal que às cegas ele lidava.

E como dizer de outro modo a verdade, senão negando-a delicadamente? como dizer de outro modo a verdade, sem o perigo de lhe dar a ênfase que a destrói? e como dizer a verdade, se temos pena dela? mais que medo, pena.

Precisava falar, sim; mas evitava com tato ser compreendida. Do momento em que fosse compreendida, ela não seria mais aquela coisa

profundamente intransmissível que ela era e que fazia com que cada pessoa fosse a própria pessoa.

Faltando-lhe o aprendizado da comunicação, tinha a delicadeza instintiva de se abster.

A santidade era uma violência a que ela não teria coragem.

No ponto em que estou, mudo e cansado, tenho nojo de contorções de alma e nojo de palavras.

O sol era grande e a terra extensa. Só faltava mesmo uma outra raça de homens e mulheres.

Viver era o único pensamento que se pode ter.

Viver era a conquista máxima e era o único modo de responder com dignidade a uma árvore alta.

Você me chateia, você é um erro, você é o erro de uma planta.

De agora em diante quero o que é igual um ao outro, e não o diferente um do outro.

Você fala demais em coisas que brilham; há no entanto um cerne que não brilha. E é este que eu quero. Quero a extrema beleza da monotonia. Há alguma coisa que é escura e sem fulgor – e é isso o que importa.

Medo? ela? Seu impulso foi o de rir, como se o riso pudesse retrucar ao absurdo. Medo! Abanou a cabeça, incrédula. Ela que dirigia a fazenda com pulso de homem? Ela que mandava naquele homem ali em pé, sem medo de si nem dele? Ela que surdamente lutara contra a seca e a vencera! ela que soubera esperar que chovesse. Medo! Ela que andava com suas botas

suas e com o rosto exposto sem ter medo de jamais ser amada. Ela que dilapidava corajosamente a herança do pai para manter aquela fazenda funcionando, sem sequer saber para quê, corajosamente à espera do dia incerto em que aquele sítio seria o maior da zona, e então ela pudesse enfim abrir as cercas. Medo?

Que sabia dela, aquele homem. Como poderia ele jamais entender a sua grande coragem, aquele homem que ela agora olhava de face sem nenhum medo – pela primeira vez percebendo naquele rosto quanto ele era estúpido: na testa fechada se adivinhava a dificuldade de pensar, havia um esforço penoso na cara daquele homem. E ela balançou a cabeça, amarga, irônica.

A cara do homem tinha a perseverança sonâmbula dos estúpidos.

Medo, sim. Medo, sim. Lembrou-se de como ter medo fora a solução. Lembrou-se de como uma vez aceitara humilde o medo como quem se ajoelha e de cabeça baixa recebe o batismo. E de como sua coragem, daí em diante, fora a de viver com o medo.

E a beleza era uma tal dor, e eu estava tão viva, e o único modo como eu tinha aprendido a estar viva era me sentir sem amparo, eu estava viva, mas era como se não houvesse resposta para se estar viva.

A praia brilhando toda no escuro. Linda, toda branca de muita areia, com o mar escuro, mas a espuma, eu me lembro que a espuma era branca no escuro e eu pensei que a espuma parecia uma renda, não tinha lua mas a espuma era branca como uma renda no escuro. Então voltei depressa para o quarto e me transformei depressa na filha de um pai velho porque só como filha é que eu tinha conhecido calma e compostura, e só agora eu me dava conta da segurança que eu perdera com a morte de meu pai, e resolvi

que daí em diante eu queria ser somente aquilo que eu antes sempre tinha sido, só isso.

Eu sabia que meus olhos não estavam lendo, mas nunca me deixaria convencer de que estava fingindo, e de que não fora ler numa ilha o que eu viera buscar, eu procurava ignorar que Deus estava me dando exatamente o que eu pedira e que eu – eu estava dizendo “não”. Estava fingindo que não percebia ter construído uma esperança inteira no que finalmente estava me acontecendo, mas que ali estava eu de óculos com o livro aberto, como se eu amasse tanto que só pudesse gritar “não”. Mas eu também sabia que se naquele momento exato eu não pegasse o fio calmo de minha vida anterior, então jamais meu equilíbrio voltaria, e jamais minhas coisas seriam reconhecidas por mim. E por isso eu fingia que lia.

A beleza da praia rebentou, a linha fina do horizonte rebentou, a solidão a que eu tinha voluntariamente chegado rebentou, o balanço da barca que eu tinha achado bonito rebentou, e rebentou o medo da intensidade de alegria que sou capaz de atingir.

Oh Deus nunca mais me deixe ser tão audaciosa, nunca mais me deixe ser tão feliz, tire para sempre a minha coragem de viver; que eu nunca vá tão adiante em mim mesma, que eu nunca me permita, tão sem piedade, a graça, porque eu não quero a graça, pois antes morrer sem ter jamais visto que ter visto uma só vez! porque Deus com sua bondade permite, ouviu, permite e aconselha que as pessoas sejam covardes e se protejam, seus filhos prediletos são os que ousam mas Ele é severo com quem ousa, e é benevolente com quem não tem coragem de olhar de frente e Ele abençoa os que abjetamente tomam cuidado de não ir longe demais no arrebatamento e na procura da alegria, desiludido Ele abençoa os que não têm coragem. Ele sabe que há pessoas que não podem viver com a

felicidade que há dentro delas, e então Ele lhes dá uma superfície de que viver, e lhes dá uma tristeza.

Por que é tão árida a beleza?

As coisas não devem ser vistas de frente, ninguém é tão forte assim, só os que se danam é que têm força. Mas para nós a alegria tem que ser como uma estrela abafada no coração, a alegria tem que ser apenas um segredo, a natureza da gente é o nosso grande segredo, a alegria deve ser como uma irradiação que a pessoa jamais, jamais deve deixar escapar. Sente-se um estilhaço e não se sabe onde: é assim que tem que ser a alegria: não se deve saber por que, deve-se sentir assim: “mas que é que eu tenho?” – e não saber. Embora quando se toque em alguma coisa, essa coisa brilhe por causa do grande segredo que se abafou.

Nada há de tão destruidor de palavras ditas quanto o sol que continua a queimar.

Certas coisas a pessoa tinha que ter a hombridade de não notar, e ter a piedade de nós mesmos e esquecer, e ter o tato de não perceber.

Depois da explosão, mantiveram-se calados como se nada tivesse acontecido porque ninguém pode viver do espanto, e ninguém podia viver à base de ter vomitado ou ter visto alguém vomitar, eram coisas a não se pensar muito a respeito: eram fatos de uma vida.

De novo na cara dele estava restaurada a calma estupidez humana, aquela opaca solidez obtusa que é a nossa grande força.

Os dois se olharam no vazio dos olhos. Sem dor, um pareceu perguntar ao outro: quem é você? O principal um do outro, ao se olharem, eles não captavam, e no entanto era de novo com esse principal que eles lidavam.

Até que, de vazios, os olhos começaram a se tornar cheios e ficaram individuais, e um já não estava mais aprisionado pela absorção no outro. Então eles se olharam francos, como tocados pelo mesmo sentimento: “vamos ser francos pois a vida é curta”. Mas se olharam apenas francos, sem nada ter a dizer, senão isso: a extrema franqueza. Depois desviaram os olhos sem mágoa, em comum acordo, experientes; e de novo esperaram um instante para que a franqueza, que nunca tem palavras, tivesse tempo de passar, e eles pudessem continuar a viver.

Eu não tenho pena de mim.

Ninguém pode pedir mais do que o outro pode dar, porque pedir e dar é um ato só, e um não existiria sem o outro – e além do mais, ninguém inventa o que não existe, minha senhora: se se inventou pedir, é porque existe a resposta do dar!

É preciso ter técnica para pedir! porque, minha senhora, as coisas também não são assim não, minha senhora! não é só dizer “me dá!”, e acabou-se! É preciso muitas vezes enganar a quem se pede.

Vamos, por exemplo, imaginar que a senhora fosse casada e precisasse de um par de sapatos, disse ele de repente interessadíssimo no problema, enquanto a mulher o fitava com olhos atoleimados de surpresa. Se a senhora precisava de um par de sapatos, o mais aconselhável seria jamais dizer ao marido: me dá sapatos! O aconselhável seria dizer aos pouquinhos todos os dias: meus sapatos estão velhos, meus sapatos estão velhos.

Para pedir ajuda também é preciso técnica! Receber pedido assusta muito as pessoas que, no entanto, minha senhora, às vezes estão doidas para dar, entendeu bem? é preciso técnica! Para tudo, aliás, é preciso técnica!

Só se pode chegar a exprimir o que se quer dizer, por exemplo, quando se exprime bem! É preciso técnica.

É preciso saber viver para viver, porque o outro lado, minha senhora, nos espreita a cada passo: um movimento desastrado e de repente um homem que está andando parece um macaco! um só descuido, e em vez de ficar perplexa a gente ri! Um desfalecimento, minha senhora, e amor é perdição. Requer-se arte, minha senhora, muita arte, pois sem ela a vida erra. E muita sagacidade: pois o tempo é curto, há de se escolher numa fração de segundo entre uma palavra e outra, entre lembrar e esquecer, é preciso técnica!

Sentia-se usado por aquela mulher como se ela o estivesse pouco a pouco efeminando: havia mulheres assim, que iam tocar e quebravam. Como um sugadouro de ventosa, ela extorquia algo dele; algo que não era precioso, mas afinal de contas era ele. O que ela fazia do que extorquia, ele não sabia. Olhou-a sem prazer, sem curiosidade. Já não parecia ter força contra a palavra “ouça” que afinal o vergou, resignado. Com lentidão, sem defesa nenhuma, ele se dispôs a ouvi-la.

Que viera ela, na verdade, procurar? A paixão de viver? Sim, viera procurar a paixão de viver.

Sempre tive certo nojo de comidas gordas, sempre preferia o que era seco.

Era como se eu visse que as coisas são muito mais que a casca seca, o senhor por acaso me entende? era como se eu visse que, se antes sentira nojo, era porque já então eu sabia que o perigo estava sob a segura.

Naqueles dias lhe parecia que era forçoso emocionar-se com o que é feio; e então, com um nojo que subitamente não pudera se separar de amor, ela admitira que as coisas são feias. O cheiro da quitanda parecia um quente

cheiro de pessoas sujas, e era forçoso emocionar-se com aquelas coisas que eram tão imperfeitas que pareciam pedir-lhe sua compreensão, seu apoio, seu perdão e seu amor; a felicidade lhe pesava no estômago.

Uma mulher uma vez tem que falar.

Um homem sem vocação deveria ao menos ter a vantagem de ser livre.

O único meio de ser livre, como um homem sem vocação tinha direito, fora cometer um crime, e fazer com que os outros não o reconhecessem mais como semelhante e nada exigissem dele; mas se essa explicação era a certa, então seu crime fora inútil: enquanto ele próprio sobrevivesse, os outros o chamariam.

Estava mesmo na hora de ser preso. Para que lhe dissessem, afinal, qual fora o seu crime.

Nos primeiros meses ela fora tocada pela plenitude da preguiça com que as plantas cresciam eretas, e que nos primeiros meses a natureza viera dar um ardor à sua confusão. Sim, isso era verdade... Mas era também verdade que, por caminhos já impossíveis de serem retrçados, ela terminara caindo na brutalidade truculenta de uma pureza moral; e suas artérias se haviam enrijecido como as de um juiz.

Pois ali estava ela, dura mulher, desabrochando tão simples diante de um homem que nem ao menos a ouvia, como uma gota d'água que já não suporta o próprio peso e tomba onde tombar.

Ao mesmo tempo em que endurecera numa moral que ela própria não entendia, aproximara-se por dentro, sem ao menos saber, de despojamento em despojamento, de alguma coisa viva.

Conseguiu reproduzir nos ouvidos o final da frase da mulher: “me confundi um pouco”. Foi, no entanto, essa frase que, menos elucidativa que outra qualquer, pareceu transmitir ao homem uma espécie de compreensão total, como se, por ternura, ele nada mais ignorasse daquela mulher. No esforço de olhá-la e de entendê-la, a matéria do rosto do homem enfim se esgarçara, e à tona subiu uma expressão bondosa, sombra talvez de um pensamento.

Como se houvesse um acontecimento que me espera, e então eu tento ir para ele, e fico tentando, tentando. É um acontecimento que me cerca – ele me é devido, ele se parece comigo, é quase eu.

Meu destino é apenas ter um pensamento que ainda não tive.

Se eu deixasse, mas realmente deixasse, o acontecimento se aproximaria. Mas como tenho medo, evito.

Uma vez, enquanto eu estava esperando um bonde, distraí-me tanto que quando dei fé, quando dei fé tinha vento na rua e nas árvores, e as pessoas estavam passando, e eu vi que os anos estavam passando, e um guarda fez sinal para uma mulher atravessar a rua. Então, o senhor entende? então senti que eu, eu estava ali – e foi por assim dizer a mesma coisa como se o acontecimento estivesse ali... Eu não sei sequer que acontecimento era, porque quase antes de senti-lo, eu já o reconhecia – e sem mesmo me dar o tempo de saber-lhe o nome, eu por assim dizer já tinha caído de joelhos diante dele, como uma escrava. Juro que não sei o que me deu, mas meu coração batia, eu era eu, e aquilo que tem que acontecer estava acontecendo.

O que a gente não entende, se resolve com amor.

Seu passado revelava-se tão cheio de possibilidades quanto o futuro. Oh mais que o futuro. Porque o passado tem a riqueza do que já aconteceu.

Havia pessoas assim: a vida era grande nelas mas isso não as deixava nervosas.

Não parecia precisar mais dele – como se tivesse escolhido viver da grande liberdade que se pode ter quanto ao que já aconteceu.

Olhando agora absorta ao redor de si, nem ela própria saberia de que modo tornar lógico e racional o fato de seu profundo amor estar espalhado, o fato do mistério estar guardado, o fato de uma vez ou outra o sinal da riqueza apontar num aviso, o fato dela ter sempre procurado, na sua vocação humilde, certa glória íntima. E de que modo tornar racional o fato de que tudo isso misturado era a fonte da beleza e da bondade austera de um santo, e no entanto era também a fonte de sofrimento de uma mulher, e como tornar racional o fato de que um rapaz diante da fogueira estava lhe esquentando hoje o rosto, e como explicar que ela esperava que algo um dia vencesse nela assim como um dia S. Jorge pisou o dragão, e como explicar que sozinha na fazenda ela era a rainha de um mundo onde de noite se podia olhar para as entranhas e não mais se surpreender – oh não mais se surpreender, porque uma pessoa não é ela mesma, uma pessoa é outra; e como tornar racional o fato de que sozinha ela estava caminhando para aquele pensamento que uma pessoa deve ter pelo menos uma vez na vida, e como explicar que amor não é só amor, amor era tudo isso, e quanto pesava, ah quanto pesava.

Sempre precisei de uma forma de viver.

Sou uma pessoa tão livre que procuro uma ordem onde aplicar minha liberdade.

As pessoas ruins são de uma tal ingenuidade!

O perigo está apenas nos atos das pessoas ruins pois estes têm consequência, mas elas próprias não são perigosas, são infantis, são cansadas, precisam dormir um pouco.

Foi quando o olhar de ambos se encontrou – e não há como fugir: nós todos sabemos as mesmas coisas.

“Não me compreenda porque senão... porque senão eu ficarei de novo livre.” E, oh Deus, ela não queria ter de novo a experiência da liberdade que a levaria a procurar de novo e de novo, e a gritar que não queria apenas um passado.

Sabia que, esquecendo o medo, iria de novo diretamente buscar o que pertence a uma pessoa.

E como tocar diretamente no dia de hoje, nós que somos hoje?

Só tinha coragem de olhar de frente quando já era impossível olhar de frente.

O tempo viera de tão longe para se esborrachar em: hoje! o urgente instante de agora.

Ser amada era tão mais grave que amar.

Por erro de vida – e bastava um erro, nessa coisa frágil que é a direção, para que a pessoa não chegue – por um erro de vida ela jamais usara o silencioso pedido que usamos e que faz com que os outros nos amem.

Oh Deus, que faço desta felicidade ao meu redor que é eterna, eterna, eterna, e que passará daqui a um instante porque o corpo só nos ensina a

ser mortal?

Tinha experiência de que, quando uma pessoa falhava, ela se tornava uma ameaça para os outros; temia a tirania dos que necessitam.

De agora em diante ele não precisaria mais ter voz de homem nem procurar agir como homem: ele o era.

Pela primeira vez se amava. O que significava que ele estava pronto para amar os outros, nós que nos fomos dados como amostra do que o mundo é capaz.

“Como é que pudera imaginar que o tempo acabara?”, bateu seu coração com vigor. Pois se apenas, apenas começara... Como se o tempo fosse criado pela liberdade mais profunda, agora de repente renascia-lhe o futuro. E ele – que estivera certo de que havia desistido de sua reconstrução – viu que apenas tinha tido a grande paciência do artesão, e via grato que soubera dormir, o que é a parte mais difícil de um trabalho.

Como se a pausa tivesse sido apenas a preparação de um pulo – inesperadamente se amadurecera o seu primeiro passo objetivo.

A palavra que ele esperara não lhe viera, pois, em forma de palavra. Ele a realizara com a inocência da força. Simplesmente assim: ele a realizara. E então, com a fatuidade necessária para criar, renascia-lhe o tempo inteiro, e ele sabia que tinha força de recomeçar. Pois – pois tendo chegado enfim plenamente a si mesmo, ele chegaria aos homens; e, jogando fora o tridente e trabalhando a nu, exposto e nu – ele se guiara até “transformar os homens”.

Não saber não tinha importância: agora seu futuro se tornara tão imenso que subia em vertigem à cabeça. O tempo estava maduro e a hora chegara:

era apenas isso o que lhe dizia o coração calmo e a brisa paciente, e o profundo amor que dele enfim se espalhou tranquilo como de algo enfim enraizado. É que até este momento ele nada poderia ter feito – enquanto não tivesse recuperado em si o respeito pelo próprio corpo e pela sua própria vida, que era o primeiro modo de respeitar a vida que havia nos outros.

Quando um homem se respeitava, ele então tinha enfim se criado à sua própria imagem.

Olhar os outros nos olhos. Sem o constrangimento do nosso grande equívoco, e sem a mútua vergonha.

E quanto a não entender os outros... Bem, isso já não teria sequer importância. Porque havia um modo de entender que não carecia de explicação. E que vinha do fato final e irredutível de se estar de pé, e do fato de outro homem também ter a possibilidade de ficar de pé – pois com esse mínimo de se estar vivo já se podia tudo. Ninguém teve até hoje mais vantagem que esta.

Tolice não entender. “Só não entende quem não quer!”

Entender é um modo de olhar. Porque entender, aliás, é uma atitude.

Já não pedia mais o nome das coisas. Bastava-lhe reconhecê-las no escuro.

De negação? Como compreender o significado desta palavra, se a negação – sua greve – subitamente lhe parecia agora o mais obstinado tremor da esperança.

E como um cego que tivesse recobrado a visão e não reconhecesse com os olhos aquilo que mãos sensíveis sabiam de cor, ela então fechou um

instante as pálpebras, tentando recuperar o conhecimento íntegro anterior; abriu-as de novo e procurou fazer das duas imagens uma só.

A bondade real é uma violência.

A nossa própria liberdade, que é grande demais e que, com minucioso esforço, diminuímos.

Fazemos de nós o homem que um outro homem possa reconhecer e usar; e por discrição, ignoramos a ferocidade de nosso amor.

Por delicadeza, passamos ao largo do santo e do criminoso.

Aplicamo-nos em dar de nós o que não espante, e quando se fala em heroísmo não entendemos.

Que todo o mundo sabe a verdade. E que o jogo era assim mesmo: agir como se não soubesse... Essa era a regra do jogo. Que estúpido ele tinha sido! pensou estarecido, abanando a cabeça com incredulidade. Que ridículo o seu, o de querer salvar uma coisa que estava se salvando. Todos sabem a verdade, ninguém a ignora!

Todos sabiam a verdade. E mesmo que a ignorassem, o rosto das pessoas sabia. Aliás, todo o mundo sabe tudo. E uma ou outra vez alguém redescobre a pólvora, e o coração bate. A gente se atrapalha é quando quer falar, mas todo o mundo sabe tudo.

Só os impacientes não entendiam as regras do jogo. Ele pensara que as florestas dormiam intocadas, e de súbito descobria, pela cara com narizes que as pessoas têm, descobria que silenciosamente as formigas estavam roendo a floresta toda, diabo! nós somos intermináveis! O que ele não entendera é que havia um pacto de silêncio. E ridiculamente heroico viera

com suas palavras. Outros, antes dele, já haviam tentado quebrar o silêncio. Ninguém conseguira.

Ele não estava com medo de ser tolo. Oh, como explicar que tudo estava certo? Iniciado agora no silêncio – mas no silêncio dos outros homens – ele não sabia mais como se explicar, só sabia que se sentia cada vez mais um homem, cada vez mais ele se sentia os outros. O que, ao mesmo tempo que lhe parecia a grande decadência e a queda de um anjo, pareceu-lhe também uma ascensão. Mas isso só entende quem, em esforço impalpável, já se metamorfoseou em si mesmo.

Eles protegeriam com a ignorância o fardo, sem abrir-lhes o mistério, levando-o intato e assim por diante etc. Uma vez ou outra, então alguém inventava uma vacina que curava. Uma vez ou outra o governo caía. Às vezes a mulher parava de gritar e nascia um menino. Que diabo!

Eu tinha o direito de ser heroico! pois foi o herói, em mim, que fez de mim um homem!”

Restos transfigurados de civismo e de colação de grau, leiteiros que não falham e entregam diariamente o leite, coisas assim que parecem não instruir, mas instruem tanto, uma carta que nunca se pensou que viria e que vem, procissões que dão voltas lentas pela esquina, as paradas militares onde uma multidão inteira vive da seta que lançou – aquele homem estava recuperando tudo de cambulhada. A memória termina voltando.

Tem uma coisa que nunca saberemos, você sente isso, não sente?

Fazia questão cerrada de reduzir tudo o que lhe acontecera a alguma coisa compreensível pelos milhões de homens que vivem da lenta certeza que avança, pois esses homens se arriscaram também. E não podiam ser

perturbados no seu trabalho de sono, e não deveriam jamais ter a certeza estremecida – sem que isto constituísse o crime maior.

Queria entrar na festa a todo custo, mas tudo o que fazia era apenas espalhafatoso, por mais discreto que fosse.

Estava oferecendo vender a própria alma, contanto que a comprassem.

Que hoje fosse ele a pagar a bebida de todos, e que bebessem à vontade, e depois ele nem ao menos confessaria que ficara sem dinheiro – e então também ele teria um segredo de sacrifício, como os outros têm.

Se tivesse cometido apenas um crime passional teria evitado o crime maior: o de duvidar. E afinal, a verdade é coisa secundária – se se quiser o símbolo.

Sem exagerar, como viver? Como atingir, sem exagerar? O exagero era o único tamanho possível para quem era pequeno; preciso me exagerar – senão que é que faço de mim pequeno?

“A coisa se faria muito certa” se ele se mostrasse de repente nu – e os outros desviassem os olhos sem ao menos uma reprovação: apenas demonstrando em silêncio que também não é assim não, e que a nudez é um caso puramente pessoal.

Como é que um homem se torna o outro homem? Como? Por um ato de amor.

Pronto, acabou-se! não se fala mais nisso, está bem? vamos esquecer o que se passou, nem se toca mais no assunto! matei, não foi? pois então matei! aliás nem matar matei! mas também ninguém precisa ficar magoado comigo, o que passou, passou! vamos tocar para a frente!

Eles tinham a grande vantagem prática de serem milhões; para cada milhão que errava, outro milhão se erguia. E alguma coisa sucedia através deles – devagar demais para a impaciência – mas sucedia. Só a impaciência do desejo lhe dera a ilusão de que o tempo de uma vida era tempo bastante. “Para a minha vida pessoal pedirei socorro ao que já morreu e ao que nascerá, só assim terei vida pessoal”, e só assim a palavra tempo teria o sentido que um dia ele adivinhara.

Através de um raciocínio muito complicado, tinha chegado à conclusão de que fora uma bênção ele ter errado, porque, se tivesse acertado, provar-se-ia que a tarefa de vida era para um homem só – o que, contraditoriamente, faria com que a tarefa não se fizesse... Um homem sozinho chegava apenas a uma beleza superficial, como a beleza de um verso. Que, afinal, não se transmite pelo sangue. (Mentira! ele sabia que chegara a muito mais que isso.) Um homem sozinho tinha a impaciência de uma criança, e, como uma criança, cometia um crime, e depois olhava as mãos e via que nem sangue tinha nas mãos mas apenas tinta vermelha, e dizia então: “não sou nada.”

O único modo de descobrir era, aliás, reconhecer.

Ele teve a certeza. Como? Oh, vamos dizer que uma pessoa tivesse um cérebro matemático mas ignorasse que existem números – de que modo então essa pessoa pensaria? tendo a certeza! Oh, também a esperança é um pulo.

Ele sabia a verdade. Embora nunca pretendesse pronunciá-la, nem sequer sozinho consigo mesmo, pois, como se disse, ele se tornara um sábio – e a verdade, quando pensada, é impossível.

Diabo! A verdade foi feita para existir! e não para sabermos. A nós, cabe apenas inventá-la. A verdade... – bem, simplesmente, a verdade é o que é.

A verdade nunca é aterrorizante, aterrorizantes somos nós.

Quem não acreditar que a verdade acontece que veja uma galinha andando por força do desconhecido.

De início, não sabendo que fazer com o amor.

Ele atingira uma impersonalidade dentro de si: ele fora tão profundamente ele mesmo, que se tornara o “ele-mesmo” de qualquer outra pessoa, assim como a vaca é a vaca de todas as vacas.

Acabara de atingir a impersonalidade com que um homem, caindo, um outro se levanta. A impersonalidade de morrer enquanto outros nascem.

Que coisa estranha: até agora eu parecia estar querendo alcançar com a última ponta de meu dedo a própria última ponta de meu dedo – é verdade que nesse extremo esforço, cresci; mas a ponta de meu dedo continuou inalcançável. Fui até onde pude. Mas como é que não compreendi que aquilo que não alcanço em mim... já são os outros? Os outros, que são o nosso mais profundo mergulho! Nós que vos somos como vós mesmos não vos sois.

“Conto com vocês”, se disse tateando, “conto com vocês”, pensou grave – e essa era a forma mais pessoal de uma pessoa existir.

Nós que, como o dinheiro, só temos valor enquanto inteiro.

Adiando *sine die* o mistério, essa era a hora imediata de um homem.

Ser “bom” era afinal de contas o único modo de ser os outros.

Estava pronto para sentir a fome alheia como se seu próprio estômago lhe transmitisse a imperiosa ordem absoluta de viver.

E se, como toda pessoa, ele era uma ideia preconcebida, e se saíra de casa para saber se era verdade o que preconcebera – era verdade, sim. De algum modo, o mundo estava salvo. Havia pelo menos uma fração de segundo em que cada um salvava o mundo.

“A diferença entre eles e mim, é que eles têm uma alma, e eu tive que criar a minha. Eu tinha que criar para eles e para mim o lugar onde eles e eu pisávamos. Como o processo é sempre misterioso, não sei nem ao menos dizer de que modo o fiz: mas esses homens, eu os pus de pé dentro de mim. Para dizer a verdade, não tenho a menor vergonha de, não sendo nada, ser tão poderoso: é que nós somos modestamente o nosso processo.

Talvez mentir seja o nosso mais agudo modo de pensar.

Sinto, também em mim! a inocência e o silêncio dos outros.

Entrego a nós todos a tarefa de viver.

Somos as nossas testemunhas, não adianta virar o rosto para o outro lado.

Só alguns sentem a danação de procurar compreender a compreensão.

O homem que ele inventara estava aquém... ora, estava aquém do que ele mesmo era!

Estaria ele por acaso descobrindo a pólvora? Mas talvez seja assim mesmo: todo homem tem que um dia descobrir a pólvora. Ou então não houve experiência.

E seu fracasso? como se conciliar com o próprio fracasso? Bem, toda história de uma pessoa é a história de seu fracasso.

Estamos doentes de amor.

As pessoas são tão exigentes! comem o pão e têm nojo dos que pegaram na massa crua, e devoram a carne mas não convidam o açougueiro.

As pessoas pedem que se lhes esconda o processo. Só Deus não teria nojo de seu torto amor.

Somos inteligentes demais para a nossa lentidão.

Que seria afinal de nós se não usássemos, como Deus, a obscuridade?

Descobriu – sozinho e sem auxílio de ninguém! – que Deus e as pessoas escrevem por linhas tortas! “Se escrevem direito, lá isso não me cabe julgar, quem sou eu para julgar”, concedeu com magnanimidade, “mas por linhas tortas”. E isso – isso ele descobriu sozinho!

Uma pessoa era fatalmente perfeita já que chegara ao ponto de viver, quando uma coisa chegava a nascer é porque já era completa.

Queria ser a criança dos homens e aprender tudo de novo, e obedecer e ser severamente castigado se não obedecesse, e queria entrar naquele mundo que tinha a vantagem eminentemente prática de existir, que digo eu?! vantagem aliás insubstituível!

Entrou de novo no mundo dos outros, de onde saíra para reconstruir. E reencontrou com humildade farejante – como um cão sem dentes mas com dono! – o mundo velho, onde ele era enfim alguma coisa, nós que precisamos ser alguma coisa que os outros vejam, senão os próprios outros correrão o risco de não serem mais eles mesmos.

As coisas se desmancham facilmente em certa bondade preguiçosa, em certa meditação vazia – que muitas vezes resulta em cada um voltar para casa e, enfim acordado de uma miragem, recomeçar a fazer o que realmente importa? E o que é que realmente importa? Não sei, talvez sentir

com bondade irônica esse modo como as coisas mais reais e que mais queremos de repente parecem um sonho, e isso simplesmente porque sabemos muito bem que... que o quê?

Ele se dava conta de muita coisa: de que certamente parecia abobalhado aos olhos dos outros; de que ele próprio estava voluntariamente se abobalhando; de que muitas das emoções que estava sentindo não eram verdadeiras; de que estava fingindo a verdade como modo de atingi-la. E de que estava à beira de um desastre, e que poderia de repente começar a tremer com febre ou então sentir de repente na própria carne a realidade do que lhe estava acontecendo.

Usei tudo o que pude, menos – menos a imaginação! simplesmente me esqueci! E imaginar era um meio legítimo de se atingir.

Como não havia modo de escapar à verdade, podia-se usar a mentira sem escrúpulos.

Fora mediocrementemente honesto com uma coisa que é grande demais para que possamos ser honestos com ela, nós que temos da honestidade a ideia que dela fazem os desonestos.

Escreveria na prisão a história muito torta de um homem que teve... Teve o quê? Digamos: pena e espanto?

Juro que no meu livro terei a coragem de deixar inexplicado o que é inexplicável.

Por ser difícil de resumir é que ele usaria tantas palavras, tantas a ponto de se formar um livro de palavras.

Gostava de quantidade também, não só de qualidade, como se diz de goiabada.

O que é maior é sempre melhor do que é menor, embora nem sempre.

De algum modo cada um de nós oferecia sua vida a uma impossibilidade. Mas era verdade também que a impossibilidade terminava por ficar mais perto de nossos dedos que nós mesmos, pois a realidade pertence a Deus.

Temos um corpo e uma alma e um querer e os nossos filhos – e no entanto o que verdadeiramente somos é aquilo que o impossível cria em nós.

Não sabia senão por alto o que seria esse livro dedicado aos nossos crimes. De uma coisa, porém, estava serenamente quase certo, embora cautelosamente vago: terminaria o livro com uma apoteose, desde menino sempre tivera certa tendência para a celebração, o que era a parte mais generosa de sua natureza: essa tendência ao grandioso. Mas, afinal, tudo o que a gente tenta é mesmo preparar um *finale* perfeito. No que, é verdade, há o perigo de se começar a falar alto, e, afinal, só a doçura é potência.

Quis foi pobreza e doçura. Estava mole, cansado, ele queria... que é que ele queria? Que é que eu quero? Oh Deus, ajude-o, ele não sabe o que quer.

Que é mesmo que ele queria? não sabia, uma pessoa substitui tanto que termina por não saber.

Afinal tudo, em última análise, se reduz a sim ou não. Ele queria “sim”.

Estava nauseado de ser gente: engolira mais do que pudera digerir.

Para encontrar essa paz, teria que esquecer os outros.

Para encontrar esse refúgio, teria que ser ele mesmo: aquele ele mesmo que nada tem a ver com ninguém.

Que tenho a ver com os outros! Há um lugar onde, antes da ordem e antes do nome, eu sou! e quem sabe se esse é o verdadeiro lugar-comum que saí para encontrar? esse lugar que é nossa terra comum e solitária, e aí é apenas como cegos que nos apalpamos – mas não é só isso o que queremos? Eu te aceito, lugar de horror onde os gatos miam contentes, onde os anjos têm espaço para na noite bater asas de beleza, onde entranhas de mulher são o futuro filho e onde Deus impera na grave desordem da qual somos os felizes filhos.

Havia dentro de uma pessoa um lugar que era pura luz, mas não reverberava nos olhos nem os empanava; era um lugar onde, fora de brincadeira, se é; onde, sem a menor pretensão, se é; onde, modéstia à parte, se é; e também não vamos fazer, do fato de ser, cavalo de batalha! não vamos complicar a vida: pois a este tranquilo gozo temos direito! E nem é coisa sobre a qual se possa sequer discutir pois, além do mais, falta-nos a capacidade do argumento – e, para falar a verdade, muito antes de sabermos, já os cães se amavam; afinal, por direito de nascença, temos direito de ser o que somos – então vamos aproveitar, não vamos exagerar o fato dos outros serem importantes! pois existe em mim um ponto tão sagrado como a existência dos outros, os outros que se arranjam! um homem tem por nascença o direito de dormir tranquilo – porque as coisas também não são assim tão perigosas e o mundo não acaba amanhã, o medo confundiu um pouco a realidade com o desejo, mas o cão em nós conhece o caminho, que diabo! que culpa tenho eu da cara silenciosa dos homens, é preciso também confiar um pouco, pois nós, graças a Deus, temos fortes instintos e bons dentes, sem falar na intuição, e afinal temos por nascença essa capacidade de nos sentarmos de noite calados à porta de casa.

Algumas ideias, e o espanto. O espanto, a cólera, o amor, e então a porta da casa se torna pequena, e não bastam esses sentimentos e esses direitos, falta nascer alguma coisa a mais... Que é que falta? Quando a casa própria

se torna pequena, o homem parte de madrugada para trazer de volta alguma coisa.

Ele que passara a vida toda sem saber que fazer do fato de ser pequeno, e que agora enfim achara o que fazer de si, pequeno como era – agregar-se aos pequenos. Ele se refez rápido – agora que tinha chegado finalmente a sua vez de uma apoteosezinha!

Consegui a experiência, que é essa coisa para a qual a gente nasce; e a profunda liberdade está na experiência. Mas experimentar o quê? experimentar essa coisa que nós somos e que vós sois? É verdade que a maior parte do modo de experimentar vem com dor, mas também é verdade que esse é o modo inescapável de se atingir o único ponto máximo, pois tudo tem um único ponto máximo, e cada coisa tem uma vez, e depois nos preparamos para a outra vez que será a primeira vez – e se tudo isso é confuso, nisso tudo somos inteiramente amparados pelo que somos, nós que somos o desejo.

Muitas vezes nossa liberdade é tão intensa que desviamos o rosto.

É como se a maldade fosse a mesma coisa que a bondade, apenas com resultados práticos diversos: mas vem do mesmo desejo cego, como se a maldade fosse a falta de organização da bondade; muitas vezes a bondade muito intensa se transborda em maldade. Sendo que a maldade, naturalmente, é mais rápida como meio de comunicação.

Organizarei minha maldade em bondade, agora que não tenho mais a mesma voracidade de ser bom.

Agora entraria numa guerra de vingança ou de bondade ou de erro ou de glória, e que estou pronto para errar ou acertar, agora que enfim sou comum.

Por mais liberdade que tivesse, ele só poderia criar o que já existia. A grande prisão.

E acrescentara ao que existia, algo mais: a imaterial adição de si mesmo.

Qualquer transformação no rito torna um homem individual, o que deixa em perigo a construção toda e o trabalho de milhões.

Qualquer erro na frase torná-la-ia pessoal. E, francamente, não havia necessidade de ser pessoal: se não fosse essa teimosia, a pessoa descobriria que já existem fórmulas perfeitas para tudo o que se queira dizer: tudo o que se quisesse que um dia viesse a existir, na verdade já existia, a própria palavra era anterior ao homem.

Toda a questão está em saber profundamente como imitar, pois quando a imitação é original ela é a nossa experiência.

Não seria a ausência de palavras que faria deixar de existir o que estava existindo, e a planta sente quando o vento é escuro porque ela estremece, e o cavalo no meio do caminho parece ter tido um pensamento, e quando os ramos da árvore se balançam no entanto não houve uma só palavra, e um dia se há de descobrir o que nós somos.

O futuro era um parto difícil: num movimento de animal ela apertou o ventre, onde por destino uma mulher dói.

Já tinham sido esculpidas imagens de mulheres e de homens ajoelhados, havia um longo passado de perdão e amor e sacrifício, não era coisa de que se pudesse escapar.

Há gestos que se podem fazer, ainda há gestos que se podem fazer.

Então já era felizmente tarde demais: alguma coisa essencial se tinha feito. O que realmente acontecera – não se sabe, sobretudo nenhum dos dois sabia, a gente substitui muito. Acontecera algo essencial que eles não compreendiam e estranhavam, e que possivelmente não é para ser compreendido, quem sabe se o essencial não foi destinado a ser compreendido, se somos cegos por que insistimos em ver com os olhos, por que não tentamos usar estas nossas mãos entortadas por dedos? por que tentamos ouvir com os ouvidos o que não é som? E por que tentamos, de novo e de novo, a porta da compreensão? o essencial é destinado apenas a se cumprir, glória a Deus, glória a Deus, amém.

Um dos indiretos modos de entender é achar bonito. Do lugar onde estou de pé, a vida é muito bonita. Um homem, impotente como uma pessoa, se ajoelhou. Uma mulher, ofendida no seu destino, erguera a cabeça sacrificada pelo perdão. E, por Deus, algo acontecera. Algo acontecera com cuidado, para não ferir a nossa modéstia.

Os dois evitaram se olhar, emocionados com eles próprios, como se enfim fizessem parte daquela coisa maior que às vezes chega a conseguir se exprimir na tragédia. Como se houvesse atos que realizam tudo o que não se pode, e o ato transpõe o poder; e quando este se cumpre, realiza-se alguma coisa que o pensamento não faria, nós que somos de uma perfeição atroz – e a dor é que não estamos à altura de nossa perfeição; e quanto à nossa beleza, nós mal a suportamos.

Olhou neste momento para os sapatos, oh por que disfarçamos tanto? encabulado na hora de sua morte, ele seria capaz de disfarçar assobiando.

Mesmo coberta de ridículo e de trapos, a mímica da ressurreição se tinha feito. Essas coisas que parecem não acontecer, mas acontecem.

Como explicar – sem a ressurreição e sua glória – que aquela mulher ali mesmo tivesse nascido para a vida diária; que ela, ali em pé, enfim, enfim nascida para o mistério da vida diária, fosse a mesma que amanhã daria ordens a Francisco.

Como explicar que aquela mulher ferida, e talvez só porque fora mortalmente ferida, fosse a mesma que amanhã se voltaria para o plantio, de novo inteira como uma mulher que teve um filho e cujo corpo de novo se fechou?

A ressurreição, como fora prometida, se fizera. Desimportante como mais um milagre. Cuidadosamente discreta para não nos escandalizar. Exatamente como nós nos prometemos; e podeis deixar a nós a tarefa, e Deus é nossa tarefa, nós não somos a tarefa de Deus. Podeis deixar a nós a vida, oh nós bem sabemos o que fazemos! e com a mesma impassibilidade com que os mortos deitados sabem tão bem o que fazem.

Consegui o que queria. Não era muito. Mas afinal de contas é tudo, não é? Diga que é. Diga. Faça esse gesto, aquele que custa mais, o mais difícil, e diga: sim.

“Sim” é, afinal, o conteúdo do “não”.

De algum modo ele entendeu! Ele compreendeu como se compreende um número: é impossível pensar num número em termos de palavras, é apenas possível pensar num número com este próprio número. E foi desse modo inescapável que ele compreendeu – e se tentasse saber mais, então – então a verdade se tornaria impossível.

Era na sua própria extrema carência que ele tinha esperança. Como se um homem fosse tão pobre que – que “assim não pode ser”. Havia uma lógica

secreta nesse pensamento absurdo, só que ele não conseguia tatear e localizar essa lógica impalpável.

Há alguma coisa que nunca saberemos.

Foi então que o homem de repente se animou de fato, e fungou. Não há dúvida, também concordo: a coisa é ilógica, e ter esperança é ilógico, pensou animadíssimo, pagando a bebida de todos. É tão ilógico, pensou ele sabido, como dois-e-dois-são-quatro, que até o dia de hoje ninguém jamais provou. Mas se na base de dois-e-dois-são-quatro você pode construir a própria realidade, então, por Deus, por que ter escrúpulos? Ora, se a coisa é assim mesmo, vamos aproveitar, pessoal! que a vida é curta!

Ele estava tentando diverti-los e alegrá-los, e a impossibilidade faz o palhaço – ele estava dando por amor, por puro amor – Amor! – uma cambalhota para diverti-los, oh divertir os outros é um dos modos mais emocionantes de existir, é verdade que às vezes os artistas de rádio se exacerbam e se suicidam, mas é que às vezes se entra em contato com a dificuldade do amor.

Bem que ele tentou raciocinar a esperança, oh bem que ele tentou. Mas, em vez de pensar no que se propôs pensar, pensou como uma mulher ocupada: “explicar nunca levou ninguém a nenhum lugar, e entender é uma futilidade”, disse ele como uma mulher ocupada em dar de mamar ao filho.

“Não ter esperança era a coisa mais estúpida que podia acontecer a um homem.” Seria o fracasso da vida num homem. Assim como não amar era pecado de frivolidade, não ter esperança era uma superficialidade. Não amar, era a natureza errando. E quanto à perversão que havia em não ter esperança? bem, isso ele entendeu com o corpo. Além do mais – em nome

dos outros! – é pecado não ter esperança. Não se tinha direito de não ter. Não ter esperança é um luxo.

Sabia que sua esperança escandalizaria os otimistas. Ele sabia que os otimistas o fuzilariam se o ouvissem. Porque a esperança é assustadora. Há que ser homem para ter a coragem de ser fulminado pela esperança.

– Você está consciente, meu filho, do que está fazendo?

– Você está consciente de que, com a esperança, você nunca mais terá repouso, meu filho?

– Você está consciente de que, com a esperança, você perderá todas as outras armas, meu filho?

– Você sabe que esperança é também aceitar não acreditar, meu filho?

– Você está consciente de que acreditar é tão pesado a carregar como uma maldição de mãe?

– Você sabe que o nosso semelhante é uma porcaria?

– Você sabe que você também é uma porcaria?

Você sabe que não me refiro à baixeza que tanto nos atrai e que admiramos e desejamos, mas sim ao fato de que o nosso semelhante, além do mais, é muito chato?

– Você sabe que esperança consiste às vezes apenas numa pergunta sem resposta?

– Você sabe que no fundo tudo isso não passa de amor? do grande amor?

Você sabe que a pessoa pode encalhar numa palavra e perder anos de vida? E que esperança pode se tornar palavra, dogma e encalhe e sem-vergonhice? Você está pronto para saber que olhadas de perto as coisas não têm forma, e que olhadas de longe as coisas não são vistas? e que para cada coisa só há um instante? e que não é fácil viver apenas da lembrança de um instante?

Você sabe qual é o músculo da vida? se você disser que sabe, você está ruim; se você disser que não sabe, você está ruim.

– Você está disposto a aceitar o duro peso da alegria?

– Você ao menos sabe que esperança é o grande absurdo, meu filho?

Quem sois? Eram caras com narizes.

Havia a descontinuidade: mal começara, e já havia a descontinuidade.

E – e poderei amar essa coisa que sois?

Aleluia, aleluia, estou de novo com fome. Com tanta fome que preciso ser mais de um, preciso ser dois, dois? não! três, cinco, trinta, milhões; um é difícil de carregar, preciso de milhões de homens e mulheres, e da tragédia da aleluia.

Não creio, disse ele com fome, procurando na cara dos homens aquilo que um homem procurara.

E ele – ele simplesmente não acreditava. *Eppur, si muove*, disse com uma teimosia de burro.

Em nome de Deus, eu vos ordeno que estejais certos. Porque toda uma carga preciosa e podre estava entregue nas mãos deles, uma carga a jogar

no mar, e muito pesada também, e a coisa não era simples: porque essa carga de culpa devia ser jogada com misericórdia também. Porque afinal não somos tão culpados, somos mais estúpidos que culpados. Com misericórdia também, pois.

Eu, meu filho, eu só tenho fome. E esse modo instável de pegar no escuro uma maçã – sem que ela caia.

PONTUAÇÕES

por Roberto Corrêa dos Santos

I

Este livro dá prosseguimento ao trabalho anterior realizado para fins de curadoria das frases de Clarice e colhidas em parte significativa de sua obra; de tal empenho emergiu o *As palavras*, publicado em 2013, também pela Editora Rocco. Indo aos livros não vistos antes [*Laços de família* (1ª ed; 1960), *Felicidade clandestina* (1ª ed; 1971); *Minhas queridas* (1ª ed; 2007); *Cartas perto do coração/Fernando Sabino, Clarice Lispector* (1ª ed; 2001); *O lustre* (1ª ed; 1946); *A cidade sitiada* (1ª ed; 1949); *A maçã no escuro* (1ª ed; 1961)] fez-se *O tempo*, este exemplar sublime em suas mãos, leitor.

Como lá, em *As palavras*, tomou o curador a delicada tarefa como um ato de curadoria de artista, ou seja, tratar o livro, e bem um livro de tal natureza de existência e força, como um campo expositivo, isso tanto para *As palavras*, quanto para *O tempo*: em ambos, tudo se passa para além da expressão e do expressar, pois se situa o dizer, em escrita clariciana, como espécies raras de fazer emergir nas páginas aquele estado mágico e artístico de engravidamentos de sensações e saberes, sensações e saberes matéricos e imatéricos a um só instante.

Cortar por amor como ato de leitura solene foi o método – disse o curador isso antes, em *As palavras* – a norteá-lo, mantendo-se leal à delicadeza de alma que Clarice firma em sua diferida e ardente escritura; aqui pois: mais que frases, mais que enunciados, mais que pensares: aparições.

A soberania – verbal, plástica, afetiva, filosófica, poética e artística – de Clarice redeclara-se com grande rigor em *O tempo*: quase não há neste livro como apagar o fato de que a intensiva propriedade verbo-gestual do escrever mantém-se arduamente cosida à vida da mente e dos afetos (variáveis, móveis, oximóricos) pertencentes agudamente às figuras das narrativas, figuras ficcionais – personas, máscaras de vivências, jamais antes presentes de semelhante modo em pensamentos, marcas e gestos na literatura feita no Brasil ou mesmo fora dele. Os dizeres das personagens são admiráveis obras de arte contemporâneas, contemporâneas especialmente pelo fulgor extemporâneo que atingem; também em *O tempo*, inquietudes, avisos, paixão: viver, pensar, sentir, e os tantos sentidos pós-humanos seus.

Decidiu o curador (a) por ter as frases iniciadas sempre por maiúscula, encerrando-se por ponto final, desde que interrompidas em seu todo discursivo; (b) por eliminar o parêntese em frases parentéticas que não foram integralmente postas.

O curador de *O tempo* não saberia bem responder sobre a dificuldade específica de curar esta edição; o curador não saberia como nomear o que se deu ao morder *A maçã no escuro*, ao tombar de *O lustre* – livros por demais raros e audazes e difíceis: verdadeiras armas de guerra, nenhuma brandura, exigentes rigores; as sentenças – constituídas por fluxos e belezas nascidos menos da literatura e mais dos motores da sensação e dos instrumentos de filtragem dos afetos fortes, bravos, quase brutais – um fervor de ideias sobre ideias, de imagens sobre imagens, de fúrias sobre fúrias, um incêndio verbal sem tamanho, e assim, para quem lê o gozo totalmente gozo.

Vale outra vez lembrar que Clarice descreveu, em sonho premonitório (tal se encontra em *As palavras*), os atos exercidos hoje na Web, valendo-se de ditos não seus, mas postos como se a ela pertencentes. Em 1974, narra: “Acordei com um pesadelo terrível: sonhei que ia para fora do Brasil (vou

mesmo em agosto) e quando voltava ficava sabendo que muita gente tinha escrito coisas e assinava embaixo o meu nome. Eu reclamava, dizia que não era eu, e ninguém acreditava, e riam de mim. Aí não aguentei e acordei. Eu estava tão nervosa e elétrica e cansada que quebrei um copo.”

Em *O tempo*, a alta Clarice vai além de todo espanto, além de toda beleza: atinge o inatingível – o sobre-humano; em *O tempo* mais provas de. E agora provas do abissal, meios de alargar-se. Ousemos.

II

E ainda: *O tempo*

Desfaz as ideias de intimismo, de eu, de indivíduo, de identidade, pois consistem em modos unitários de existência e, assim, tendem a enfraquecer tanto a saúde da vida quanto a saúde da arte, da arte da letra e da arte em geral.

Monta-se de estados frasais irradiantes, e do arranjo desses estados gera-se sua diversa e sutil e esplendorosa sabedoria artística composta de silêncios e, subitamente, de gritos e iluminações.

Opera com uma atitude discursiva outra, capaz de construir surtos das imagens a se expandirem por meio de recursos provindos do *como se* (princípio do comportamento do fictício), da *alusão* (princípio do movimento do repetir e repetir até gerar-se o impossível definir de algo, senão pela diferença que o repetir acaba por gerar) e da *tautologia* (princípio de algo só se reconhecer em sua redundância congênita: isto é isto).

Diz por toda parte seu grande sim a amar, seu grande sim a ser amada; e tal liga-se a afetos como entrega, alegria, comunhão, sabendo sempre,

entretanto, proteger-se do que chama de a mão indelicada do amor, mão também ao amor pertencente em seu avesso.

Dedica-se ao experimentar, o que significa valer-se do exato trunfo do desconhecer, do não saber, do ampliar-se acatando as tantas validades existenciais dos riscos.

Propõe mais do que olhar de frente: ir para o dentro-fora do que, reduzida a luz, bem permite abocanhar o que ela nomeia de neutro, plasma, coisa.

Desfaz-se a toda hora do 'estilo'; o estilo só lhe interessaria se visto com traço capaz de anunciar uma marca inscrita a fogo nas regiões secretas de uma arte e de uma existência.

Age conclamando inteligências verbais que à escrita mesma surpreendam por sua radical capacidade de abrigar, unidas, forças filosóficas, poéticas, plásticas, existenciais – políticas.

Traz à vista seu processo, processo a compor-se da potência intuitiva e conceitual de produzir não por vontade de contar um caso, mas por valer-se do fato para que, simplesmente, naquele espaço de um-ir-quase-acontecendo, algo brote (justo a frase!): e espalhe na página o pensar ardente, grafado e vivo.

Pede do leitor maior atenção para as possibilidades não imediatas de um texto, incluindo aí os restos, as respirações, os tempos mudos e, também, maior escuta das diferentes espécies de silêncio que articulam de um só golpe palavras e afetos, fazendo com que corpos (o corpo de quem diz e o corpo de quem no escutar se encontra) se unam, e se atritem: e cresçam juntos.

Copyright © 2014 by Clarice Lispector
e herdeiros de Clarice Lispector

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Curadoria: Roberto Corrêa dos Santos

Preparação de originais: Julia Wähmann

Coordenação Digital
LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital
JOANA DE CONTI

Revisão de arquivo ePub
PENHA DUTRA

Edição Digital: julho, 2015

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

T279

O tempo de Clarice Lispector [recurso eletrônico] / curadoria Roberto Corrêa dos Santos. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2015.

recurso digital

ISBN 978-85-8122-557-9 (recurso eletrônico)

1. Lispector, Clarice, 1920-1977. 2. Literatura brasileira. 3. Livros eletrônicos. I. Santos, Roberto Corrêa dos.

15-21901

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

A AUTORA

Uma escritora decidida a desvendar as profundezas da alma. Essa é Clarice Lispector, que escolheu a literatura como bússola em sua busca pela essência humana. Sua tentativa de transcender o cotidiano revela-se em personagens na iminência de um milagre, uma explosão ou uma singela descoberta. Todos suscetíveis aos acontecimentos do dia a dia. Vidas que se perdem e se encontram em labirintos formados por uma linguagem única, meticulosamente estruturada. E é por essa linguagem que Clarice Lispector constrói uma obra de caráter tão profundo quanto universal.

O CURADOR

Roberto Corrêa dos Santos é semiólogo, teórico da arte, escritor e artista visual; é também professor de Estética e de Teoria da Arte do Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, pesquisador do CNPq e procientista pelo Programa Prociência (FAPERJ/UERJ). Ministrou cursos de Teoria da Literatura, de Semiologia e de Literatura Brasileira na Graduação e na Pós-Graduação em Letras da PUC-Rio e da UFRJ. Escreveu a primeira dissertação de mestrado dedicada a Clarice Lispector. Atualmente, investiga e realiza trabalhos que envolvem elos entre arte e escritura.